

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ**  
**CAMPUS DE UNIÃO DA VITÓRIA**  
**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA**

**DISPOSIÇÃO PARA O PRECIPÍCIO: A FILOSOFIA NO ENSINO  
ENGENDRADA PELA POESIA**

**BRUNA GABRIELA DOMINGUES**

**UNIÃO DA VITÓRIA, PR**

**2019**

**BRUNA GABRIELA DOMINGUES**

**DISPOSIÇÃO PARA O PRECIPÍCIO: A FILOSOFIA NO ENSINO  
ENGENDRADA PELA POESIA.**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Filosofia – (PROF-FILO), núcleo da Universidade Estadual do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Dr. Estevão Lemos Cruz.

**UNIÃO DA VITÓRIA, PR**

**2019**

D671d Domingues, Bruna Gabriela  
2019 Disposição para o precipício : a filosofia no ensino engendrada pela poesia / Bruna Gabriela Domingues ; orientador: Doutor Estevão Lemos Cruz. – União da Vitória, PR, 2019.  
137 f. il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado Profissional em Filosofia) – Universidade Estadual do Paraná, 2019.  
Bibliografia: f. 126-128

1. Filosofia – Estudo e ensino. 2. Poesia – Filosofia. 3. Psicagogia. I. Cruz, Estevão Lemos. II. Universidade Estadual do Paraná. Programa de Mestrado Profissional em Filosofia. III. Título.

CDD 100

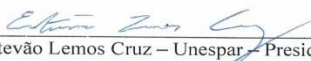
**Ata da defesa de dissertação de mestrado**

Aos 29 dias do mês de abril do ano de 2019, às 20h:30min nas dependências da Universidade Estadual do Paraná, *campus* de União da Vitória, reuniram-se os membros da banca examinadora composta pelos (as) professores (as): Estevão Lemos Cruz (Orientador), Wagner Dalla Costa Félix e Giselle Moura Schnorr, a fim de argüirem o(a) mestrando(a) Bruna Gabriela Domingues sobre a apresentação da dissertação intitulada: "Disposição para o precipício: a filosofia no ensino engendrada pela poesia". A sessão foi aberta pelo presidente e orientador, sendo que coube ao candidato expor o tema de sua dissertação dentro do tempo determinado. Ao final da apresentação, o(a) candidato(a) foi arguido(a) pelos examinadores que, em seguida, consideraram o trabalho de pesquisa:


(X) Aprovado. ( ) Reprovado.

Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada às 22h34, dela sendo lavrado a presente ata, que segue assinada pela Banca Examinadora e pelo candidato. O(a) candidato(a) está ciente de que deve entregar a versão final, com as devidas correções se necessário, dentro do prazo de 90 dias, considerando as normas do programa.

**Banca Examinadora:**

  
Prof. Dr. Estevão Lemos Cruz – Unespar – Presidente e orientador

  
Prof. Dr. Wagner Dalla Costa Félix – UEM – Membro Externo

  
Profa. Dra. Giselle Moura Schnorr – Unespar – Membro do Programa

**Candidato (a):**



União da Vitória, 29 de abril de 2019.

*Ubuntu:* Sou o que sou porque nós somos!

A todos vocês, meus alunos. Aos que foram, aos que são, e aos que virão.

A todos os que acreditam, sonham e lutam, por uma educação melhor.

## ***AGRADECIMENTOS***

Agradeço, inicialmente minha família, minha base. Obrigada por todo amor, carinho, paciência e apoio nessa trajetória. Minha querida mãe, Marli da Silva Portes, luz da minha vida, mulher de força incondicional. Obrigada por seu exemplo de amor, sensibilidade e resiliência. Sem você nenhum esforço meu valeria a pena. Meus amados irmãos, André Luan Domingues Paola Ariely Domingues e Laudemir Domingues Júnior, agradeço por todo amor, companheirismo e apoio. Obrigada por serem meu porto seguro. André, um dos homens que mais admiro no mundo, meu maior exemplo. Paola, minha maior confidente, companheira, grande mulher da qual eu me orgulho muito. Júnior, sem seu apoio e amor eu não teria chegado até aqui, é um presente para mim poder te amar. Agradeço também a minha tia Lu, a luz da nossa casa, obrigada por me fazer uma pessoa melhor, a enfrentar os baques da vida sem medo. Agradeço a Jamile Domingues, mais que uma prima, uma irmã. Obrigada por estar sempre junto, por compartilhar esse amor que tudo supera. Obrigada por trazer o pequeno e amado João a nossas vidas.

Agradeço de forma incondicional a meus amigos, presentes valiosos do acaso. Pâmela Bueno Costa, mulher de fibra. Minha grande amiga, desde a tenra infância, juntas. Obrigada por estar sempre junto nesse processo de amadurecimento, conquistas e afetos que é a vida. Te admiro imensamente, minha querida. Paulo Jakimiu, obrigada por sua amizade e apoio nesse processo, és uma grande pessoa, te admiro demais por isso. Agradeço ao novo amigo, Rodrigo Andrade. Meu querido, obrigada por me trazer uma luz tão bonita e serena nesses tempos de escuridão.

Agradeço aos meus alunos da Escola de Educação Básica Horácio Nunes. Vocês são um dos maiores motivos desse escrito. Obrigada! Expresso minha gratidão a todo o apoio direção da escola, em especial a diretora Rosângela, e a minhas queridas colegas e amigas, Alexandra, Andrieli e Rita, que foram fundamentais na aplicação de meu projeto. Muito obrigada.

Agradeço ao programa PROF-FILO, de modo especial, aos professores, Renata Noyama, Samon Noyama, Charles Sntiago e Tiago Stadler por todo conhecimento, experiências compartilhados desde a graduação, até aqui. Obrigada professores!

Agradeço aos professores da banca, Giselle Moura Schnor e Wagner Dalla Costa Félix, por terem aceito o convite. De modo especial, agradeço a professora Giselle, uma das minhas maiores inspirações enquanto professora desde a graduação. Obrigada Professora, és u dos motivos que me fazem acreditar em uma educação humana e de qualidade.

Por fim, agradeço a um dos maiores responsáveis pelo desenvolvimento desse trabalho, meu orientador, Professor Estevão Lemos Cruz. Professor, deixo aqui minha infinita gratidão por todo seu apoio, encaminhamentos epistemológicos e por sua paciência. Obrigada por ter acolhido minhas dúvidas e angustias. Obrigada por acreditar em mim, em meu estilo de escrita, por respeitar e compreender meus percalços nesse processo. Agradeço, principalmente, por partilhar uma visão poética da filosofia e da vida. Mestre, muito obrigada!

*Um livro de poesia na gaveta não adianta nada  
Lugar de poesia é na calçada*

**- Sérgio Sampaio**



## RESUMO

O escrito que se seguirá arrisca uma posição: ensina-se filosofia com poesia e que tal possibilidade se dá porque a filosofia é essencialmente poética. Para fundamentar tal posição tomar-se-á como base epistemológica os escritos do filósofo alemão Martin Heidegger, especialmente de sua obra tardia. A presente proposta fundamentará que a possibilidade do que será arriscado efetiva-se na medida em que o dito “ensino de filosofia” acontece através de um Triângulo Amoroso: *espanto, salto e a-bismo* – um acontecer originário da linguagem genuinamente poético. Consequentemente, defender-se-á que o fazer filosófico é – sobretudo e necessariamente – poético. Para conduzir tal acontecimento, será proposta uma metodologia de ensino de filosofia, a saber, a “psicagogia”: uma condução artística e poética das almas por meio das palavras. Uma condução do olhar do aluno para uma aprendizagem filosófica. Para pôr à prova a possibilidade de uma condução psicagógica que norteie adequadamente a visão do aluno, a obra de Fernando Pessoa será basilar. A partir dela, serão estabelecidas aproximações com os conteúdos que compõem o planejamento curricular das turmas nas quais foi aplicada a proposta de intervenção prática. A descrição e avaliação da intervenção prática elucidará se realmente a psicagogia alcançou sua finalidade: se é possível a filosofia acontecer no ensino poeticamente.

**Palavras-chave:** Filosofia. Poesia. Ensino de filosofia. Psicagogia.

## **ABSTRACT**

The following writing that will follow risks a position: philosophy is taught with poetry and that such possibility is given because philosophy is essentially poetic. In order to substantiate this position, the writings of the German philosopher Martin Heidegger, especially of his late work, will be taken as epistemological basis. The present proposal will justify that the possibility of what will be risky becomes effective insofar as the said "teaching of philosophy" happens through a Loving Triangle: astonishment, leap and a-bismism - a happening originating from genuinely poetic language. Consequently, it will be argued that the philosophical making is - above all and necessarily - poetic. To conduct such an event, a methodology of philosophy teaching will be proposed, namely, "psicagogia": an artistic and poetic conduction of souls through words. A drive from the student's perspective to a philosophical learning. In order to test the possibility of a psychagogical driving that adequately guides the student's vision, Fernando Pessoa's work will be based. From this, approximations will be established with the contents that make up the curricular planning of the classes in which the practical intervention proposal was applied. The description and evaluation of practical intervention will elucidate whether psycho- logic has actually achieved its purpose: if it is possible for philosophy to happen in poetic teaching.

**Keywords:** Philosophy. Poetry. Philosophy teaching. Psicagogia.

## SUMÁRIO

<b>DAS PRELIMINARES .....</b>	<b>13</b>
<b>CÁPITULO 1: FILOSOFIA, POESIA E ENSINO DE FILOSOFIA .....</b>	<b>16</b>
1. Da impossibilidade de algo assim como “Ensino de Filosofia” .....	16
1.1 Filosofia e Poesia: Uma Re-união Integradora .....	22
1.1.1. <i>Poiesis</i> .....	24
1.1.2. Habitar .....	32
1.1.3. Transcendência .....	40
1.2. Da possibilidade do acontecer poético da filosofia no ensino a partir do triângulo amoroso <i>Espanto, Salto e A-bismo</i> .....	43
<b>CAPÍTULO 2: TRAVESSIA PARTE 01: O MÉTODO PSICAGÓGICO.....</b>	<b>50</b>
2.1 A Psicagogia .....	51
2.1.1 o método psicagógico .....	57
2.1.2 O professor psicagogo .....	64
2.2 Fernando Pessoa: o Poeta da Psicagogia .....	73
<b>CAPÍTULO 3: TRAVESSIA PARTE 02: CAMINHOS DA PRÁTICA .....</b>	<b>84</b>
3.1 Caminhos da Prática .....	85
3.1.1 Objetivos do projeto .....	85
3.1.2. Objetivo Geral .....	85
3.1.3. Objetivos Específicos .....	85
3.2 Aplicação 01 .....	85
3.2.1 Aplicação 02 .....	96
3.3 Resultados e Algumas Possíveis Conclusões (à guisa de avaliação) .....	102
3.3.1 Aplicação 01 .....	103
3.3.2 Aplicação 02 .....	115
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS (à guisa de conclusão) .....</b>	<b>122</b>
<b>REFRÊNCIAS</b>	
<b>ANEXOS</b>	

## DAS PRELIMINARES

O que é possível estabelecer entre filosofia e poesia? Diálogo? Confronto? Relação? Encontro? Caso? Conexão? Transação?! O que se passará adiante é uma transação. Do Latim, *transactio* (concordância, trato), formada do prefixo “*trans-*” (além, além de, através) mais “*agere*” (levar a, guiar)<sup>1</sup>, impele trato e movimento. Destaca-se que será tomado aqui somente o sentido de transação enquanto *movimento*.

Benedito Nunes, em texto intitulado *Hermenêutica e Poesia: o pensamento poético*, citando Juan de Mairena – heterônimo do poeta espanhol Antônio Machado – acerta: “Há homens, dizia meu mestre, que vão da poética à filosofia; outros que vão da filosofia à poética. O inevitável é ir de um ao outro, nisto como em tudo.”<sup>2</sup> Com isso, entende-se que poetas podem estar no acontecer da linguagem filosófica, assim como, filósofos no acontecer da linguagem poética. Movimentação. Nunes evidencia que tal transação, engendra um ir (movimento!) do poético ao filosófico e vice-versa. Tal movimentação, contudo, não é subordinação de uma a outra.

Muito que bem, falaremos de poesia e filosofia e de como é possível estabelecer essa transação entre ambas. A partir disso, lançamos nossa principal teoria: *a filosofia é filosofia porque acontece poeticamente*. Ainda mais: *a filosofia acontece no ensino poeticamente*. Essas duas frases são nossa base, quer dizer, toda nossa travessia argumentativa terá essas duas afirmações como ponto central.

Para fundamentar epistemologicamente nossa posição, valer-nos-emos, principalmente, da obra tardia do filósofo alemão Martin Heidegger, sobretudo, dos escritos em que o filósofo trata da relação entre linguagem e poesia. Embora apareça em proporção quantitativa menor em relação a Heidegger, outro ponto central de nosso escrito é o poeta português Fernando Pessoa. Em linhas gerais: *defenderemos um ensino poético da filosofia a partir de alguns aspectos da noção heideggeriana de poesia e que é possível engendrar tal ensino a partir de pontos selecionados da obra poética de Fernando Pessoa*.

No primeiro capítulo intitulado *Filosofia, Poesia e Ensino De Filosofia* defenderemos nosso posicionamento acerca do que entendemos por “Ensino de Filosofia”.

---

<sup>1</sup>Origem da Palavra- Site de Etimologia. Disponível em: <<http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/transacao/>> Acesso em: 29 de Agosto de 2017.

<sup>2</sup> NUNES, Benedito. *Hermenêutica e poesia: o pensamento poético*. 2011. p. 14

Proporemos que a filosofia, em seu ensino, opera em um *não-lugar*. Nos valeremos da figura de Sócrates para expor o sentido de tal afirmação. O objetivo central do capítulo é defender que a filosofia no ensino, por operar em um *não-lugar*, consiste em um movimento de vida, isto é, um modo de vida, uma visão filosófica da realidade. Sócrates, então, nos dará a imagem de alguém que viveu a filosofia. Com isso dizemos que mais que um conteúdo curricular, mais que um texto, mais que um conceito, o ensino a filosofia opera uma visão de mundo. Essa visão, contudo, não torna a filosofia um relato de experiência ou simples opinião. Nossa proposta é uma aprendizagem por meio de um “salto expresso para o interior da visão de mundo como postura”<sup>3</sup> que pode possibilitar o fazer filosófico a partir de seu fundamento. Nossa aposta é que tal salto é um acontecimento poético e, portanto, o filosofar e seu ensino só são possíveis a partir da poesia.

Passamos então para fundamentação da poesia e de sua relação existencial com a filosofia. Entrementes, realizamos uma leitura heideggeriana sobre o que é poesia, para além de uma visão corriqueira de “expressão de sentimentos”, “fantasiação da realidade”, “a palavra bonita para descrever algo”, calhando na noção de *Dichtung* (a *poiesis* grega) enquanto acontecimento originário da linguagem que conduz o homem para a terra, para o seu habitar (existência). Enquanto condutora para a existência, a poesia torna possível o fazer filosófico que é uma busca pela existência mesma. Nesse sentido, filosofia e poesia se integram, se amorizam, vizinham, cada qual a seu modo, mas em comunhão. Aqui trabalharemos com conceitos importantes da filosofia heideggeriana como a questão da linguagem, existência (habitar), transcendência e, ainda, alguns aspectos da interpretação heideggeriana da obra poética de Hölderlin.

Eis então que defendemos que a filosofia acontece no ensino engendrada pela poesia por meio dos seguintes passos: *espanto*, *salto*, e *a-bismo*. Esse triângulo amoroso, assim descrito por nós, possibilita o acontecer da filosofia. Mais uma vez, o que engendra tal triângulo é a poesia. Falamos de uma saída de um entendimento supérfluo das coisas a partir de um espanto com a realidade, o que possibilita um salto desse entendimento ordinário para um estado extra-ordinário, isto é, um espaço de transcendência (o que chamamos de a-bismo), uma saída de um entendimento corriqueiro das coisas para um

---

<sup>3</sup> HEIDEGGER, Martin. Introdução à Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 428.

entendimento filosófico, ontológico. Nossa fundamentação se baseia em conceitos-chaves como *thauma*, *páthos*, *dis-posição* e, ainda, uma sucinta noção do *eros* platônico e da ontologia heideggeriana.

Para que possamos encaminhar o acontecimento da filosofia em sala de aula através desse triângulo, precisamos de um método, o qual fundamentamos em nosso segundo capítulo intitulado *Travessia Parte 01: O Método Psicagógico*. Nossa proposta de método é *uma condução artística das almas por meio das palavras*, ou seja: uma Psicagogia. Para aclarar a noção de Psicagogia, nos valeremos de parte da discussão do diálogo platônico *Fedro*, em específico quando o assunto é a retórica. Do mesmo modo, analisaremos em que consiste a figura do professor psicagogo e como esse deve proceder dentro do método. Aqui centramos de modo mais específico a figura de Fernando Pessoa, enquanto o “poeta da Psicagogia”. Deveremos, nesse passo, justificar o porquê da escolha do poeta para nossa fundamentação teórica e para aplicação prática.

Nosso método põe à prova nossa fundamentação de um acontecimento poético da filosofia no Ensino Médio, uma vez que nosso foco central seja o de que a poesia conduz o homem para existência das coisas. Nosso objetivo principal com a Psicagogia, é, portanto, propor um método coerente com nossa fundamentação central, no sentido não do deslocamento de um local para outro, mas, sobretudo no sentido de uma travessia. Travessia semelhante a proposta por Guimarães Rosa em seu livro *Grande Sertão: Veredas*, isto é, o caminhar mesmo. Buscamos o acontecendo, ou seja, o acontecer do acontecimento poético da filosofia no ensino.

Por fim, em nosso último capítulo, o qual chamamos de *Travessia Parte 02: Caminhos Da Prática*, *descreveremos* como ocorreu a aplicação da nossa proposta prática. Em seguida faremos uma espécie de análise dos resultados através da leitura de alguns trabalhos realizados pelos alunos, assim como de um questionário aplicado no final de uma das duas aplicações realizadas. Tal análise buscará compreender se a filosofia ocorreu no ensino poeticamente por meio do nosso método, o que é crucial para comprovar nossa proposta. Eis o nosso caminho.

## CÁPITULO 1: FILOSOFIA, POESIA E ENSINO DE FILOSOFIA

### 1. Da impossibilidade de algo assim como “Ensino de Filosofia”

*Com efeito, um dia de manhã, estando a passear na chácara, pendurou-se-me uma ideia no trapézio que eu tinha no cérebro. Uma vez pendurada, entrou a bracejar, a pernear, a fazer as mais arrojadas cabriolas de volatim que é possível crer. Eu deixei-me a contemplá-la. Súbito, deu um grande salto, estendeu os braços e as pernas, até tomar a forma de um x: decifra-me ou devoro-te.*

- Machado de Assis

Filosofia não se ensina. Eis uma afirmação arbitrária! Será, pois, este nosso ponto de partida: a arbitrariedade. *Todo começo é involuntário*<sup>4</sup>. A filosofia nasce de uma arbitrariedade e é seu ofício aclarar o arbitrário, desfazer o quanto puder tal engodo. A filosofia brota de uma *necessidade*, uma *urgência* para se “descobrir” algo. Descobrimento: filosofia não é invencionice, é um modo para se encontrar a “verdade das coisas”, velada, que não está ali, escancarada, à mostra, “na cara”. Para tanto, desconfiada e sequiosa, essa marcha do saber pergunta pela própria verdade, pelo fundamento do que possa ser algo assim como “a verdade das coisas”. Afã. Então, como se “aplica” uma *urgência*, uma *necessidade*? Não se aplica! Como “ensinar” algo que não se ensina? Ou o que se ensina não é propriamente a filosofia ou o que se faz não é propriamente ensinar. Essa afirmação torna evidente a extrema necessidade de se buscar por uma compreensão clara do que se trata tal “ensino de filosofia”.

A filosofia tomada no âmbito de ensino, em específico no ensino público, encontra-se em um *não-lugar*. Veja-se, por quê: na escritura intitulada *Filosofia O paradoxo de Aprender e Ensinar*, Walter Kohan recorre a um escrito de Jacques Derrida em que o filósofo narra encontrar um cartão postal que mostra Sócrates agachado escrevendo e Platão, atrás, em certa distância, apontando o dedo para cima. “O cartão consoma o sonho de Platão: fazer com que Sócrates escreva, ser o pai de seu pai”.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> PESSOA, Fernando. Mensagem. In **O Eu Profundo e os outros Eus: Fernando Pessoa**. 2015, p.51.

<sup>5</sup> KOHAN, O. W. **Filosofia: o paradoxo de aprender e ensinar**. Trad. Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p.13

Kohan estabelece a partir da cena descrita o seguinte paradoxo: Sócrates não deixou nada escrito, o que temos de seu legado filosófico é um Sócrates *a-topos* (sem lugar). Temos dele apenas uma escritura platônica e, deste modo, buscamos uma filosofia socrática onde Sócrates mesmo não habita. Ocorre o mesmo com o professor de filosofia: “ajudar a ver, sem mostrar-se, expor-se se escondendo, ensinar a dizer uma palavra que não se deixa ler”<sup>6</sup>. Desse modo, o que cabe não é uma busca (inútil) do que verdadeiramente proferiu Sócrates (por ele mesmo), mas as *condições* as quais “forjam um nascimento não só temporal, mas lógico, constitutivo da filosofia e seu ensino”<sup>7</sup>. Uma busca complicada: buscar o que não está ali (ausente). Calhamos, por assim dizer, em um paradoxo.

O paradoxo é anunciado na medida em que Sócrates recusa-se enquanto educador e filósofo. Eis, então, que o professor de filosofia, assim como Sócrates, deve educar sem ser educador e fazer filosofia sem ser filósofo. Logo, o professor de filosofia opera em um *não-lugar* onde constitui o que se chama por ensino de filosofia. Perceba-se que tal paradoxo que constitui o ensino de filosofia – como o conceito de paradoxo já engendra – não possui solução. Então, o que cabe é analisar e buscar compreender o caminho que o ensino de filosofia tem a ser percorrido, ou seja, é mais pertinente a pergunta e o seu percorrer do que uma resposta. Como dito, o que cabe é a busca das *condições* as quais “forjam um nascimento não só temporal, mas lógico, constitutivo da filosofia e seu ensino”<sup>8</sup>.

Como assim o ensino de filosofia atua em um *não-lugar*? Não seria a filosofia, enquanto disciplina escolar, responsável por estimular o pensamento crítico? Afinal, no decorrer da história da filosofia, não fizeram os filósofos senão pensar, tencionar, interpelar, questionar sua realidade? Entenda-se que o *não-lugar* constitui a filosofia enquanto movimento, ou seja, não se trata exclusivamente do texto filosófico (teso) no papel, mas sim, o *movimento de vida*<sup>9</sup> que levou à sua escrita. De forma mais aclarada – para que tal não-lugar não seja compreendido como um espaço metafísico – podemos

---

<sup>6</sup> Ibidem, p. 14

<sup>7</sup> Ibidem, p.15

<sup>8</sup> Ibidem.

<sup>9</sup> Anuncia-se aqui, o que será tomado mais adiante, o *movimento de vida* pode ser tomado como o *Thauma* de Platão e Aristóteles, o susto, o espanto, a admiração, o assombro com a realidade que engendrou nos homens o chamou-se de filosofia.



considerar uma situação em que é possível muito bem ler um texto de filosofia em sala de aula e tirar dele uma notável explicação ou, melhor ainda, ante tal explicação, os alunos podem muito bem ter compreendido o texto e resolvido uma prova com exímio resultado. Mas, ocorre que o que foi ensinado fora um conceito, ainda que de filosofia, mas não o tal movimento de vida, aquele que motivou a construção do conceito e que o levou a ser escrito.

Sim, a filosofia em caráter disciplinar, escolar, exige conteúdos específicos, possui carga horária, entre muitas outras exigências. Tal fato é inegável e é a partir dessa dinâmica (estatal e burocrática) que o docente de filosofia atua. Que tipo de filosofia, então, deve ser “ensinada”? Possui validade filosófica uma “filosofia” de cunho tão somente conteudista? Não seria um próprio tiro no pé levantar uma bandeira de emancipação de pensamento sob o nome da filosofia em uma instituição onde o que vale é o conteúdo dado? Onde uma nota em uma prova diz o quão um aluno “sabe” de filosofia? Perceba-se que o tal movimento de vida está a quilômetros de distância. Se o ensino de filosofia é um *não-lugar* e se, por sua vez, este é movimento e, no que diz respeito à filosofia, tal movimento é sempre um movimento de vida, então a ausência deste movimento ou do estabelecimento de suas condições afasta o aluno de qualquer possibilidade de esbarrar com a filosofia em sala de aula. A pergunta que se faz é novamente a seguinte: que tipo de filosofia pretende-se na escola e, ainda, por que o ensino de filosofia na escola?

Em seu escrito *Sentir, ver, dizer: cismando coisas de arte e de filosofia*, Gilvan Fogel acena na introdução que “Escrever, pois, é preciso!”<sup>10</sup> Tome-se aqui o sentido de “filosofar, pois, é preciso!” e, ainda, “filosofar no ensino de filosofia, pois, é preciso!” Fogel justifica a necessidade da escrita citando um trecho de uma carta do poeta alemão Rainer Maria Rilke para o jovem aspirante a poeta alemão Franz Xaver Kappus que lhe havia solicitado um parecer sobre a qualidade de seu poemas. Rilke responde:

Você está olhando para fora, e isso, sobretudo isso – olhar para fora – você não deve fazer! Ninguém pode aconselhá-lo ou ajudá-lo – ninguém! Há somente um caminho: entrar em si mesmo. Busque o fundo, a razão que o leva a escrever; experimente se esta razão lança suas raízes no lugar mais profundo do seu

---

<sup>10</sup> FOGEL, Gilvan. **Sentir, ver, dizer: cismando coisas de arte e de filosofia**. Rio de Janeiro: Mauad, 2012. p. 14.

coração. Admita, confesse a você mesmo se morreria se lhe fosse vedado escrever. Sobretudo isso: na hora mais silenciosa da sua vida, pergunte a si mesmo: 'eu preciso escrever'? Cave em você uma resposta profunda. E se essa resposta for afirmativa, se você pode responder a uma tão grave pergunta com um simples e incisivo 'eu preciso' – então, construa sua vida segundo essa necessidade. Sua vida precisa tornar-se um sinal e testemunho dessa imposição, mesmo em suas horas menores, mais insignificantes e indiferentes... Uma obra de arte é boa se ela nasce dessa necessidade. Nesse modo de ser de sua origem reside seu juízo, sua avaliação: não há nenhum outro(a)... Basta sentir que se poderia viver sem escrever, para não se ter sequer o direito de escrever.<sup>11</sup>

Imagine-se que, no contexto atual, Kappus tivesse perguntado a Rilke algo que nós professores, em específico na disciplina de filosofia, estamos habituados a ouvir de muitos alunos – e não somente de alunos: *para que é preciso filosofia?* Re-montando a questão: *para que é preciso o ensino de filosofia?* A resposta de Rilke "cai feito uma luva"!

Voltemos a Sócrates, sabemos que o filósofo caminhava pelas ruas interpelando a si mesmo e aos outros sobre tudo o que houvesse a título de conhecimento. Sócrates viveu a filosofia e interpelou do sapateiro ao político, dos escravos aos mais nobres homens. Mas, como se pode concluir que Sócrates viveu a filosofia? Ele preferiu a morte a renunciá-la!

Se Rilke disse "basta sentir que se poderia viver sem escrever, para não se ter sequer o direito sem escrever", poder-se-ia dizer analogamente sobre Sócrates que "basta pensar que se poderia viver sem filosofar, para não se ter sequer o direito de filosofar". Foi o que fez e viveu Sócrates. Preferiu a morte a renunciá-la! Sócrates não teve a filosofia como uma "boa ideia" que se guarda na gaveta e usa conforme a oportunidade. Filosofia não é um saber adquirido, mas a relação do saber com a do não saber (ignorância). Sócrates admite que sabe que nada sabe, a partir de então é que o filósofo filosofa. Filosofar nesse sentido é o que faz Sócrates buscar o que não sabe, "o que talvez caracterize mais especialmente Sócrates é que ele outorga a certa relação com a ignorância a potência de iluminar a vigília."<sup>12</sup>

Enquanto busca por aprender o que não sabe, Sócrates demonstra a impossibilidade de segregar filosofia de aprendizado. "A filosofia é, para Sócrates, algo assim como uma

---

<sup>11</sup> Rilke, R. M. Cartas a *um jovem poeta, primeira carta*. In *FOGEL, Gilvan. Sentir, ver, dizer: cismando coisas de arte e de filosofia*. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.

<sup>12</sup> KOHAN, O. W. *Sócrates e a Educação: o enigma da filosofia*. Trad. Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

condição para poder desdobrar certo caminho no saber."<sup>13</sup> A filosofia nos moldes de vida socrática é modo de vida, um modo de se ver o mundo, de estar no mundo, de questioná-lo e de se questionar a si mesmo, *mesmo em suas horas menores, mais insignificantes e indiferentes*.

Pois bem, mesmo operando em um *não-lugar*, o ensino de filosofia não é alheio ao mundo, com isso, coloca-se que, no ensino, a filosofia atua como interpelação da relação da realidade do aluno com seu meio, sua realidade, seu tempo histórico. Filosofar, pois, é preciso! Uma vez em estado de assombro com sua condição de ser presente no mundo e de sua relação com esse mundo, o aluno pode vir a filosofar. Aqui entra a pertinência da pergunta: talvez seja mais coerente e até mesmo filosófico, um ensino de filosofia que não ensine a pensar, mas que indique para o aluno o curso do pensamento?<sup>14</sup> Nesse sentido, os textos de filosofia ganham a força filosófica que carregam desde sua gênese. O grandioso sistema (epistemológico) de pensamento filosófico passa a auxiliar o aluno para entender que a filosofia, como assinala o professor e filósofo Geraldo Horn no texto *Ensinar filosofia... sim, mas como?: Pressupostos teóricos e Metodológicos*:

(...) está visceralmente ligada a seu passado. A rigor não existe Filosofia como um sistema de ideias prontas que serve para as pessoas integrarem-se à sociedade, orientarem suas vidas, ou para autoajuda. Ela precisa ser compreendida como um diálogo crítico com o seu passado no qual as grandes questões que os filósofos se perguntaram são constantemente retomadas.<sup>15</sup>

Horn problematiza aqui o ensino de filosofia e o texto mencionado esclarece uma dicotomia imposta por diversos pesquisadores do ensino de filosofia a respeito das posições dos filósofos Immanuel Kant e Georg Wilhelm Friedrich Hegel, onde o primeiro sugere que se ensina a filosofar e o segundo que o se ensina é a história da filosofia. Segundo Horn não existe uma dicotomia. Tal visão empobrece a filosofia, pois devemos considerar a

---

<sup>13</sup> KOHAN, O. W. **Filosofia: o paradoxo de aprender e ensinar**. Trad. Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

<sup>14</sup> Como fazia Sócrates com seus discípulos através de seu método dialético.

<sup>15</sup> HORN, Geraldo. B. **Ensinar filosofia... sim, mas como?: Pressupostos teóricos e Metodológicos**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.

história da filosofia e o filosofar no ensino de filosofia. É através da história da filosofia<sup>16</sup> que filosofamos.

Agora, se filosofia é modo de vida, movimento, e este modo de vida se manifesta, como testemunha Sócrates, na irresistibilidade resoluta do ensinar filosofia, então filosofar é ensinar a filosofar. Isso responde a questão anteriormente proposta, a saber: “por que o ensino de filosofia?”. A resposta é clara: por que a filosofia é ensino de filosofia, sem este não há filosofia. A arbitrariedade inicial se esclarece na medida em situamos esse ensino enquanto parte constituinte do acontecer da filosofia, não enquanto uma técnica conteudista a ser aplicada.

Sendo assim, é a partir dos conceitos filosóficos produzidos a respeito de seus respectivos tempos históricos é que temos uma base epistemológica para uma discussão, produzindo, portanto, conhecimento e não somente opinião. A filosofia na escola, nesse sentido, precisa ser filosófica, a saber, deve ser o próprio ensino de filosofia um *problema filosófico*<sup>17</sup>. Com isso, faz-se bastante pertinente, ao longo do que fora exposto, pensar na filosofia enquanto *modo de vida* (lembremo-nos mais uma vez de Sócrates que viveu a filosofia), o que também significa uma postura diante do que fazer com o conhecimento dito epistemológico apresentado na escola. Pode-se guardar tal conhecimento em uma gaveta depois da prova ou realizar com ele um diálogo crítico sobre a realidade atual. Enquanto *modo de vida, a filosofia na escola, parece ser muito mais filosófica, sendo um jeito de fazer, de questionar, de relacionar, um jeito de caminhar*.

Um jeito de caminhar – analisando o caminho percorrido até aqui, levantamos uma questão fundamental: o que funda esse jeito de caminhar? A poesia. Com efeito, a filosofia acontece porque é poética. De maneira mais contundente: a filosofia acontece no âmbito do ensino porque se dá poeticamente. Será que acabamos por incidir em outra arbitrariedade? Não. Foi preciso reconstituir o entendimento prévio a respeito da filosofia no espaço de ensino para podermos chegar ao ponto fundador: a poesia. De agora em diante, se faz urgente e necessário entendermos porque é possível afirmar

---

<sup>16</sup> Salienta-se que "História da filosofia", representa aqui, conceitos filosóficos construídos durante o decorrer histórico da filosofia que não se seguem necessariamente em ordem cronológica, mas em ordem oportuna aos conteúdos curriculares.

<sup>17</sup> PASCHOAL, Edmilson A. **Da especificidade da filosofia e seu ensino**. R. NESEF FIL. Ens, Curitiba, v.3 n.3, p. 16-24, jun/jul/ago/set. 2013.

epistemologicamente o fato (incontornável) de a filosofia dar-se, e dar-se no ensino, poeticamente, para em seguida embasarmos a possibilidade desse acontecimento poético no ensino.

### *1.1 Filosofia e poesia: uma re-união integradora*

Não, poesia não é instrumento da filosofia, não é enfeite de dizer filosófico “chato”, não é adorno de palavra dita “racional”. Filosofia não é dizer que poeta usa da boca para fora, não é justificativa de verso. Dissemos isso, desse modo – à palo seco, pelo fato de ocorrer comumente o cultivo de uma crença bastante forte sobre a poesia agir à revelia da verdade. Esse descaso da poesia com a tal da verdade gera, por consequência, uma relação oposta com a filosofia. Se o filósofo ama o conhecimento, o poeta se embrenha na efemeridade das paixões.

Há muito já se fala sobre essa relação “conflituosa” entre filosofia e poesia. Antes da filosofia, conhecia-se o mundo e suas causas pelo mito, porém, no decorrer dos tempos, exigiu-se mais exatidão no discurso, a verdade deixou de ser interpretada como uma “narrativa poética” e passou a ser “filosófica”, mais tarde, tornou-se “científica”. Uma lástima. Não é à toa que Platão expulsa os poetas da *Polis*<sup>18</sup>. Uma compreensão bastante enviesada e precipitada, *mas não deixemos os pensamentos se precipitarem*.<sup>19</sup>

Sabemos que no *Livro X de A República*<sup>20</sup>, Sócrates (607b), ao analisar a poesia como um *simulacro de um simulacro* (a imitação de uma imitação), decide que a poesia não exercer papel didático, ou seja, não é um bom caminho para educar as pessoas, pois está três graus distanciada da verdade (599a), além de desestimular a coragem e exortar as paixões. É neste sentido que a poesia é expulsa da Polis: enquanto principal fonte de conhecimento para educar as pessoas. Isso não deslegitima a agradabilidade e a utilidade

---

<sup>18</sup> Perceba-se que abordamos tal expulsão com certo tom de ironia para enfatizar que comumente se realiza uma leitura, digamos assim, superficial sobre a relação entre filosofia e poesia.

<sup>19</sup> HEIDEGGER, Martin. **A Caminho da Linguagem**. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 126.

<sup>20</sup> PLATÃO, **A República**. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

da poesia, que deve ser exercitada em ocasiões que não comprometam a educação dos homens. Contudo, Carlos Fernandez Liria em seu texto intitulado *¿Para qué Servimos los filósofos?* nos encaminha para uma leitura menos inocente. Segundo Liria, Sócrates recorre a linguagem mítica para fazer com que seus interlocutores compreendam o que ele quer dizer. Encontramos um exemplo descrito por Liria na questão da imortalidade da alma. Segundo Liria:

Sócrates intenta explicar a Menón em qué consiste el conocimiento. Se trata, claro, de una metáfora, de um mito. Por eso es un gran desatino que los manuales de filosofía digan a menudo que Sócrates o Platón defendían la inmortalidad del alma. Ni la defendían ni la dejaban de defender. Lo que ellos intentaban era explicar qué era esse de conocer, de pensar, de decir que “es” uma cosa.<sup>21</sup>

A linguagem poética, nesses termos, possui papel importante no fazer filosófico socrático. Consistia em jeito de o filósofo alcançar seus interlocutores. Isso não exclui a crítica platônica em relação à poesia e aos poetas, Liria escreve que “se trata, em realidade, del lenguaje del inimigo”<sup>22</sup>, quer dizer, os poetas representavam uma tradição questionada por Sócrates, porém, esse modo de dizer poético poderia ser muito bem um modo de atingir de modo mais desconcertante seus interlocutores, o que ocorre com Mênon. Ao utilizar-se da metáfora da imortalidade da alma, Sócrates fazia com que se entendesse que precisamos saber das coisas mesmas, o que elas são, para podermos falar delas. Um “saber antes”, “saber a essência” das coisas. A poesia, nesses moldes, traz um sentido e uma força muito maior e proveitosa em termos filosóficos. Ainda assim, não falamos que a poesia é um objeto didático da filosofia.

Então, que dizem filosofia e poesia? Que tipo de relação é possível haver entre elas? A resposta para tal questão indicará a possibilidade de uma relação necessária entre elas, o que garante a possibilidade de afirmar que *a filosofia se dá poeticamente*. Difícil afirmação, porque significa dizer que a filosofia é filosofia porque é poética. Isso nos lança em um terreno demasiadamente perigoso e obscuro, pois, dizer algo assim, que a filosofia “é poética”, exige que saibamos - com maior grau de exatidão possível - sobre filosofia e sobre poesia. Deste modo, ao estabelecer essa relação entre ambas, e principalmente, esse dar-se da filosofia poeticamente, já está em jogo o que se entende por filosofia e por poesia.

---

<sup>21</sup> LIRIA, Carlos Fernandez, *¿Para qué Servimos los filósofos?* 2012, p.27.

<sup>22</sup> Ibidem, p.27.

Vejam como isso ocorre de fato, escutando as seguintes palavras de Martin Heidegger: “A poesia não sobrevoa e nem se eleva sobre a terra a fim de abandoná-la e pairar sobre ela. É a poesia que traz o homem para terra, para ela, e assim o traz para um habitar”.<sup>23</sup>

O Fragmento ora indicado, pertence aos escritos de Martin Heidegger sobre o poema *In Lieblicher Bläue*<sup>24</sup> do poeta alemão Friedrich Hölderlin, poeta esse que segundo Heidegger poetiza a própria poesia, ou seja, edifica a poesia. Temos aqui um ponto fundamental: o que compreender desse trecho citado e como, através dele, tomar base para o entendimento suficiente sobre filosofia e poesia e a relação necessária entre ambas?!

Um passo de cada vez, marcha.

Passemos para esse fragmento que destaca que poesia não sobrevoa sob os céus, mas que conduz o homem para a Terra, para o seu habitar. Tal afirmação descrita precisa ser analisada cuidadosamente e, para tanto, haveremos de nos nortear através das seguintes palavras-guia: *poesia*; *habitar*; e *transcendência*. Esta última - transcendência - entoa um ritmo de condução (movimento) que a poesia engendra ao trazer o homem para o seu habitar. Utilizamos transcendência e não condução por se tratar de um ultrapassamento do homem de um estado corriqueiro para um “estado ontológico”. A condução pode ser uma condução transcendental, daí que nos munimos da palavra-guia transcendência. Enfim, por meio dessas três palavras-guia será possível aclarar a afirmação de que *a filosofia se dá poeticamente*.

### 1.1.1 Poiesis

Heidegger busca pensar o sentido de poesia a partir da construção da palavra *Dichtung*, que vem de *dichten*, algo como “compor”, “aproximar”, “juntar”<sup>25</sup>. Para o filósofo, tal termo entrega mais ao pensamento do que o termo mais recorrente, *Poesie*, pois esta “diz”, “denomina”, enquanto que *Dichtung* “instaura”<sup>26</sup>. Na língua portuguesa

---

<sup>23</sup> HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e Conferências**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schubak. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 169.

<sup>24</sup> No azul sereno.

<sup>25</sup> WERLE, Marco Aurélio. **Poesia e Pensamento em Hölderlin e Heidegger**. 2005. p. 25

<sup>26</sup> Instaurar é o mesmo que originar, nesse sentido, *Dichtung* instaura é o mesmo que dizer que ela é que dá origem, edifica, engendra, isto é, ela é originária, concepção que será aclarada no desenvolvimento argumentativo dessa escritura.

encontramos uma insuficiência para traduzir *Dichtung*. Geralmente, tratamos poesia como *Poesie*, termo latinizado (*poesis*)<sup>27</sup> que aporta um sentido mais amplo, como uma “composição de versos”, narrar algo por meio de palavras que fabulam determinada coisa a se dizer ou, ainda, como uma invenção, fantasiação, uma espécie de “parte ilusória da linguagem, em específico, da literatura – produto onírico, voo ao irreal e fuga para o idílico”<sup>28</sup>. Poeta é um ser à parte da realidade, sua arte – licenciada<sup>29</sup>, “consiste em desconsiderar o real”<sup>30</sup>, seu dizer por meio das palavras é pura invencionice, representação, *em vez de agir, os poetas sonham*.<sup>31</sup>

Poesia não é “parte” de coisa alguma, não pede licença, não precisa de aval da norma, pois não se trata de linguagem técnica, uni-formizada, in-formizada: “Não é, pois, a língua preparada ajustada ‘ad hoc’, visando a controle, certeza, autoasseguramento”<sup>32</sup>. Poeta não inventa, não fantasia nada, não representa nada, poeta não é “moleque de recado”<sup>33</sup>, não no sentido de *Dichtung*. Portanto, que se deve compreender por algo assim como *Dichtung*?

Para compreendermos melhor o que significa *Dichtung*, podemos recorrer a *poiesis* grega. Esta é “produção” (pode ser também nomeação). Como assim? Podemos encontrar um modo mais aclarado do que nos diz *poiesis* em *Der Ursprungdes Kunstwerkes*<sup>34</sup>, onde Martin Heidegger escreve que linguagem é *poiesis*, dado que linguagem não é mero meio para se dizer (representar) algo. Linguagem nomeia, esse nomear é o mesmo que fundar, ou seja, a linguagem se dá poeticamente porque a *poiesis* lhe configura um dar-se que é originário, fundante.

---

<sup>27</sup> A palavra poesia deriva do Latim *poesis* sendo “a composição em verso, poética” (BUENO, Francisco. Vocábulos, Expressões da língua Geral e Científica. São Paulo: Saraiva, 1968.).

<sup>28</sup> HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e Conferências**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schubak. Petrópolis: Vozes, 2008, 166.

<sup>29</sup> Costuma-se dizer que o poeta goza de certa “licença poética” para exceder ou não obedecer às regras da norma culta da linguagem.

<sup>30</sup> HEIDEGGER, Martin, op. cit., p. 166.

<sup>31</sup> Idem. p. 166

<sup>32</sup> FOGEL, Gilvan. **Sentir, Ver Dizer: cismando coisas de arte e de filosofia**. 2012, p. 104

<sup>33</sup> Em Sentir, Ver Dizer: cismando coisas de arte e de filosofia, Gilvan Fogel escreve que “artista não é moleque de recado”, porque arte diz por ela mesma (por ser essencialmente poética), aí que jogamos com a paráfrase “poeta não é moleque de recado”.

<sup>34</sup> A Origem da Obra de Arte, sendo utilizada para esse escrito a segunda edição em espanhol: *El Origen de La Obra de Arte*. 1973 e a edição bilíngue: HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. Idalina Azevedo e Manoel António de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010.



O que significa nomear? Por que nomear soa o mesmo que fundar? Sabemos que fundar algo é dar origem a algo, se a linguagem nomeia e nomear é o mesmo que fundar, isto é, edificar, instituir, logo ela dá origem. Para melhor entendermos isso, precisaremos examinar a meditação que Heidegger faz a respeito da linguagem, melhor dizendo, da essência da linguagem. Ao longo de três conferências proferidas na Universidade de Friburgo, entre dezembro de 1957 e fevereiro de 1958, intituladas *A Essência da Linguagem*, Martin Heidegger propõe o que seria realizar uma experiência - ser e estar a caminho - com a linguagem. Realizar uma experiência com a linguagem é um exercício complexo, não é o mesmo que realizar um exercício para conhecer a linguagem. Conhecer e experienciar diferem. Não basta analisar os discursos e as palavras que o compõem (ou seja, conhecer). Precisa-se deixar tomar-se pelo discurso que a linguagem engendra (isto é, experienciar).

“*Deixar-se tomar*” não é nenhuma espécie de romantismo, tão pouco um chiste de Heidegger. Ocorre que, ao falarmos de linguagem, estamos falando de algo que é muito “maior” do que parece. Não falamos de signos e de sinais, não falamos de técnica de reunir letras e palavras, não falamos sequer de linguagem, mas, a partir da linguagem. Estamos nos reportando ao acontecimento que *funda tudo o que é*. A linguagem é, como aponta o filósofo, “a casa do ser”<sup>35</sup>. Ao nomear, a linguagem dá ao nomeado aquilo que lhe permite ser, ou seja, entrega o que ele (o nomeado) é. Nas conferências proferidas por Heidegger, ele inicia fazendo uma análise do poema *A Palavra* de Stefan George, publicado no ano de 1919. O último dístico do poema diz: “*Triste assim eu aprendi a renunciar:/Nenhuma coisa é onde a palavra faltar*”<sup>36</sup>. Partindo, especificamente, do último verso, Heidegger entende que “nenhuma coisa é onde falta a palavra”<sup>37</sup>, quer dizer, a palavra é que possibilita ser.

A palavra dá ser às coisas, isso significa que a palavra nomeia, mas não é um nomear técnico, ou seja, ela não confere signo às coisas, mas sim aquilo que funda o signo, ou seja, o ser das coisas. Obviamente, ou talvez nem tanto, não se trata de um entendimento técnico de palavra, isto é, ela como um signo fonético, gráfico, um sinal, etc. Palavra é doação, não é um dado técnico. Quando falamos de palavra em um sentido técnico, nos referimos a um

---

<sup>35</sup> HEIDEGGER, Martin. *A Caminho da Linguagem*. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. 2008, p. 127.

<sup>36</sup> Ibidem, p. 124.

<sup>37</sup> Ibidem, p. 124.

sentido automatizado, isto é, como um produto, algo a ser feito do mesmo modo (automático): uma junção de letras e sílabas. Não. Ao conferir o ser para as coisas, a palavra nos encaminha para um âmbito ontológico, quer dizer, para o ser dessas coisas. Aqui, a palavra não necessariamente é, mas dá-se, abre um caminho. Palavra é a relação entre a coisa e seu ser.

Meditemos um pouco sobre o primeiro verso do dístico citado há pouco: *Triste assim eu aprendi a renunciar*. Renunciar, tem aqui um sentido para além de abandonar, significa o de desaprender. Diz-se com isso que se faz necessário abandonar um entendimento prévio, raso e técnico da palavra para entregar-se a relação entre a palavra e a coisa a ser nomeada. De modo mais enérgico:

É preciso primeiro retornar para onde já estávamos propriamente. O retorno lento para onde nós já estamos é definitivamente mais difícil do que a viagem apressada para onde ainda não estamos e nunca pudemos estar a não ser como monstros da técnica, como seres adequados às máquinas.<sup>38</sup>

Retornar para onde já estamos parece algo estranho, todavia não o é. Podemos encontrar nessa passagem rastros da principal crítica de Martin Heidegger à filosofia tradicional. Repare-se que esse retorno pode ser justamente a re-formulação<sup>39</sup> da grande e central questão que a filosofia faz, perguntando pelo ser e não mais pelo ente. A partir dessas palavras sustenta-se que essa doação da palavra significa que dedicar nosso empenho para a questão fundamental não exige nenhum tipo de malabarismo epistemológico, mas, prestar atenção para onde sempre estivemos. Difícil exercício, pois, tudo o que temos feito tem sido voltar um olhar técnico-científico para a filosofia, daí a renúncia, daí a importância e necessidade de se falar em palavra, em nomeação, em *Dichtung*.

Os poetas, não por acaso, mas, por realizarem uma experiência originária com a linguagem, sabem e exercitam a renúncia, o que torna evidente a afirmação de que poetas não inventam nada, mas fundam. Stefan George realiza uma experiência poética com a linguagem, justamente, por ouvir e deixar-se tomar pela palavra, estando disposto a renunciar o âmbito pelo qual a palavra falta. Estamos chamando esse âmbito de linguagem

---

<sup>38</sup> Ibidem, p. 148.

<sup>39</sup> Ver §2. *A Estrutura formal da questão do ser*, in *Ser e Tempo*.

técnica. O âmbito que interessa ao poeta é sempre aquele em que a linguagem se dá enquanto linguagem, quer dizer, o poeta está na relação originária, aquela entre a coisa e seu ser (que a palavra sustenta), aí que a palavra confere nome para as coisas, palavra que salta pela obra do poeta.

Uma experiência com a linguagem, sobretudo, uma experiência poética com a linguagem, parece, agora, mais próxima. Há pouco, dissemos que *poiesis* é *produção*. Se retornamos para *A Origem da Obra de Arte*, veremos que Heidegger coloca que a verdade acontece na obra e se faz arte, ou seja, a obra de arte é a verdade que acontece na obra. Na famosa passagem onde Heidegger comenta um quadro de Van Gogh, as botas que aparecem no quadro revelam todo o labor dos pés que a calçam, isso quer dizer que tal revelar do labor por meio da pintura das botas significa que a *poiesis* que engendra arte nos diz: *deixai ser!* Semelhante “deixar ser” é a clareira que ilumina a verdade até então apagada.

Poiesis enquanto produção é deixar ser, pois, manifesta, deixa aparecer, faz visível a verdade que estava encoberta. Como aponta Heidegger em sua conferência proferida no ano de 1959, intitulada *A Questão da técnica*, a pro-dução (a *ποίησις* grega) conduz de um encobrimento para um desencobrimento do real, isto é, deixa ser, trazendo à tona a *Ἀλήθεια* (verdade).<sup>40</sup> Essa brevíssima passagem de *A Questão da Técnica* pode, nesse contexto, nos auxiliar a compreender porque Heidegger escreve que “a essência da arte é a poiesis”<sup>41</sup>, pois, *poiesis* se dá enquanto fundação da *Ἀλήθεια*, quer dizer, deixa ser, descobre o que até então estava coberto.

De modo mais didático, ao atuar como fundação da verdade, a *poiesis* faz visível (ilumina) por meio dos sapatos na tela de Van Gogh o contexto que circunda a obra: “(...) do interior dos sapatos a fadiga dos passos do trabalho olha firmemente (...) No couro está a umidade e a fartura do solo. Sob as solas insinua-se a solidão do caminho do campo em meio à noite que vem caindo (...)”.<sup>42</sup> Na obra está contida a realidade que engendra o par de sapatos porque sendo essencialmente poética a arte tornou visível (deixou ser) a verdade por meio da obra que estava encoberta. Pois bem, acabamos de descrever um

---

<sup>40</sup> HEIDEGGER, Martin. **Ensaaios e Conferências**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schubak. Petrópolis: Vozes, 2008.

<sup>41</sup> HEIDEGGER, Martin. **A Origem da Obra de Arte**. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schubak. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 191.

<sup>42</sup> Ibidem, p. 81.

acontecimento originário da linguagem. Isso porque, enquanto *poiesis*, a linguagem deixa ser, faz visível a *Ἀλήθεια*, daí que ela nomeia, funda, confere ser para as coisas.

É bastante comum determinado pensamento de como utilizamos a linguagem, a saber, juntamos uma palavra aqui e outra ali e pronto: formulamos um discurso. O que não está errado, todavia, é enganoso. Isso porque é a linguagem que nos trata e não nós a ela<sup>43</sup>. Falar que a linguagem nos trata é o mesmo que falar que a relação que temos como o mundo e com as coisas, tanto de conhecimento, quanto de comunicação e entendimento dessas coisas é um acontecimento da linguagem. Quando olhamos para as coisas e de imediato assimilamos um sentido para elas, até mesmo quando não entendemos, quando nos comunicamos com outras pessoas, quando fazemos filosofia, estamos imersos no acontecimento da linguagem. Daí que a linguagem de modo mais aclarado, ao conferir ser às coisas, nos coloca em uma relação existencial. Isso quer dizer: *a linguagem é a casa do ser, o ser mora na linguagem*.<sup>44</sup> Fazer uma experiência com a linguagem significa ser conduzido para o ser das coisas, ou seja, para a existência das coisas e, por isso, o nomear deve ser entendido a partir de seu sentido genuíno, isto é, originário.

Agora parece mais claro porque a linguagem não é instrumento e porque *Dichtung* cinge um sentido muito mais fundamental que *Poesie*, pois, o primeiro enquanto nomeador (*poiesis*) reporta-se a um sentido ontológico<sup>45</sup> (originário), enquanto que o segundo a um sentido ôntico<sup>46</sup>. Aí que *Poesie* é um termo bastante caro. Ele advém do termo fundamental *Dichtung* e seu sentido não está necessariamente errado, mas sim no âmbito técnico, não originário, embora faça parte do acontecimento da linguagem.

Seguindo, o que está sendo defendido por *poiesis* enquanto termo fundamental é a *linguagem como linguagem*, ou seja, linguagem nela mesma, que não se mostra a partir de nada que não seja ela mesma. Isso significa dizer que *poiesis* não é símbolo, *não simboliza nada*<sup>47</sup>, não é signo de nada, é surgimento, aparecimento nela mesma, por isso é originária, não se diz por algo outro, deste modo, “caracteriza-se a poética da linguagem – o aparecer

---

<sup>43</sup> HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e Conferências**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schubak. Petrópolis: Vozes, 2008, p.167.

<sup>44</sup> HEIDEGGER, Martin. **A Caminho da Linguagem**. 2008, p. 127

<sup>45</sup> Entende-se por “ontológico” o que diz respeito ao ser (Ver §3 de *Ser e Tempo*)

<sup>46</sup> Por “ôntico” compreende-se o que se reporta ao ente (Ver §4 de *Ser e Tempo*)

<sup>47</sup> FOGEL, Gilvan. **Sentir, Ver, Dizer: cismando coisas de arte e de filosofia**. 2012, p.100

i-mediato, linguagem originária, ou seja, o nome da *hora* e do *lugar* de ser-aparecer”<sup>48</sup>. Por esse motivo, defende-se que a *poiesis* não é blefe de poeta com a linguagem, motivo pelo qual a interpretação da poesia enquanto coisa da emoção, oposta à razão, é uma interpretação equivocada. Eis a necessidade de se colocar em jogo a necessidade de uma experiência com a linguagem, mesmo que essa experiência seja difícil de ser realizada.

Muito que bem, agora pode-se compreender de modo mais distinto que a *poiesis* não é mero flerte de poeta com a linguagem, que linguagem não se usa. Mas, como isso se relaciona com a filosofia? A noção do poético percorrida até aqui já nos anuncia que a relação entre filosofia e *poiesis* não se trata de um antagonismo barato, isto é, como comumente pensado, onde filosofia é a parte dita racional e a *poiesis* a parte do sentimento, algo como razão x emoção. Não! Filosofia e *poiesis* são o mesmo, entretanto, não são idênticas. Eis que pode ocorrer a possibilidade de uma *re-união integradora*, vejamos como:

Poesia e pensamento encontram-se somente e enquanto permanecem na diferença de seus modos de ser. O mesmo não se confunde com igual e nem tão pouco com a unidade vazia do que é meramente idêntico. Com frequência, o igual se transfere para o indiferenciado a fim de que tudo nele se convenha. O mesmo é, ao contrário, o mútuo pertencer do diverso que se dá, pela diferença desde uma reunião integradora. O mesmo apenas se deixa dizer quando se pensa a diferença. No ajuste dos diferentes vem à luz a essência integradora do mesmo. O mesmo reúne integrando o diferente numa unidade originária. O igual, ao contrário, dispersa na unidade pálida do um, somente uni-forme.<sup>49</sup>

Primeiro: compreender poesia não é acontecer fantasioso e onírico<sup>50</sup>. Não se está tratando aqui de simples opostos: poesia x pensamento<sup>51</sup>. Está-se reportando a uma *re-união integradora*. Nesse sentido que Heidegger põem em jogo o que se deve compreender por pensamento e poesia. Não se toma a relação entre o poético e o filosófico por simples

---

<sup>48</sup> Idem, p. 101.

<sup>49</sup> HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e Conferências**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schubak. Petrópolis: Vozes, 2008.p.170.

<sup>50</sup> É de extrema relevância ressaltamos que poesia pode ser sim e o é, em muitos casos, produto da fantasia e do onírico. Não temos nenhum problema em relação a isso! Ocorre, porém, que estamos nos reportando a um direcionamento heideggeriano de *Dichtung* enquanto acontecer que ultrapassa as especulações da poesia como apenas fruto de tais elementos. *Dichtung* configura uma dimensão muito fundante no que diz respeito à linguagem e ao acontecimento do homem no mundo.

<sup>51</sup> Diz-se por pensamento, nesse sentido, o mesmo que filosofia.

antagonismos, pretende-se colocar que ambos, enquanto movimento de um ao outro, outro ao um, calham na dita *re-união integradora* que não exclui a diferença, mas integra, não sendo poesia e pensamento idênticas, mas, *integrantes*. O que então integra filosofia e poesia? O elemento integrador entre ambas é que tanto filosofia, quanto poesia são acontecimentos originários da linguagem. Calhamos em um conflito argumentativo.

Ora, argumentamos que a filosofia se dá poeticamente e somente por se dar poeticamente é eu ela pode ser dita assim, como filosofia. Agora escrevemos que filosofia e poesia são iguais por possuírem um elemento integrador: o fato de serem acontecimentos originários da linguagem. Sendo assim, a poesia se dá filosoficamente? Não estão ambas em extremo pé de igualdade? Afinal, o que estamos fazendo não é andar em círculos? Reformularemos um argumento que já fora exposto ainda há pouco: *poesia e pensamento são iguais, mas, não são idênticos*. Como diz Heidegger nas três conferências já mencionadas: *poesia e pensamento vizinham*.

Essa vizinhança entre poesia e pensamento é o que estamos tomando por *re-união integradora*. Heidegger coloca que poesia e pensamento são duas paralelas as quais uma vai de encontro a outra, ambas se ultrapassando, “as paralelas encontram-se no infinito. Lá se encontram num corte que elas mesmas definem”.<sup>52</sup> Certo, temos duas linhas que se cruzam, se ultrapassam e definem cada qual seu corte. De maneira mais grosseira, isso significa que embora sejam iguais, enquanto acontecimentos originários da linguagem, em algo elas se diferem porque não são idênticas. Em que diferem? Essa diferença é tênue. De modo mais amplo, o pensamento pergunta pela origem das coisas, enquanto que a poesia instaura essa origem. Essa experiência com a linguagem, que nos coloca no caminho da origem, é, em essência, poética porque justamente a poesia nos conduz para tal caminho. Reforçando e clarificando, a poesia não é a verdade das coisas, mas enquanto nomeadora ela desencobre e nos coloca na relação entre as coisas e a sua origem. Logo a filosofia, sendo o questionar pela origem, calha na poesia que opera essa condução. Chegamos ao próximo ponto: o habitar. Segundo Heidegger, “essa vizinhança perpassa por toda parte nossa morada e travessia na terra”.<sup>53</sup>

---

<sup>52</sup> HEIDEGGER, Martin. **A Caminho da Linguagem**. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. 2008, p.153.

<sup>53</sup> Ibidem, p. 147

### 1.1.2 O Habitar

Por ora, já se sabe que *poesia* não é instrumento para enfeitar a linguagem, do mesmo modo que já nos é sabido que poesia e pensamento vizinham e que tal vizinhar perpassa toda nossa morada e travessia nessa terra. Lançamos agora um desafio de entendimento, pois, na medida em que se meditará sobre a palavra “habitar”, simultaneamente se compreenderá porque poesia e pensamento vizinham. Não percamos nunca de vista que é a poesia que *conduz o homem para a Terra, para o seu habitar*, isto é, *poeticamente o homem habita*. Sem muito esforço de entendimento, a primeira indicação é que habitar é o destino, rota, local onde calha o homem através da condução poética. Afirmção óbvia e vaga. Afinal de contas, que nos diz habitar? Heidegger remonta o sentido de habitar até então compreendido pela praticidade, ou seja, um espaço físico para se morar:

Não será o habitar incompatível com o poético? Nosso habitar está sufocado pela crise habitacional. E mesmo que fosse diferente o que se entende hoje por habitar está açulado pelo trabalho, revolido pela caça de vantagens e sucesso, enfeitado pelo lazer e descanso organizados.<sup>54</sup>

Martin Heidegger enfatiza que a palavra de Hölderlin diz “habitar” sem fazer referência a espaço físico, um local material que o homem toma por residência, ou seja, não se refere ao ôntico. “Por isso deixemos de lado a representação corriqueira do que seja habitar.”<sup>55</sup> Ao traçar o sentido de habitar, Hölderlin, como enuncia Heidegger, coloca em curso um entendimento, diga-se assim, mais *pro-fundo*, fundante, a saber, o poeta “vislumbra o traço fundamental da presença humana”<sup>56</sup>. Assim sendo, fundamentalmente, *pro-fundamente*, habitar é existir. Estamos falando sobre o modo de ser do homem quando dizemos a concepção hölderliana e heideggeriana de habitar.

---

<sup>54</sup> HEIDEGGER, Martin. **Ensaaios e Conferências**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schubak. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 165.

<sup>55</sup> Ibidem, p. 166.

<sup>56</sup> Ibidem, p. 167.

Antes de falarmos propriamente do habitar, é indispensável levantarmos uma questão: por que Heidegger recorre a Hölderlin para edificar em sua filosofia algo tão essencial? Essa questão é lançada pelo próprio Heidegger no texto *Hölderlin y la Esencia de la Poesia*, que acerta:

Hölderlin no se há escogido porque su obra, como una entre otras, realice la esencia general de la poesía, sino únicamente porque está cargada con la determinación poética de poetizar la propia esencia de la poesia. Hölderlin es para nosotros en sentido extraordinario el poeta del poeta. Por eso está en el punto decisivo.<sup>57</sup>

Heidegger pondera que não recorreu a Homero, Sófocles, Shakespeare, Dante, ou Goethe, poetas muito "maiores" e mais "bem difundidos" que Hölderlin, justamente porque a busca pela essência da poesia não pode ser tomada de maneira geral. Para o filósofo, é necessário chegar a uma "essência essencial", ou seja, a poesia nela mesma. Daí, que Hölderlin entra em cena, o "poeta dos poetas, o poeta da poesia". Hölderlin realiza uma experiência com a linguagem, ou seja, uma experiência fundante (nomeando). O poeta alemão pertence a geração de poetas adeptos aos ideais de cultura da Grécia antiga, aquilo que se chamou "grecomania."<sup>58</sup> Daí a preocupação hölderliana em viver a linguagem e não fazê-la meio para algo. Heidegger escreve que Hölderlin poetiza a poesia, quer dizer, realiza uma experiência originária com a linguagem, não apenas reunindo palavras em versos, mas estando em comunhão, em relação com as coisas e sua existência, isso é poetizar.

Heidegger chega já a interpreta certos indícios de que Hölderlin poetiza a poesia a partir de alguns títulos de seus poemas como "*Vocación y oficio de poeta*"; "*Ánimo de poeta*", em escritos como "*Sobre las partes del poema*"; "*Sobre el modo del proceder del espíritu poético*"<sup>59</sup> etc. A questão central é que a leitura heideggeriana de diversos aspectos da poesia de Hölderlin apontam que o poeta, muito provavelmente diferente da maioria dos demais poetas, tinha a noção de que "fazer" poesia significa estar em comunhão com a existência das coisas, aí que o poeta funda. Ouçamos:

---

<sup>57</sup> HEIDEGGER, Martin. **Arte y Poesia**. Trad. Samuel Ramos. México: Fondo de Cultura Económica, 1973, p.128

<sup>58</sup> Ibidem. p. 117

<sup>59</sup> HEIDEGGER, Martin. **Aclaraciones a la poesia de Hölderlin**. Trad. Helena Cortés Gabaudán e Arturo Leyte Coelho. Madrid: Alianza Editorial, 2005. P. 202.



*Es derecho de nosotros, los poetas,  
estar em pie ante las tormentas de Dios,  
con la cabeza desnuda,  
para apresar con nuestras propias manos el  
rayo de luz del Padre, a él mismo.  
Y hacer llegar al Pueblo envuelto em cantos  
el dón celeste.<sup>60</sup>*

Poetar, isto é, estar em relação com as coisas e sua existência, escutando, doando-se, estando em comunhão: é estar com a cabeça desnuda. Estar nu, significa doação. Hölderlin escrevia em seus poemas e escritos em geral sobre essa necessidade da criação poética enquanto fundação das coisas. Através da sua doação, o poeta é aquele que interage entre Céu e Terra, trazendo à tona, por meio de sua poesia o que as coisas mesmas são. O poeta e sua criação: *relação entre Deus e o Músculo*.<sup>61</sup> Homem e divino. Nua entrega! A poesia de Hölderlin, segundo Françoise Dastur, em seu ensaio *Hölderlin, Tragédia e Modernidade*<sup>62</sup>, carrega traços fundamentais com os temas (conflituosos): "a) antigo x moderno; b) nativo x estrangeiro c) terreno x celestial"<sup>63</sup>. Preste-se atenção no tema c) terreno x celestial. Nós, homens, estamos entre o terreno e o celestial; o divino, longe de ser o ser cristão iluminado, onipresente, onipotente e onisciente, ao qual o ocidente está habituado, é:

(...) a "medida" com a qual o homem confere medida com seu habitar, à sua morada e demora sobre a terra, sob o céu. Somente porque o homem faz, desse modo, o levantamento de medida de seu habitar é que ele consegue ser na medida de sua essência. O habitar do homem repousa no fato de a dimensão, a que pertencem tanto céu como a terra, levantar a medida levantando os olhos.<sup>64</sup>

---

<sup>60</sup> F. Hölderlin "Como cuando em dia de fiesta". In HEIDEGGER, Martin. **Arte y Poesía**. Trad. Samuel Ramos. México: Fondo de Cultura Económica, 1973. P.141-142.

<sup>61</sup> Menção a música "Maiúsculo" de Sérgio Sampaio. Vejamos mais um pouco: "Como é maiúsculo/ O artista e a sua canção/ Relação entre Deus e o músculo/ Que faz poderosa a sua criação."

<sup>62</sup> DASTUR, Françoise. Hölderlin, *Tragédia e Modernidade*. In NUNES, Benedito. **Hermenêutica e poesia: o pensamento poético**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

<sup>63</sup> Idem. p. 120

<sup>64</sup> HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e Conferências**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schubak. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 173.

Medida é "aparecer", o homem levanta os olhos: "deixa ver no sentido de resguardar o que se encobre em seu encobrir-se"<sup>65</sup>. Heidegger atribui à poesia o "tomar de medida", é aí que o homem pode habitar poeticamente. Habitar poeticamente é tomar a medida entre o divino (celestial) e o terreno: "o levantamento da medida constitui o poético do Habitar". Quer dizer, o que ele faz entre o céu e a terra, essa é a tomada de medida. Tomar medida pode ser compreendido como assumir a decisão de deixar ser, isto é, comungar com a *Ἀλήθεια*. Falamos de uma doação, uma entrega, enfim, de uma escuta. De modo exemplificado, esse exercício de comunhão ocorre no ato de poetar, sendo um modo de resguardo – repare-se: resguardo é aquilo que se vislumbra na comunhão. Resguardar nos diz: deixar ser! Nesse ponto é que se pode compreender a noção de linguagem fundamentada por Heidegger a partir da leitura da obra poética de Hölderlin como um acontecimento, manifestação, aparecimento, afeto. Ela se mostra, se oculta, acontece.

Retornando de maneira menos apressada ao habitar, realizando uma escuta das palavras de Hölderlin – *poeticamente o homem habita* –, Heidegger adentra no sentido próprio do que é habitar, vislumbrando atender ao apelo mais íntimo da própria linguagem, quer dizer, o que diz habitar em sua forma mais originária. O filósofo retoma o sentido originário (que fora esquecido<sup>66</sup>) da palavra *bauen*, *baun*, *bhu*, *beo* (construir, habitar) que pertence a *bin* (*sou*), assim *a* maneira como o homem é se faz a maneira como ele habita. Habitar é a morada do ser-homem, desse modo, o homem "é à medida que habita"<sup>67</sup>. Habitar é a maneira como "eu sou", como "nós somos". Habitar "constitui o ser do homem [...] é o traço fundamental do ser-homem"<sup>68</sup>. De modo imediato, "habitar" é, pois, "existir". Em seu sentido fundamental, habitar é a morada do homem. Habitar, muito além do seu sentido usual, prático e técnico, engendra um sentido existencial, isto é, ao dizermos essa concepção de habitar referimo-nos a existência do homem. Aí que o homem existe (habita)

---

<sup>65</sup> Ibidem. p. 174.

<sup>66</sup> Tal esquecer não é fruto de uma amnésia, ou coisa do tipo. Reportamo-nos aqui a crítica heideggeriana ao uso da linguagem como utensílio enquanto a palavra habitar é compreendida, de maneira efetiva, em seu âmbito prático e não em seu sentido originário (ontológico).

<sup>67</sup> Ibidem, p.127.

<sup>68</sup> Ibidem. p. 17.

poeticamente. Tal possibilidade de um existir genuinamente poético se dá a partir da linguagem.

Lembremo-nos que *a linguagem é a casa do ser*, isto é, “Heidegger diz que moramos na linguagem”<sup>69</sup>, assim, coloca-se que se habita na linguagem. Isso significa que a linguagem é a base pela qual o ser se sustenta, quer dizer, linguagem é a fundamentação do ser e de tudo o que há. Podemos ser, pensar, agir, sentir, expressar, bradar, filosofar, fazer poesia, enfim... dirigir a palavra porque há algo como linguagem.

Há pouco fundamentamos, a partir da leitura heideggeriana do poema *A Palavra* de Stefan George, em que consiste a palavra e como ela, por meio da linguagem, confere “ser” para (e das) coisas. É, pois, nesse contexto que dizemos que a linguagem é a base do ser. Somos e estamos sendo e, ainda, sabemos que somos e que estamos sendo porque, como o próprio Heidegger escreve, não falamos somente sobre a linguagem, mas, a partir dela<sup>70</sup>. Portanto, tudo o que sabemos, sabemos a partir da linguagem.

Somos dotados de linguagem. Não se trata de nenhuma constatação inédita, trata-se do que nos permite verbalizar as coisas e a nós mesmos. Além do verbo, linguagem é o que engendra o verbo porque é possibilidade de ser, isto é, somos porque esse âmbito que permite que o ser se movimente construindo o mundo é a linguagem. De modo mais aclarado, a linguagem é a morada do homem porque toda sua estrutura de homem enquanto tal, quer dizer, o modo como se constrói, como se projeta, como constrói o mundo e como projeta o mundo se dá a partir da linguagem. Isso ocorre poeticamente, pois, é a poesia que conduz o homem para o seu habitar (linguagem).

Eis que pontos importantes começam a amarrar-se de modo mais esclarecido, pois dado que a *poiesis* conduz o homem para sua morada e se tal morada é a linguagem, é bastante pertinente pensar que a linguagem é um acontecimento poético. Mas, de modo mais incisivo, o que de fato a poesia tem a ver com o homem morar na linguagem? Dissemos, pois, a *poiesis* que conduz o homem para seu habitar. Como? Sendo assim, habita-se em verso? Não! Calhamos na tal da re-união integradora.

---

<sup>69</sup>NUNES, Benedito. **Hermenêutica e poesia: o pensamento poético**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 157.

<sup>70</sup> HEIDEGGER, Martin. **A Caminho da Linguagem**. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schubak. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 148

Como já fora adiantado, *poiesis* e pensamento são o mesmo mas não são iguais. A integração entre elas se dá na medida em que elas vizinham. Vizinhar significa estar perto: “habitar a proximidade”<sup>71</sup>. Essa proximidade, segundo Heidegger, é possível a partir do que ele chama de *saga do dizer*. Poesia e pensamento são elementos dessa saga. Ela (a saga) traz o pensamento para perto, para a vizinhança.<sup>72</sup> Saga do dizer nos remete ao que pensamento e poesia dizem e como dizem. Falamos de poetar (*dichten*) e pensar (*denken*).

*Dichten* é a ação da *Dichtung*, *Dichten* é o ofício do poeta. Poetar é o que faz o poeta, isto é, fazer visível (des-velar) a *Ἀλήθεια*. Significa: “mostrar, tornar a coisa visível, manifestá-la de forma particular numa configuração rítmica, que, por sua vez, atende a uma disposição anímica”.<sup>73</sup> Poesia anima, quer dizer, confere ânimo porque ao nomear deixa ser, confere luz à existência até então escurecida. Poetar é fazer ver, ser-aparecer, reverberar. Poetar é entoar. Heidegger segue a noção de Hölderlin de que *poesia é canto*<sup>74</sup>. Esse ritmo - do canto - confia vida, anima. Cantar é animar (deixa ser!). “Palavra diz” é o mesmo que “palavra canta”. Falamos isso no sentido de dar tom, ou seja, estabelecimento de prumo, cadência. Canto soa mesmo no silêncio porque canto não é barulho, é harmonizar, amorizar a coisa e seu ser, como na transa, aproximando, entrelaçando os amantes (filosofia e poesia).

Reafirmando, a palavra entrega ser às coisas ao colocar o ente em relação com o seu ser, isso, pois, que é nomear: a palavra sustenta a relação entre a coisa e o seu ser. Poetar é dar ritmo para esse acontecer. Os poetas nomeiam, nomeiam porque escutam o apelo da linguagem, deixando a palavra soar em seu ouvido. É nesse sentido que os poetas fundam, porque res-guardam<sup>75</sup> e habitam na linguagem. Ouçamos Hölderlin: “*Ser reunido é divino, é bom; de onde vem então esse vício dentre os homens de só admitir o um, o uno?*”<sup>76</sup>

---

<sup>71</sup> Ibidem, p. 154

<sup>72</sup> Ibidem, p.156-157

<sup>73</sup> NUNES, Benedito. **Heidegger e a Poesia**. In: *Natureza Humana* 2(1):103-127, 2000, p. 119.

<sup>74</sup> HEIDEGGER, Martin, op. cit., p. 141.

<sup>75</sup> Ao passo em que se entregam para o acontecer originário da linguagem (a instauração da palavra), realizando o seu ofício que é poetar, os poetas estão “zelando”, isto é “guardando”, “cuidando”, “velando”, “res-guardando” o próprio acontecer da linguagem ao realizar o deixar ser que a palavra concede.

<sup>76</sup> HÖLDERLIN, Friederich, Stuttgart, 1ª edição, p.305. In: HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e Conferências**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schubak. Petrópolis: Vozes, 2008.p.170.

O habitar, como anuncia Heidegger no texto *Construir, habitar, pensar* é resguardar<sup>77</sup> a quadratura *céu, terra, homem e divino*, habitar poeticamente, como já dissemos antes, é a tomada de medida do homem entre o céu e a terra. Prestemos mais atenção: céu, terra, homem e divino. O homem habita entre céu e terra, é nesse “entre” que o homem toma medida, constrói o mundo. Tomar medida construindo o mundo não é fazer-se senhor desse mundo, na contramão dessa ideia, é deixar que céu, terra, divino e humano sejam em seu vigor. Esse vigor nada mais é do que o sendo que constituí o acontecer de céu e terra, quer dizer, habitar é existir. Cabe ao homem não agregar mais à existência, mas conectar-se a esse existir ao qual está lançado. Entrega pura! Entregar-se é o que faz o poeta em seu poetar, é onde a poiesis age: como pro-dução (*ποίησις*), nomeando, conferindo ser para as coisas e não inventando. Nesse contexto é que o poeta faz poetar. Prossigamos.

*Denken* (pensar) é o que faz o filósofo. O pensamento é ofício do filósofo. Esse pensamento é sempre um questionar. O filósofo é aquele que questiona, que pergunta pelo porquê das coisas. Para perguntar ele pensa, isto é, junta ideias, conceitos, observações, analisa tudo para chegar a algum entendimento. Muito que bem, de maneira mais direta, podemos dizer que o pensamento está perguntando pelo porquê das coisas, logo, pergunta pela base que as sustenta, se a linguagem é a base que sustenta tudo o que há, entrementes.

Sabemos que enquanto nomeadora, a poesia funda essa origem, daí que podemos muito bem entender que todo pensamento que pretenda auscultar o originário é necessariamente poético. Contudo, a poesia não se dá filosoficamente. Eu pergunto pela existência de algo que foi conferido pela poesia, isso significa dizer que estou na relação com o ser do que pergunto porque a poesia me conduziu para essa relação enquanto nomeadora. A filosofia pergunta como isso é possível. Essa possibilidade se assenta na medida em que pensar, assim como poetar, é um acontecimento originário da linguagem porque também é resguardar. Vejamos, pois, em virtude de que arriscamos esse argumento.

---

<sup>77</sup> Esse resguardo, uma espécie de *serenidade*, é o que se pode compreender por a tomada de consciência do homem de sua *finitude*, “aprender a morrer”. Aprender a morrer pode ser compreendido como a tomada da consciência do homem de sua finitude, o encontro com a sua presença, o que o diferencia da multiplicidade, a partir disso, o homem passa a buscar o conhecimento do mundo e de sua presença no mundo (impulsionado por um medo e uma angústia em relação a morte), passa a ter um olhar atento e crítico para o mundo e para ele mesmo. (HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 2005).

Resguardar, como já dissemos, é entregar-se a comunhão do sendo, ou seja, é “deixar ser”. Ao auscultar o originário das coisas sem acrescentar-lhes nada mais do que a busca pelo seu próprio vigor, pensamento resguarda. Ocorre o mesmo com o poetar que confere ser para as coisas no ato de nomeá-las. Aqui encontramos elementos que amorizam, que transam filosofia e poesia. Raciocinemos deste modo: resguardar, além de entregar-se, é estar em um certo estado de vigília, pois é esse preservar do sendo que engendra as coisas. A filosofia é um perene estado de vigília pelo originário das coisas e a poesia é quem ilumina essa vigília. Tal iluminação é possível pelo fato - já anunciado - da *Dichtung* fazer visível (des-velar) a *Ἀλήθεια*.

Trata-se de fato de uma diferença bastante sutil. Só posso exercer algo assim, como questionar a origem, porque, antes, já estou em um campo que me indica um caminho (iluminando!), permitindo tal questionar. O pensamento abre campos. O que é campo? Pensemos no campo como o espaço da possibilidade de se poder tentar realizar um entendimento acerca da vizinhança entre poesia e pensamento. O lugar onde sempre estamos e de onde sempre partimos para poder falar da vizinhança é a linguagem. O campo é esse espaço onde podemos pensar e tencionar sobre essa vizinhança. Ao pensarmos isso, já estamos vizinhando a poesia, dito de outro modo, ao questionar a origem das coisas, está vizinhando a poesia. Porém, uma coisa é estar nessa vizinhança, outra é dar-se conta desse acontecimento.

Falamos que o homem habita poeticamente porque a poesia é justamente o que edifica a existência das coisas ao nos colocar em relação com o ser das coisas. Com efeito, o que acabamos de dizer nos livra da parca compreensão de que poesia é mera invencionice. Ela é, antes, acontecimento originário e, necessariamente, a própria essência da linguagem, pois nos conduz para a existência. Este é o movimento da poesia: entoar o sentido das coisas e nos amorizar a ele. Dissemos que poesia e pensamento vizinham, ou seja, habitam próximos, que são acontecimentos originários da linguagem, que são o mesmo, mas, não idênticos, que falam o mesmo, e que a diferença entre eles é tênue. Isso também nos livra de uma compreensão racionalista de filosofia. O campo, isto é, o espaço onde é possível o movimento dessa vizinhança e, principalmente, que assegura e nos desperta para essa vizinhança é a transcendência.

### 1.1.3 Transcendência

Transcendência não é algo que descola de um plano físico para ficar além – isso é metafísica das ruínas!<sup>78</sup> Enfim, transcendência não é coisa à parte da terra. É comum que se dote a transcendência um sentido metafísico (até místico!) de algo que fica sobrevoando os céus – transcendendo, detentora da qualidade de ser “mais-além”, “infinita”. Conhecemos na terra, somos seres terrestres e o conhecimento não é coisa que precisa sair do corpo para se dizer filosófico. Somos corpo e alma, ou seja, concretização *de vida*<sup>79</sup>, assim sendo, transcendência não é um passe de mágica, mas sim, parte da vida. Ocorre que, em estado de transcendência, *saltamos do ordinário para o extra-ordinário*.

Desde o início de nossa investigação, estamos falando sobre uma compreensão heideggeriana de poesia e sua relação existencial com a filosofia. Essa concepção é relativa à chamada segunda fase (a partir de 1936) do pensamento de Heidegger. Para um entendimento mais limpo sobre o que estamos tratando e, principalmente, desse *saltar do ordinário para o extra-ordinário*, alguns pontos importantes da primeira fase da filosofia heideggeriana (a partir de 1927) devem ser apontados. Isso porque se entrelaçam ao objetivo de fundamentar que *a poesia existencializa a filosofia* – que é o mesmo que afirmar que a filosofia se dá poeticamente - e, para tanto, a estruturação da noção ontológica da primeira fase é basilar.

Para Martin Heidegger filosofia é ontologia, ou seja, é a pergunta e investigação pelo sentido ser. Com *Ser e Tempo* (1927), a pretensão do filósofo se concentrou na *elaboração de uma ontologia fundamental*<sup>80</sup> a partir do horizonte da temporalidade. Para tanto, Heidegger redireciona a questão central da filosofia que estava perguntando pelo ente e não pelo ser. Perguntar pelo ser e não pelo ente implica no que escrevemos anteriormente em “deixar ser”, quer dizer, Heidegger analisa e critica uma tradição de

---

<sup>78</sup> Fazemos aqui uma referência a crítica feita à metafísica por Martin Heidegger, onde o fim da filosofia como metafísica é decretado, uma vez que essa se perdeu em discursos ônticos (científicos) e vazios de sentido, reduzindo o pensamento a um enunciado do estado de coisas, passando longe do problema fundamental da filosofia, o ser (O Fim da Filosofia e Tarefa do Pensamento, in HEIDEGGER, Martin. **Conferências e Escritos Filosóficos**. Trad. Ernildo Stain. São Paulo: Nova Cultural, 1991).

<sup>79</sup> Idem, p. 101

<sup>80</sup> NUNES, Benedito. **Hermenêutica e poesia: o pensamento poético**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 104.

leitura filosófica que enviesou a noção grega de verdade como des-velamento do ser, o que por consequência, gerou diversas confusões e entendimentos equivocados. Tais enganos fizeram adjetivar, objetificar o ser. Isso se torna um grave engano, pois o “ser está naquilo que é como é, na realidade, no ser simplesmente dado (*Vorhandenheit*)”.<sup>81</sup> O filósofo coloca que existe possibilidade de acesso (não total) ao ser. O homem já traz consigo a possibilidade de compreender seu ser e isso é possível porque o *Dasein* (que é o que “nós mesmos somos”<sup>82</sup>) é transcendente. Todavia, tal compreensão do ser que o ente possui em sua inscrição se faz de modo obscuro e impreciso. A isso tomamos por compreensão *pré-ontológica*. A saber, o homem (ente) que está presente (*da*) no ser (*sein*) – *Da-sein* – é o “ente cujo ser consiste na presença do ser”.<sup>83</sup> Daí que se torna impossível adjetivar, objetificar e tornara metafísico o ser, porque é o homem que está em vista do ser e não o contrário.

Ser precede homem, o homem está lançado em vista do ser, “o homem é o que é pelo e desde o ser”.<sup>84</sup> Essa possibilidade é o que podemos chamar de *abertura*. *Dasein* é abertura. Termo fundamental para a filosofia de Heidegger, abertura pode ser compreendida como:

o conjunto de condições preliminares – ontológicas, dirá Heidegger – que nos habilitam a agir, a pensar, a conhecer, condições que correspondem às estruturas do comportamento e, como tais, constitutivas do *Dasein* e de sua compreensão do ser.<sup>85</sup>

Abertura é o modo de ser do *Dasein*, é articulação de sentido, isto é, compreensão de ser. Tal compreensão é a abertura que permite que os entes venham ao encontro. *Dasein* é no modo da compreensão do ser. Entretanto, quando os entes aparecem, eles não aparecem “crus”. Eles já aparecem desta ou daquela forma, já têm o seu sentido articulado. Ocorre que é o estado de abertura que nos permite falar de existência: um movimento para

---

<sup>81</sup> HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schubak. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 42.

<sup>82</sup> <sup>82</sup> NUNES, Benedito. **Hermenêutica e poesia: o pensamento poético**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 104.

<sup>83</sup> ZUBIRI, Xavier. **Cinco Lições de Filosofia**. Trad. Antonio Tadeu Cherriff dos Santos. São Paulo: É Realizações Editora. 2012. 2012, p. 252.

<sup>84</sup> Idem, p. 252.

<sup>85</sup> NUNES, Benedito, op. cit., p.107.



fora (*ex*). Existência significa “ser para fora”, ou seja, ter uma abertura. Ser é sempre sentido de ser, isto é o que permite o caráter ontológico da abertura, pois é a partir dela que pode-se acessar o sentido de existência, o que assegura, por exemplo, a possibilidade de se fazer ontologia. É pelo fato de o *Dasein* ser abertura que ele articula sentido, é graças a isso que podemos pensar, agir, e principalmente, estruturar modo de pensamento e ação (comportamento).

Prosseguindo, o estado de aberto é o que nos permite dizer que já estamos sempre tomados pela linguagem. Lembremo-nos do que fora dito: *o pensamento abre campos*. Isto significa que quando “somos” – compreendemos ser –, já estamos entregues à linguagem, isto é, movemo-nos em um estado de transcendência. Ao questionarmos tal compreensão de ser, topamos com nossa própria existência e aí a transcendência ganha um novo sentido. Ela não se refere agora ao mero estado de aberto do *Dasein*, mas à decisão que o lança na pergunta pelo ser, pela existência. Transcendência, agora, é pura reverberação que salta da obscuridade (compreensão pré-ontológica) para a pergunta pelo ser, do ordinário para o extra-ordinário.

Veja-se que esse “ordinário” é a compreensão tomada a partir do plano ôntico (relativo ao ente), onde o *Dasein* se reconhece a partir do “mundo” - corriqueiro, comum, banal, técnico, a partir do qual se compreende a linguagem como um utensílio - e dos outros. Esse “mundo” é aquele o qual a filosofia parece dar uma “volta em torno próprio rabo” sem perceber que está perguntando e perseguindo o ente, causando, por consequência, uma filosofia (enquanto metafísica) “doente dos olhos”<sup>86</sup>. Como diagnostica Heidegger: amnésia pura!

Com efeito, ressaltamos que a crítica heideggeriana não pode e nem deve ser interpretada como uma espécie de idealismo, pois não objetiva exterminar por completo o ôntico, muito pelo contrário. O salto do ordinário para o extraordinário, a transcendência, nunca é um abandono do ordinário, ao contrário, deve-se perceber que o extraordinário reside no ordinário. “Ser diz sempre ser de um ente”<sup>87</sup>.

---

<sup>86</sup> Referência ao poema *II De “O Guardador de Rebanhos”* do poeta português Alberto Caeiro, onde o verso nos diz “pensar é estar doente dos olhos”. (PESSOA, Fernando. *Ficções do Interlúdio/I Poemas Completos de Alberto Caeiro*. Nova Fronteira. 1980) Salienta-se que esse tema será retomado com maior cuidado no segundo capítulo dessa escritura.

<sup>87</sup> HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schubak. Petrópolis: Vozes 2008, p. 32.

Amarrando os pontos, quando a poesia conduz o homem para seu habitar (sua existência), colocando-o em relação com o ser das coisas, tal movimento (salto) – enquanto nomeador e fundador – é pura transcendência. O próprio *Dasein*, nesse sentido, é poético porque é transcendente. Quando o pensamento almeja compreender as entranhas de tudo o que há, lançando-se nesse jogo, ele se entrelaça, vizinha, se integra, transa, amoriza com a poesia.

A filosofia se dá poeticamente porque se integra com a poesia. Essa integração só ocorre porque a própria poesia realiza na condução do pensamento a entrega para a linguagem enquanto fundação da verdade. Não pode haver pensamento filosófico que não seja poético, pois, um pensamento que não se dedique a pôr a claro o sentido do ser não é filosófico. Em última instância, filosofia acontece poeticamente porque é perseguição do originário (ser) e é a poesia que conduz a ele.

### *1.2 Da possibilidade do acontecer poético da filosofia no ensino a partir do triângulo amoroso Espanto, Salto e A-bismo.*

*Tropeço, tombo fatal,  
Meio fio,  
Meia lua,  
Baque lindo.  
- Chico César.*

No princípio era o verbo. E o verbo não era Deus. Verbo não é aqui divino, não no sentido corriqueiro, ou em seu sentido amplamente cristão<sup>88</sup>. O sentido do verbo é, pois, filosófico. Em algum momento, o homem vislumbrou o céu, fitou o horizonte e, em estado de novidade, perguntou: que é isto? E ainda, não satisfeito, olhou para dentro de si e foi então que saltou-lhe novamente com tamanha força mais um incisivo: que é isto? No princípio era o verbo: *thaumázein*. Espantar, admirar, é o que nos diz *thaumázein*.

---

<sup>88</sup> Falamos da palavra divino no seu sentido latinizado de *divinus* que se refere a deus tendo sua raiz na palavra *divus*, “Deus” em português. Ainda podemos encontrar outro possível sentido da palavra oriundo o Indo-Europeu *diw*, algo como “brilhante” em português. (Origem da Palavra- Site de Etimologia. Disponível em: <<http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/divino/>> Acesso em: 03 de setembro de 2018)

Como ilustrado por Platão: “(...), pois a admiração é a verdadeira característica do filósofo. Não tem outra origem a filosofia”.<sup>89</sup> E por Aristóteles:

Com efeito, foi pela admiração que os homens começaram a filosofar tanto no princípio quanto agora; perplexos, de início, ante as dificuldades mais óbvias, avançaram pouco a pouco e enunciaram problemas a respeito das maiores, como os fenômenos da Lua, do Sol e das estrelas, assim como a gênese do universo (...)<sup>90</sup>

A filosofia surge do *thauma*, isto é, do espanto<sup>91</sup>, da admiração, perplexidade, do susto, com as coisas e o porquê delas. Espantar-se, admirar-se, pôr-se perplexo, assustar-se, concebem, portanto, uma postura que prover todo movimento filosófico e é a partir dele que este mesmo movimento passa a ser decidido e orientado. No princípio fez-se a dúvida, da dúvida fez-se a busca. Marcha.

Uma resolução muito simples, a filosofia é inaugurada por um espanto: “um belo dia os homens se espantaram, a saber, sobre o ente e sobre o fato de ele ser e de que ele seja. Impelidos pelo espanto, começaram a filosofar”.<sup>92</sup> Diz-se com isso, então, que séculos de pensamento e, principalmente, de tradição epistemológica nasceram de um susto? Espanto-me, logo filósofo? Então, quer dizer que “tão logo a filosofia se pôs em marcha, tornou-se o espanto supérfluo como impulso, desaparecendo por isso. Pôde desaparecer já que fora apenas um estímulo”?<sup>93</sup> Para fundamentar algo assim, tão importante, se faz necessário a compreensão filosófica do espanto, algo não tão simples.

Martin Heidegger, ao traçar uma proposta de caminho de pensamento para a questão fundamental “o que é a filosofia?” em *Qu’est-ce la Philosophie?*, convida-nos a entrar em um terreno genuinamente grega. Ele nos diz que “(...) o espanto é *arkhé* – ele perpassa qualquer passo da filosofia”.<sup>94</sup> Espanto não é apenas algo que antecipa o filosofar, ele suste, impera (*arkhein*). Enquanto *arkhé*, o espanto não apenas inaugura, mas *funda o filosofar*.

---

<sup>89</sup> PLATÃO. **Teeteto**. Trad. Carlos Aberto Nunes. Belém: Editora Universitária UFPA, 2001, 156 d.

<sup>90</sup> ARISTÓTELES. **Metafísica**. Trad. Leonel Vallandro. Porto Alegre: Editora Globo, 1969. 982 b.

<sup>91</sup> Por se tratar de uma leitura heideggeriana, tomar-se-á a *tradução de thaumázein* como o verbo espantar, assim como *Thauma* como espanto.

<sup>92</sup> HEIDEGGER, Martin. *Que é isto – a Filosofia?*. in HEIDEGGER, Martin. **Conferências e Escritos Filosóficos**. Trad. Ernildo Stain. São Paulo: Nova Cultural, 1991, p. 21

<sup>93</sup> Heidegger, Martin, op. cit, p. 21.

<sup>94</sup> Heidegger, Martin, op. cit, p. 21.

Espantar-se é o mesmo que afetar-se, tender-se para, não é simples estado de espírito, surto passageiro. Segundo Heidegger, espanto pode ser entendido como *páthos*, no sentido de *páskhein*: *sofrer, aguentar, tolerar, suportar, deixar-se levar por, ainda: deixar-se con-vocar por*.<sup>95</sup> Tem de haver uma hora intranquila, um tempo de desassossego, eis um momento de entrega. Não nos referimos à entrega semelhante àquela do amante para seu amado, como num ato de consumação, falamos sobre deixar ser. Espanto enquanto *phátos* nos diz: deixai ser!

Deixar ser. Heidegger arrisca tomar *páthos* como *dis-posição*. Que nos conta *dis-posição*? Dis-por-se, ir, e mais ainda, assumir. Dis-posição, como escreve Heidegger em *Ser e Tempo*<sup>96</sup> (§29), não se configura apenas como um estado de espírito, não é quando alguém acorda disposto em uma bela manhã de sol. “O espanto é a dis-posição na qual e para a qual o ser do ente se abre. O espanto é a dis-posição em meio à qual estava garantida para os filósofos gregos a correspondência ao ser do ente.”<sup>97</sup> Logo, o espanto pode ser compreendido como o *phátos* inaugural do filosofar, isto é, o limiar da filosofia, não apenas enquanto pontapé inicial, mas, como ânimo, isto é, a condição que engendra a possibilidade do ir em direção ao extra-ordinário.

Do *páthos* inaugural da filosofia, essa postura, esse tender-se do ente para a correspondência do seu ser, nos é pertinente a ideia de que de tal tender confere movimento: ir para, lançar-se para. É a partir de tal movimento que a filosofia acontece. Não é um caminho rápido e fácil, envolve desconforto, é quando uma base de certezas entra em trepidação. Filosofar no sismo, parafraseando Guimarães Rosa<sup>98</sup>: filosofar é negócio muito perigoso, o movimento filosófico é, pois perigoso, trata-se de um salto. Quando o susto nos toma, o salto já está a nossa espreita. Precisamos saltar.

Em *Parmênides*, Martin Heidegger, realizando uma meditação sobre a palavra *Ἀλήθεια*, traz que o caminho de conhecimento concentra-se em pensar o ser: “Todo homem da história conhece o ser imediatamente, sem, no entanto, reconhecê-lo como tal”.<sup>99</sup> Assim sendo, se faz necessário concentrar todo o empenho dedicado ao pensamento no que há de

---

<sup>95</sup> HEIDEGGER, Martin. *Que é isto – a Filosofia?*. in HEIDEGGER, Martin. **Conferências e Escritos Filosóficos**. Trad. Ernildo Stain. São Paulo: Nova Cultural, 1991, p. 21 p. 21.

<sup>96</sup> HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2005.

<sup>97</sup> Ibidem, p.22.

<sup>98</sup> “Viver é negócio muito perigoso...” ROSA, Guimarães. Grande Sertão: Veredas. 2001, p.26.

<sup>99</sup> HEIDEGGER, Martin. **Parmênides**. 2008, Petrópolis: Vozes, p. 213.

mais fundamental. Esse pensar, como coloca Heidegger, se dá por saltos (*Sprung*), isso porque toda a fixidez, o chão posto sobre nossos pés, sólido, firme, o qual os entes estão arraigados, nada mais trata do que dos entes.

O ser é e está no e para o sem-chão (*Boden-lose*), desse modo, o acesso ao ser não está no solo, aí que o pensar o ser se dê por meio de saltos. Tome-se um cuidado necessário: dizer que o ser está para o *Boden-lose* não significa o mesmo que dizer que o ser está flutuando por aí nos céus. Não! O *Boden-lose* implica em um plano que não seja ôntico ou seja, ao ente, é o que chamamos anteriormente de extra-ordinário. Embora a via de acesso ao ser seja o próprio ente, não significa que pensar o ser ocorra por meio de uma explicação ôntica. Para pensar o ente devemos deixar a paisagem familiar do esquecimento do ser<sup>100</sup>.

Muito que bem, nos espantamos e logo após saltamos para o sem-chão, eis o que denominamos a-bismo. Fazer filosofia é atirar-se para o a-bismo. Proveniente do grego (*ἀβυσσος*) *abyssos*, formada por a- “sem”, mais *byssos* “fundo” (*abyssus*) “lugar sem fundo”<sup>101</sup>, a-bismo é um local sem-chão, sem terra firme. Como, então, fazer filosofia em um terreno tão inseguro? Dizemos, pois, que a-bismo é estado de transcendência. Isso mesmo, saltar para o a-bismo é o mesmo que saltar do ordinário para o ordinário. A partir do ôntico para o ontológico, ou seja, visar o extra-ordinário no ordinário sem, no entanto, confundi-los.

É de fato uma corrida sem *pódio de chegada*<sup>102</sup>. Nossa postura filosófica tomada até aqui é justamente essa, não há um troféu no fim dessa corrida. Primeiro, porque nossa fundamentação epistemológica é heideggeriana, e já sabemos que o próprio Heidegger deixa muito bem aclarado<sup>103</sup> que não podemos ter acesso pleno ao ser – o que nos faz perguntar pelo seu sentido. Em segundo lugar, não nos é objetivado um lugar no pódio, mas sim, uma melhor orientação possível na corrida. Por esse motivo, fundamentamos de início que não se ensina filosofia, mas que ela pode acontecer em sala de aula. Sigamos, pois.

---

<sup>100</sup> Idem, p. 213.

<sup>101</sup> Origem da Palavra- Site de Etimologia. Disponível em: <<http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/abismo/>> Acesso em: 03 de setembro de 2018).

<sup>102</sup> Referência a música “O Tempo Não Para” de Cazuza.

<sup>103</sup> HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2005.

Espanto salto e a-bismo, um triângulo, dito assim: amoroso, que impele por consequência, um *movimento amoroso*. Que o *eros* é força imprescindível, motriz, impulsionadora para o filosofar, não é novidade. Segundo a narrativa da gênese do *eros*, proferida pela sacerdotisa Diotima, em *O Banquete* de Platão, coloca-se aqui que o amor é fruto de uma oportunidade, de um ensejo. A pobreza (*Penia*) enfadada de sua condição pedinte, tomada por um estado de volúpia, ao avistar *Poros* (a riqueza) inerme (farto, teso, embriagado e inconsciente), deita-se ao seu lado, concebendo assim o amor. Com isso, não cabe a *Eros*, como lhe trata o vulgo, apenas uma fineza e beleza absoluta. É assim descrito por Diotima:

é pobre, e muito longe está de ser delicado e belo como todos vulgarmente pensam. Eros na realidade, é rude, é sujo, anda descalço, não tem lar, dorme no chão duro, junto aos umbrais das portas, ou nas ruas, sem leito nem conforto. Segue nisso a natureza de sua mãe que vive na miséria. Por influência da natureza que recebeu do pai, Eros dirige atenção para tudo o que é belo e gracioso; é bravo, audaz, constante e grande caçador; está sempre a deliberar e urdir maquinações, a desejar, e a adquirir conhecimentos, filosofa durante toda sua vida, é grande feiticeiro, mago e sofista.<sup>104</sup>

O *Eros* platônico por ser, metade da mãe e metade do pai, não é falta nem plenitude, não é sábio nem tolo, é força desejante, por esse motivo, liga-se a filosofia, desejo de procriar conhecimento. Desejo que não cessa, *Eros* não é imortal, mas sempre renasce, eterno percorrer do que é belo e grande. O conhecimento sendo vasto e belo para Platão, logo, é desejado por *Eros*. Ama-se (e deseja) aquilo que não se tem. À parte isso, o amor por ser disposição entre as extremidades maternas e paternas – força oscilante, é também movimento. Eis o que o *Eros* diz: movimento! calhamos agora em um ponto crucial de nossa fundamentação, o movimento. Já falamos sobre movimento anteriormente, ocorre que agora colocamos que esse movimento que perpassa, e mais ainda, que interliga espanto, salto e a-bismo é erótico. Eros, é, pois, o fio condutor desse triângulo responsável pelo acontecer da filosofia em sala de aula.

Exato! A filosofia acontece. Sabemos que isso se trata de um acontecimento originário da linguagem. Esse acontecer é engendrado por um espanto (o *phátos* inaugural) com a realidade (as coisas e o porquê dessas coisas). Não é necessariamente uma escolha. Não se decide ficar espantado, aí identificamos o caráter erótico do espanto: o espanto é

---

<sup>104</sup> PLATÃO. *O Banquete*. Trad. Jorge Paleikat. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1994, P. 164-165.

uma invasão! Por isso, ao falar de espanto, Heidegger utiliza o termo *phátos*, não por ele ser erótico - essa é, pois, uma fundamentação nossa -, mas no sentido de *páskhein*, quer dizer, é algo que você sofre, que lhe atinge, que você passa. Algo que não é confortável e agradável, desestabiliza, arranca o prumo. Por isso vem o salto. Em estado de espanto o salto é necessário, é quando a dúvida encontra a decisão. Saltar.

Esse salto já é transcendental. É importante lembrarmos que o *Dasein* já é transcendência, justamente por seu caráter de abertura. Falamos de decisão em um sentido de ultrapassamento, quando o salto é decidido. Aí que em estado de a-bismo, calhamos no extra-ordinário, de modo mais simples, passamos à perguntar pelo fundamental, isto é, passamos a fazer ontologia.

Quando a filosofia passa a perguntar pelo sentido do ser, não mais pelo ente, quando perguntamos pelo fundamental, isto é, pelo que fundamenta a existência das coisas, estamos fazendo ontologia. É nesse contexto que colocamos que filosofia é ontologia. Depois do que fora exposto, como se aplica esse triângulo amoroso no ensino de filosofia? Isso não se ensina e se não se ensina, não se aplica, não se mensura, entretanto é a partir desse triângulo que ocorre o ensino da filosofia. Mas como isso? Para quê professor? Para quê escola? Para quê ensino? Para quê, então, ensino de filosofia? Uma que vez que esse movimento possua caráter ensinante, cabe a possibilidade de apontar a possibilidade de ele acontecer e de seus indícios, lançando o olhar na direção adequada. Ainda que isso não propicie ao aluno um acesso garantido ao dito fazer filosófico, ao menos nos<sup>105</sup> libera de pseudo problemas<sup>106</sup> e más compreensões acerca do momento inicial do fazer filosófico

Em sala de aula, no ensino médio, esse movimento acontece do seguinte modo: a partir da leitura e discussão dos textos filosóficos e de poemas. Apenas isso?! Sim. Aí que a vizinhança entre poesia e filosofia (ou a re-união integradora) opera na prática. Ao ler poesias e textos filosóficos o estudante passa a articular sentido sobre os textos e sobre sua própria realidade. Sendo todo esse processo conduzido e/ou orientado pelo professor.

O *Thauma* dos gregos trata do espanto com a realidade para então se fazer filosofia, em nosso caso, esse processo pode vir a ocorrer a partir da leitura da filosofia. A leitura nesse caso, mais do que uma mera abstração de conceitos, passa a ser um chamado para

---

<sup>105</sup> Referência aos docentes de filosofia.

<sup>106</sup> Como a filosofia conteudista que fora mencionada no início desse escrito.

uma leitura de mundo. De modo exemplificado, não é apenas sobre o aluno aprender o conceito de “imperativo categórico”, mas se esse conceito o pode auxiliar na construção de sua conduta moral, ou, ainda, o auxiliar a compreender de modo mais fundamental o funcionamento ou a elaboração de uma postura moral na sociedade. É de fato, mais uma questão de visão de mundo que a filosofia deve auxiliar em se tratando de seu acontecimento em sala de aula. Assim há a possibilidade do acontecer poético da filosofia em sala de aula.

A filosofia acontece em sala de aula poeticamente. Essa é nossa aposta. Para isso, dissemos sobre a relação entre filosofia e poesia à luz da filosofia heideggeriana. Desse modo, o triângulo amoroso nada mais é do que a possibilidade de uma fundamentação de que fazemos filosofia, ou seja, perguntamos pelas coisas, porque a poesia nos conduz a isso, pois ela nos conduz para o nosso habitar (para a existência). Antes de ser uma escolha, esse processo é uma necessidade, antes de ser uma aplicação é uma entrega. Logicamente, fazer filosofia impele uma decisão: a de que devemos deixar ser.

De repente, não mais que de repente<sup>107</sup> essa pretensão traz à tona um problema fundamental ou, dito mais especificamente, um problema de método. Como fazer o aluno olhar para a direção adequada? Como conduzir o seu olhar? Nesse sentido, aqui o método não propõe apenas um caminho, traz, sobretudo, uma condução. Busca-se, portanto, uma psicagogia.

---

<sup>107</sup> MORAES, Vinicius de. Soneto de Separação. Disponível em <<http://www.viniciusdemoraes.com.br/ptbr/poesia/poesias-avulsas/soneto-de-separacao>> Acesso em 03 de setembro de 2018.



## CAPÍTULO 2: TRAVESSIA PARTE 01: O MÉTODO PSICAGÓGICO

*Agora, imediatamente, é aqui que começa o primeiro sinal do peso do corpo que sobe. Aqui troco de mão e começo a ordenar o caos.*

*- Ana Cristina César.*

*Me ensina a não andar com os pés no chão. Para sempre é sempre por um triz.*<sup>108</sup>

Emprestamos esses versos de Chico Buarque e Edu Lobo para darmos início a nossa proposta metodológica: a Psicagogia, um jeito de andar sem estar necessariamente com os pés no chão, mas de olhos bem abertos. Um jeito de caminhar que se aprende somente caminhando: não se congela o movimento para sabê-lo, é preciso estar no ritmo; para sempre é sempre por um triz.

Estamos no âmbito do acontecer filosófico no ensino, logo, tal percorrer exige uma orientação. Para isso, teremos sempre em vista que estamos em uma travessia, isto é: em movimento. Estar em um estado travessia, significa, falar de uma movimentação perene de aprendizagem. Entrementes, é importante enfatizar que com o método proposto não nos interessa necessariamente mover-se de um lugar para outro, mas, sobretudo o movimento mesmo provocado pela Psicagogia, ao qual tomamos por “fazer filosofia”. Assim sendo, estabeleceremos alguns encaminhamentos de como conduzir o olhar do aluno durante o seu caminhar, para que esse não se perca no escuro.

O que se passará adiante é uma continuação de nossa fundamentação a respeito do entendimento do ensino de filosofia para estabelecermos filosoficamente quais condições são necessárias para que nosso método seja possível. Nossa cadeia argumentativa se iniciará com o esclarecimento do que é Psicagogia para em seguida fundamentar como esse método ocorre, passando por sua fundamentação teórica, seu diferencial e sua efetivação na prática. Depois disso faremos uma reflexão sobre a figura do professor psicagogo e o que ele precisa para conduzir esse método. Por fim, fundamentaremos porquê Fernando Pessoa é o poeta escolhido para fundamentar nosso método. Essa será nossa travessia.

---

<sup>108</sup> Trecho da canção Beatriz de Chico Buarque e Edu Lobo, in HOMEM, Wagner. Histórias de Canções: Chico Buarque. São Paulo: Leya, 2009, p.210.

## 2.1 A Psicagogia

Provavelmente a palavra Psicagogia não é uma palavra que costuma-se ouvir com muita frequência, tão pouco seja, um método bastante utilizado no ensino. Então, o que nos diz a tal da Psicagogia? Uma definição correta - porém, apressada. - é esta: condução! *Psykhagogia*: *psykhe* + *ago* = alma + condução, logo, Psicagogia é uma condução de alma. Se recorrermos ao dicionário<sup>109</sup>, encontramos que a Psicagogia é definida como uma *cerimônia religiosa para evocar as almas dos mortos*, sendo uma *evocação mágica*. Encontramos, do mesmo modo, a definição de Psicagogia como uma característica da *retórica*, dada por Platão em seu diálogo intitulado *Fedro*. Falamos então de percorrer um caminho, indo mais além, falamos de uma convocação. A alma recebe um apelo e, a partir desse convite ela é posta em movimento, esse é o acontecer da Psicagogia.

Interessa-nos o movimento que a Psicagogia realiza partindo da definição dada por Platão no *Fedro* (261 b) quando Sócrates profere a retórica como uma Psicagogia, isto é, uma *arte de conduzir as almas por meio das palavras*.<sup>110</sup> No *Fedro*, a discussão é versada acerca de duas temáticas centrais, *eros* e discurso. Sócrates e Fedro, ao mesmo tempo em que contemplam a natureza, além de proferirem discursos sobre o amor, discutem sobre a relevância do próprio discurso, onde se procura saber quem é superior, a fala ou escrita. Nesse contexto a questão do discurso retórico é bastante pertinente.

Em um primeiro momento, a retórica, essa “arte do uso das palavras” enquanto um mero instrumento para se “bem dizer” algo pode ser algo problemático. Falamos de um problema de finalidade, afinal, a retórica é um modo persuasivo de convencimento sobre qualquer coisa ou é um discurso filosófico? Se aceitamos a primeira parte da questão ora levantada, fica claro que a retórica pode ser um “vale-tudo discursivo”, quer dizer, por meio das melhores e mais persuasivas palavras se convence alguém sobre qualquer coisa, em uma espécie de “arte do convencimento”. Nesse sentido, a verdade das coisas é

---

<sup>109</sup> MAIA, Junior. **Dicionário Brasileiro Da Língua Portuguesa**. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 199.

<sup>110</sup> PLATÃO. **Fedro**. Trd. Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora Universitária UFPA, 2007, p. 91.

determinada pelo discurso retórico. Por outro lado, se tomada como um “discurso filosófico”, a retórica é o modo pelo qual se chega a verdade, em seu sentido fundamental como Ἀλήθεια: *desvelamento*. Nossa fundamentação abarca o segundo ponto: a retórica enquanto um discurso filosófico. Se esta for apenas um meio de convencer alguém sobre qualquer coisa, haverá nela somente uma validade sofística, mas não filosófica. Se quisermos, então, antecipar uma definição prévia de Psicagogia, podemos propor a seguinte: *um modo de se fazer filosofia por meio da condução das almas para o caminho do conhecimento*<sup>111</sup>.

Franco Trabattoni em seu texto intitulado *Platão*, em uma breve análise do *Fedro*, escreve que: “o caminho que as almas devem percorrer indica, para Platão, as possibilidades que os homens têm para alcançar o conhecimento; é o percurso mediante o qual nos tornamos filósofos”.<sup>112</sup> Deste modo, a Psicagogia, enquanto *condução*, orienta as almas no caminho do conhecimento e as aproxima da verdade. A questão que se levanta agora é a mesma que no *Fedro*<sup>113</sup>: *como então deve ser um discurso para que esse seja psicagógico e consiga de fato conduzir as almas para o conhecimento?* Em outras palavras: *como se dá a Psicagogia?!*

Tendo em vista o que fora argumentado até aqui, podemos elencar dois pontos que caracterizam a Psicagogia como um fazer filosófico. Primeiro, estamos falando de uma condução, logo, falamos de um movimento. Em segundo lugar, é um movimento no caminho do conhecimento, por isso, é um movimento de aprendizagem. Esses dois pontos geram um terceiro: qual é a rota necessária que a Psicagogia engendra enquanto condução filosófica? Quer dizer, como se caminha psicagógicamente?! Pensemos o seguinte: a Psicagogia atua como uma espécie de ponte, mas não ponte em seu sentido convencional, mas enquanto lugar que integra o um e o outro entre o outro e o um:

A ponte permite ao rio o seu curso ao mesmo tempo em que preserva, para os mortais, um caminho para sua trajetória e caminhada de terra em terra. A ponte da cidade conduz dos domínios do castelo para a praça da catedral. A ponte sobre

---

<sup>111</sup> Entenda-se que quando falamos que a Psicagogia conduz as almas para o conhecimento estamos falando de fazer filosofia. Não é intenção nossa igualar filosofia e conhecimento, estamos falando que o movimento psicagógico (fazer filosofia) é um exercício de conhecer as coisas.

<sup>112</sup> TRABATTONI, Franco. **Platão**. In <http://hdl.handle.net/10316.2/34790> acesso em 22 de janeiro de 2019. p. 161.

<sup>113</sup> Ibidem, p. 162.

o rio, surgindo da paisagem, dá passagem aos carros e aos meios de transporte para as aldeias dos arredores (...) sempre e de maneira a cada vez diferente, a ponte conduz os caminhos hesitantes e apressados dos homens de forma que eles cheguem ao outro lado (...).<sup>114</sup>

A passagem a cima, de o escrito *Construir, habitar, pensar*, de Martin Heidegger, coloca que ponte não permite apenas a passagem, não está entre um e o outro (hirta), é integrante, é, lugar, integra. Travessia, a ponte é a própria travessia. A condução psicagógica é exatamente isso: a própria travessia, isto é, não se trata simplesmente de pegar uma alma pela mão de onde ela está e conduzi-la de um ponto “a” para um ponto “b”. Dizemos com isso que o que caracteriza essencialmente a Psicagogia, o seu fazer, é justamente o próprio movimento que ela realiza. Lembremos que nossa proposta de ensino de filosofia atua justamente em um não-lugar, deste modo, a Psicagogia é o movimento de ruptura do lugar, realizando-se em um não-lugar. Para um melhor entendimento dessa questão, ouçamos algumas palavras de Riobaldo, personagem de Grande Sertão: Veredas, de João Guimarães Rosa: “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõem para a gente é no meio da travessia.”<sup>115</sup>

Travessia nos diz: sendo, ser-sendo, acontecendo, se tecendo. O real<sup>116</sup> não está em um ponto definido. Não podemos dizer “ali está o real: a tantos passos, basta caminhar um bocado e agarrá-lo”. O real é escorregadio, “la chose même, sempre escapa (se dérobe toujours)”.<sup>117</sup> Não se assenta, assim, tão fácil em um ponto determinado: “a coisa mesma sempre se furta do jogo do real, como se estivesse escondida por de trás dos véus (...) sem querer ser encontrada, não por ser fugidia, mas, sim, por ser fugitiva.”<sup>118</sup> Em termo derridiano, a realidade sempre “nos escapa”, daí que não existe um ponto definido onde o real está depositado, pronto para ser pego. Movimento. Não se “pega” o ser-sendo (real, a coisa mesma), caso isso ocorra, ele – estagnado, já não “é” mais. Dito de modo mais claro,

---

<sup>114</sup> HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e Conferências**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schubak. Petrópolis: Vozes p.132.

<sup>115</sup> ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p.80.

<sup>116</sup> Entenda-se por real o sentido ontológico das coisas, isto é, o sentido fundante, fundamental, existencial.

<sup>117</sup> DUQUE-ESTRADA, 2002, p.19. In HADDOCK-LOBO, Rafael. **Derrida e a Oscilação do Real**. Sapere Aude. Belo Horizonte, v. 4, n.7, p. 25-46 – 1º sem. 2013.

<sup>118</sup> HADDOCK-LOBO, Rafael. **Derrida e a Oscilação do Real**. Sapere Aude. Belo Horizonte, v. 4, n.7, p. 25-46 – 1º sem. 2013.

não se conhece efetivamente o real (ser/ser-sendo), o que não significa que ele não deva ser perguntado, procurado, perseguido, caçado<sup>119</sup>. Essa é a tarefa da filosofia.

Muitas vezes – na maioria delas – procura-se errado, ouça-se Riobaldo mais uma vez: “Ah, tem uma repetição que sempre outras vezes em minha vida acontece. Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de chegada”<sup>120</sup>. Daí a necessidade de uma condução adequada para auxiliar a visão do aluno. Muito que bem, a Psicagogia auxilia a visão do aluno, então, o que nos diz algo assim como “ver”? Ver é o que faz uma alma! Certamente tal afirmação nos deixa bastante obscuro o sentido de ver, por isso, recorreremos a leitura heideggeriana da palavra fundamental *ιδέα* (ideia).

Ao falarmos em *ιδέα*, tratamos de um conceito dito *fundamental*, ou seja, podemos dizer que Heidegger aponta que tal conceito, a partir de Platão, engendra na filosofia a via de acesso para compreensão do “ser das coisas em geral”<sup>121</sup>

A doutrina das ideias contém poderes vivos que nos dominam ainda hoje, embora estejam de todo banalizados e irreconhecíveis. Nós colocamos para nós mesmos a questão sistemática sobre as conexões, donde surgiu para Platão algo assim como a ideia da doutrina das ideias.<sup>122</sup>

É necessário prestar total atenção ao que está dito na palavra *ιδέα*: “Ideia de *ιδέα*, (*εἶδεν*), raiz = *vid*, em latim, *videre*, ver. *ιδέα*, diz: *o que é visualizado a visão*”.<sup>123</sup> É, pois, preciso ver.

Lançamos a questão sobre o que consiste “ver” e calhamos na leitura heideggeriana de *ιδέα*. Mostrou-se que, ao menos etimologicamente, “ver” e “*ιδέα*” estão essencialmente ligado. Mas, o que é, pois, ver para os gregos?

---

<sup>119</sup> Nesse ponto, faz-se referência a Martin Heidegger, e seu estudo sobre a fenomenologia, onde, a fenomenologia é o modo de se fazer filosofia, sabendo-se que não se conhece o ser, mas que a marcha da filosofia deve ser posta sempre na trilha do seu sentido.

<sup>120</sup> ROSA, Guimarães, op. cit., p.51.

<sup>121</sup> § 17. *Para o conceito de idéia e* §18. *Idéia e Luz*. In HEIDEGGER, Martin. *Ser e verdade: a questão fundamental da filosofia; da essência da verdade*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. (Petrópolis, Bragança Paulista: Vozes, Ed. Univ. S. Francisco, 2007, p.156

<sup>122</sup> Idem. P. 157.

<sup>123</sup> HEIDEGGER, Martin. *Ser e verdade: a questão fundamental da verdade; da essência da verdade*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes. 2007, p. 157.

Certamente, não vemos como os gregos. Filhos de um platonismo<sup>124</sup> edificado em nosso modo de compreender o mundo e os seres em geral, centramos nosso entendimento de visão para algo menos real que a ideia, ou seja, vemos os simulacros da ideia. Eis que então recorremos para Alberto Caeiro: *pensar é estar doente dos olhos!* Caeiro não era grego, entretanto, pode-se dizer que sabia ver como um grego. Aclaremos então em que consiste ver como os gregos.

Pensemos de início que os olhos nos auxiliam na visão, é desse modo, através dos olhos que se pode ver. Mas o que veem os olhos? Os prisioneiros da caverna<sup>125</sup> viam através de seus olhos, porém seu olhos alcançavam as sombras, logo, se faz preciso algo mais. Os olhos enxergam apenas luz, sombra e cor e, dependendo da intensidade de cada uma delas, as coisas se fazem ora aclaradas, ora obscurecidas.

O ver, por sua vez, vê mais do que luz e tonalidades, ele percebe a coisa vista e seus meandros, ele vê algo como esse algo se apresenta, ou seja, o objeto visualizado expõe *o estar presente de si mesmo*<sup>126</sup>, o que toma-se por vigência. A vigência que configura a presença de algo, seu estar presente, é o seu ser. Para Heidegger, tal modo de viger do ser é o que os gregos tomam por *ιδέα*, daí que "*ιδέα* é o perfil, a vista que ela oferece; aquilo em que se mostra como ele é; aquilo como algo se faz ver, a vista, no sentido de perfil de alguma coisa. Para o grego, a ideia não é outra coisa do que o ser, aquilo que ela é, este respectivo ser".<sup>127</sup>

Sendo a ideia o que vige, como ver o ver? Ou ainda, como ver algo assim tão essencial? Retornemos para *luz e sombra*. O olho humano percebe o que vige conforme a intensidade da luz, desse modo, não é capaz o olho de perceber, a princípio, nada além de tonalidades de cores. Os olhos, portanto, não tem nada a ver com o ver. Abelhas e camundongos tem olhos mas são incapazes de ver "livro". Eles veem luz e cor, nada mais. O olho, diz Heidegger, é completamente acidental no processo de ver. Se, então, não é olho

---

<sup>124</sup> Trata-se da tradução e leitura cristianizada de Platão.

<sup>125</sup> Embora não tenha sido mencionado de início, o texto de Heidegger utilizado, faz reflexão sobre a alegoria da caverna de Platão.

<sup>126</sup> HEIDEGGER, Martin. **Ser e verdade: a questão fundamental da verdade; da essência da verdade.** Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes. 2007, p. 161.

<sup>127</sup> Ibidem, p. 161-162.

que vê, que enxerga a *ιδέα*, então resta à alma tal tarefa. À alma é dado ver algo em seu estar presente, ela é a abertura que propicia que algo apareça enquanto tal ou qual ente, que permite que algo tenha *sentido*. Ter sentido é pressuposto para que algo apareça, tudo o que aparece já sempre aparece como isto ou aquilo. O sentido já está o tempo todo aí em meio as coisas. Ao se pensar que a *ιδέα* habita em um mundo superior ao homem, que todo conhecimento verdadeiro está descolado da terra, sendo essa um simulacro de sua ideia originária, tira-se do homem o que é do homem; a filosofia. Heidegger aponta para uma tradição filosófica que não interpretou os gregos como se deveria, uma tradição que, desse modo, não se permitiu ver como os gregos viam, uma tradição doente dos olhos, daí a necessidade de um resgate a filosofia grega.

Se dizemos que quem vê é a alma, não queremos dizer que tal ver seja uma visão de além-mundo, de outro mundo, supransensível, descolado. Não esqueçamos, o extraordinário reside no ordinário. Estar doente dos olhos é olhar para onde não se deve, é olhar para a *ιδέα* como se ela fosse uma coisa escondida atrás ou para além da coisa sensível. A *ιδέα* é o que está o tempo todo aí na nossa cara. Basta olhar. A doença do olho que Caeiro denuncia nada tem a ver com uma doença física. Cegos também veem “livro”. A doença do olho é não perceber o que está já o tempo todo na nossa cara. É achar que para ver, precisamos olhar para cima e abandonarmos o sensível, aquilo que se entrega aos sentidos. Estar doente dos olhos é repudiar os sentidos.

É preciso, pois, aprender a ver, estar disposto à luz. De tal maneira, é possível participar do vigor do acontecimento do viger, não o admirando da terra, pois, o viger se faz na terra. Ver, no sentido do deixar viger da *ιδέα* não é transcender do corpo e chegar ao topo no mundo das formas, mas é, “voltar-se para”, é comprometer-se com o olhar mesmo. O platonismo criou um mundo com ausência de chão, fez com que desaprendêssemos a ver.

Quanto ao ver, podemos perceber que esse exercício é algo fundamental e primeiro no “fazer filosófico”. O susto inaugural da filosofia é um susto com o que vejo. Por isso, interessa-nos uma proposta metodológica que auxilie o aluno a ver. Perceba-se que a condução que a Psicagogia realiza, não é uma imposição, mas um *modo filosófico* de conduzir à *filosofia*. A Psicagogia é o movimento que conduz o olhar.

Por ora, ouçamos Riobaldo: “Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais em baixo, bem diverso do em primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso?”<sup>128</sup> A filosofia que se pretende por meio da Psicagogia, não se aplica a manuais, porque é *movimento de vida*<sup>129</sup>, ela é perigosa, sinuosa, daí a necessidade de uma condução adequada, não como um anti-perigo, mas como saber lidar com ele.

### 2.1.1 o método psicagógico

Podemos dizer que um “método” é um “meio de organizar e sistematizar o modo de se fazer algo”. Para isso, estabelece-se um caminho, investiga-se e programa-se a melhor forma de caminhar nessa jornada, numa espécie de passo-a-passo. Nosso passo-a-passo será encaminhado pela Psicagogia. Não obstante, nosso modo de caminhar é, também, poético. Eis que arriscamos agora mais um passo: o método psicagógico é uma condução dialética.

Talvez, a afirmação anterior cause uma questão inicial: por que não nos valermos somente da dialética, uma vez que se trata de um meio de fazer filosofia melhor estruturado em toda a história da filosofia? Muito que bem, a resposta é a seguinte: arriscamos uma proposta de ensino de filosofia que se dá poeticamente porque a poesia conduz o homem para seu habitar. É justamente esse caráter de condução da poesia que nos liga a Psicagogia, como? A poesia é psicagógica. Por isso esse método.

Tese, antítese e síntese, podemos dizer que esse é o bê-á-bá da dialética. Primeiro temos uma possibilidade de entendimento formulada, em seguinte colocamos em cheque essa primeira possibilidade por meio de seu questionamento e desse embate temos uma resposta, que já passa a ser refutada criando assim uma nova resposta, e assim por diante. Com isso, aprendemos que por meio de uma “arte do diálogo” podemos fazer filosofia enquanto diálogo crítico. Não podemos, contudo, falar de dialética sem fazer referência a Platão, pois, é com ele que a dialética ganha força e se incorpora filosoficamente. No escrito

---

<sup>128</sup> HEIDEGGER, Martin. **Ser e verdade: a questão fundamental da verdade; da essência da verdade.** Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes. 2007p. 161.

<sup>129</sup> Tratamos desse assunto no primeiro capítulo deste escrito.



*Da Possibilidade da Transcendência Pelo Discurso Filosófico: excursos sobre λόγος e tempo*, Estevão Cruz fundamenta a dialética como *um discurso condutor à transcendência*. Tomamos no capítulo anterior a transcendência como um saltar do ordinário para o extraordinário, ou seja, sair do campo ôntico para o campo ontológico. Assim sendo, podemos compreender que o movimento dialético enquanto condução à transcendência realiza esse salto.

No texto ora citado, Cruz escreve que a dialética, inclusive todo discurso que se proponha filosófico, começa em meio às coisas, isto é, no ordinário, aí que o jogo começa. Para compreender melhor o que é dialética, em seu sentido basilar, isto é, o sentido que estrutura os demais entendimentos a respeito da dialética platônica, Cruz profere a seguinte definição: *τριβειν*, o que no português significa “esfregar”<sup>130</sup>. Encontramos alguns elementos plausíveis para tal definição em textos de Platão tais como a *Carta VII, Fédon* e o *Livro VII de A Republica* (em passagens da Alegoria da Caverna) que tratam a dialética como um movimento de esfregar discursos, nomes, imagens e sensações, forçando-os uns contra os outros. Ainda segundo o texto, o esfregar de tais elementos gera uma faísca, uma espécie de fagulha resultante do atrito. Essa centelha de luz que salta aos olhos completa o movimento dialético, pois, a dialética não se reduz meramente ao movimento de esfregar. A luz que resulta do atrito salta em meio às coisas e chama a atenção para si, isto é, para o seu aparecimento, para o seu próprio brilho, pois faísca não é nada mais do que puro aparecimento, puro brilho. Em meio ao atrito gerado no ordinário somos compelidos a olhar para o extraordinário que dali salta. A dialética, portanto, oportuniza o olhar para a força de aparecimento e, enquanto tal, conduz à transcendência em seu sentido mais forte<sup>131</sup>.

Liguemos alguns pontos importantes: se tomarmos a dialética enquanto uma condução à transcendência, calhamos na Psicagogia. Falamos de uma condução das almas a partir do ôntico, do ordinário,<sup>132</sup> para o ontológico, para o extraordinário. Para que não soe contraditório com o que fora fundamentado anteriormente, tal condução nunca deve

---

<sup>130</sup> CRUZ, Estevão Lemos. *Da Possibilidade da Transcendência Pelo Discurso Filosófico: excursos sobre λόγος e tempo*. 2016, p. 209

<sup>131</sup> Ibidem, p. 209.

<sup>132</sup> Ressaltamos que partir do ôntico, não significa abandoná-lo, mas passar a entender o que é seu fundamento, isto é, o que o engendra.

ser entendida como um caminhar de um ponto “a” para um ponto “b”. Tal condução deixa-se melhor representar como um “colocar em movimento”. Tal é o movimento que caracteriza a natureza da própria Psicagogia: caminho que se sabe caminhando. Para se fazer filosofia, é preciso estar em meio às coisas, mas também é necessário não se perder e se confundir com elas. É preciso evitar explicar a coisa a partir de outra coisa, tomar algo como aquilo que ele mesmo não é. Este movimento de sair do âmbito da explicação ôntica, causal, em direção à pergunta pelo ser é o que quer a Psicagogia. Sem dúvida a leitura de textos filosóficos, os embates e reflexões acerca dos textos, da realidade que os engendra e da própria realidade do estudante contribuem para tal movimento. É um bom caminho, porém, tal caminho já é realizado. Qual, então a característica diferencial da Psicagogia? A poeticidade! Para que isso se clarifique passaremos a identificar como esse método é coerente com nossa proposta de ensino de filosofia de modo mais específico.

No item *1.2 Da Possibilidade do acontecer poético da filosofia no ensino a partir do triângulo amoroso Espanto, Salto e A-bismo*, fundamentamos nossa visão e entendimento a respeito da possibilidade de se fazer filosofia no Ensino Médio. Vejamos como o método psicagógico pode contemplar a realização desse triângulo amoroso e como ele funcionará na prática.

Em primeiro lugar temos o espanto, *páthos* inicial e essencial para que se possa fazer filosofia. O professor (psicagogo) selecionará textos de filosofia de acordo com o seu planejamento, assim como, poesias que se relacionem com o tema estudado. Acabamos de colocar um novo fator até então não dito: o texto poético. Até aqui tínhamos nos preocupado apenas em enfatizar a *poiesis*, em sentido ontológico, dentro nossa fundamentação teórica epistemológica. Passaremos agora a falar do texto poético na realização da prática

Trataremos o texto poético com a mesma relevância epistemológica que o texto filosófico. De modo bem delimitado, nossa referência poética para a prática é Fernando Pessoa. Fundamentaremos no próximo capítulo a razão de tal poeta não ser uma escolha caprichosa e arbitrária. O foco por ora é a compreensão do motivo pelo qual o método psicagógico envolve o texto poético. Já fundamentamos no primeiro capítulo a razão pela qual a filosofia é espantosa, vejamos porque o texto poético é, do mesmo modo, espantoso e psicagógico.

Poesia é contra-sentido. O texto poético nos diz que algo é e não é ao mesmo tempo, ainda mais, nos envolve por meio de seu discurso metafóricos para caminhos desconhecidos, exige que nós, leitores estejamos dispostos a entrar no sentido do verso, ainda que seja para constataremos que não há um sentido puramente lógico. Ouçamos os quatro primeiros versos do poema de Fernando Pessoa (ortônimo) intitulado *Autopsicografia*:

*O poeta é um fingidor  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.*<sup>133</sup>

*Autopsicografia* é um dos mais célebres poemas de Fernando Pessoa, originalmente datado de 1 de abril 1931, publicado no nº36 da *Revista Presença*, no mês de novembro de 1932, escrito dois anos antes da morte do poeta. Podemos dizer que se trata de um poema escrito a partir de uma obra poética praticamente toda já construída de Fernando Pessoa. Nesses versos iniciais, Pessoa leva às últimas consequências o ato de fingimento do poeta. O poeta é um finge-dor, aquele que finge uma dor até o limite que separa fingimento e verdade. Percebamos o contra-senso: fingir tão completamente uma dor que deveras se sente. A essa altura uma questão ressoa: o que é fingimento?! O que é verdade?! Eis que o poema nos leva a refletir sobre o originário que o engendra!

Parece, e o é, em muitos casos, espantoso pensar em um fingimento tão fingido que é verdade. Citando mais uma vez o texto *Da Possibilidade da Transcendência Pelo Discurso Filosófico: excursos sobre λόγος e tempo*, para fundamentar de modo mais reforçado a ideia de dialética como um “esfregar”, Cruz cita uma passagem do *Fédon* (60b) de Platão, onde Sócrates comenta da relação entre dor e prazer ao esfregar a mão na perna coagida pelas correntes.<sup>134</sup> Tal passagem lança luz sobre a coalizão necessária entre contrários no movimento dialético. Usamos esse exemplo para demonstrar que ao trabalhar com o contra-senso, a poesia se aproxima muito de um movimento dialético. O caminho é o mesmo: O conflito/atrito de discursos e sensações direcionam para uma nova

---

<sup>133</sup> PESSOA, Fernando. **O eu Profundo e os Outros Eus**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p.118.

<sup>134</sup> *Da Possibilidade da Transcendência Pelo Discurso Filosófico: excursos sobre λόγος e tempo*. 2016, p. 2012.

compreensão desses elementos, uma compreensão poética. Por isso, filosofia e poesia são os mesmos, mas não idênticos. Por essa razão arriscamos uma proposta de ensino de filosofia poético, porque, afirmamos mais uma vez: poesia é contra-sentido, contra-senso. Quanto à natureza do fingimento, deixemos para quem sente: o poeta!

Outro fato bastante relevante para se pensar é que a Psicagogia pode ser entendida como um ato de autopsicografar-se, isto é, essa condução da alma nos encaminha para um “saber-se de si”. Esse é o que diferencia o método psicagógico dos demais métodos, por isso, reforçamos novamente que não nos valemos apenas da dialética. Enquanto um ato de autopsicografar-se a Psicagogia engendra na alma uma necessidade de se saber, por isso falamos tanto que a poesia nos conduz para nosso habitar, para nossa existência, por isso defendemos ser possível a filosofia dar-se poeticamente, e ainda, por isso a poesia é psicagógica. Vejamos esse pequeno poema escrito nos idos de 1908, por Pessoa presente no livro *Primeiro Fausto*:

*Para mim ser é  
admirar-me de  
estar sendo*<sup>135</sup>

Logicamente não podemos atribuir o sentido de ser expresso pelo poeta nesses versos ao mesmo sentido dado pela filosofia como um todo, muito menos em teorias filosóficas específicas. O fato é que parece muito clarificado no poema que a náusea provocada pelo despertar da consciência do existir já engendra nossa própria existência. Dito de outro modo, o fato de eu saber e admirar-me de estar sendo é o que eu mesmo sou. Nesse sentido, fundamentamos que a poesia provoca admiração, susto espanto. Mais um motivo pelo qual nos valeremos do texto poético na atuação do método psicagógico.

A própria admiração já é motivo para ser, isso é o que nos remete o poema. Ser impele estar admirado, nesse contexto, somos (existimos) em estado de poesia. Nesse momento fazemos referência a Chico César, cantor e compositor paraibano, que canta o “estado de poesia” em seu álbum lançado no ano de 2015, intitulado *Estado de Poesia*, obedecendo ela, a poesia, a uma geografia física, pois o álbum envolve variados ritmos

---

<sup>135</sup> PESSOA, Fernando. **Primeiro Fausto**. São Paulo: Letras Mágicas, [19??], p. 44.

musicais de diversos lugares, assim como uma geografia do sentir, quando o estado de poesia confunde e engendra um estado de amor:

*É belo vês o amor sem anestesia  
Dói de bom, arde de doce  
Queima, acalma  
Mata, cria  
Chega tem vez que a pessoa que enamora  
Se pega e chora do que ontem mesmo ria  
Chega tem hora que ri de dentro pra fora  
Não fica nem vai embora  
É o estado de poesia*

Duas reflexões essenciais nos interessam de trecho da música de Chico César. Primeiramente, estar em estado de poesia pode significar estar em um estado de admiração e de contra-senso, perceba-se que na música a pessoa que enamora transita entre o choro e o riso, entre doce e o ardido, entre um estado de queimura e um estado mais fresco de calma. O estado de poesia, mata e cria, é coisa que afeta de dentro para fora, de fora para dentro, estamos falando de um estado perene de contra-sentido, por que não falar em um estado dialético? Enfim, sob o estado de poesia estamos sujeitos a sentir a existência em suas mais variadas e contraditórias nuances, esse é um existir que admira, que espanta, um existir em estado de poesia.

A segunda análise incorpora o sentido erótico do estado de poesia: o amor sem anestesia. Relembramos aqui o caráter erótico do espanto, fundamentado no primeiro capítulo desse escrito: não é uma escolha, é uma invasão. Assim sendo, o estado de poesia que espanta, que admira, que provoca o contra-senso não é uma escolha, é algo que chega e pronto. A partir dessa chegada podemos escolher o que fazer. Em nosso caso estamos falando de fazer filosofia. Retomamos aqui a proposta da Psicagogia no primeiro passo do triângulo amoroso: a partir da leitura dos textos filosóficos e de poemas de Fernando Pessoa relacionados ao tema de estudo, calhar no espanto. Em termos mais práticos e até mesmo didáticos, isso significa que a leituras dos textos deve provocar algum tipo de dúvida nos alunos.

Após o espanto, precisamos saltar, chegando ao segundo momento do processo psicagógico. Feita a leitura dos textos, provavelmente algumas questões serão levantadas

pelos alunos<sup>136</sup>, o salto ocorre na medida em que tomando como base o texto e, então, alunos e professor passam a discutir sobre os conceitos do texto e sobre como essa leitura se encaixa no próprio contexto em que vivem, passando a ter esses estudantes um olhar mais filosófico a respeito de sua realidade. Eis o salto do ordinário para o extraordinário: a partir compreensão dos conceitos filosóficos propostos e da relação desses com os poemas, identifica-se como essa forma de pensar pode ser tomada na vida do aluno, em suas decisões éticas, por exemplo, em sua análise crítica de situações que ele passe a encontrar.

Nossa proposta de filosofia como modo de vida é justamente isso: o discurso filosófico apresentado e vivenciado em sala de aula deve ajudar na visão de mundo do aluno. Nesse momento já estamos no A-bismo, pois já não estamos conduzindo discussões puramente ônticas, pelo contrário, com a análise filosófica da realidade a partir da discussão dos conceitos filosóficos e dos poemas, passamos a tentar olhar mais profundamente para as coisas, caçando o seu sentido mais originário. Desse modo podemos realizar uma Psicagogia em sala de aula.

Recapitulemos o procedimento do método psicagógico em um breve passo-a-passo:

- **Estado de espanto:** Primeiro o professor psicagogo analisa as almas, isto é, a disposição e predileções dos alunos. Em seguida ocorre a provocação da dúvida por meio da leitura do texto filosófico e do poema pertinentes ao tema estudado;
- **Estado do salto:** discussão e interpretação dos textos;
- **Estado de A-bismo:** análise filosófica (ontológica) das coisas e da realidade que as engendra a partir do estudo dos conceitos estudados e das discussões realizadas nos passos anteriores.

Esse é o proceder do método psicagógico. Passemos a aclarar um papel importantíssimo desse processo, o qual ainda não fora muito bem discutido, o professor. Como deve ser conduzido esse processo? É possível espantar ou encantar um aluno? Como?

---

<sup>136</sup> Caso isso não ocorra, pois é uma possibilidade, cabe ao professor psicagogo realizar questões que possam via a despertar a dúvida dos alunos, assunto que trataremos com mais cuidado mais adiante.

### 2.1.2 *O professor psicagogo*

Imaginemos a seguinte cena: o professor munido do discurso filosófico encanta seus alunos, dali em diante esses alunos são conduzidos para um fazer filosófico, assim, a filosofia aconteceu no ensino médio, como em um passe de mágica. Ocorre que não estamos falando de nada que tenha um caráter puramente de mágico. Para conduzir uma alma (ou várias) para o acontecimento da filosofia em sala de aula, nos moldes pelos quais estamos nos propondo nesse escrito, o professor precisa ser um professor e não um mágico.

Que então faz de um professor um professor? Indo além, o que torna um professor psicagogo? Passemos para essa análise, iniciando pelo *Fedro*, quando Sócrates discute com Fedro em que consiste um bom orador (condutor). Para conduzir as almas de maneira adequada à verdade, Sócrates aponta que um bom orador, ou seja, um bom condutor, um bom psicagogo precisa conhecer das almas todos seus aspectos, variedades e especificidades. Tarefa nada fácil, mas necessária, pois, somente conhecendo as almas, é possível aplicar-lhes os discursos pertinentes:

Dado que a função essencial de todo discurso é conduzir almas, quem quiser ser orador terá necessariamente de conhecer quantas espécies há de almas. Ora, as almas podem ser deste ou daquele jeito, com estas ou aquelas qualidades, do que decorre nascerem os homens com aptidões diferentes. Assentadas todas essas distinções, haverá, por outro lado, tais e tais modalidades de discursos, cada um constituído de um jeito. Daí a possibilidade de certos homens se deixarem convencer num determinado sentido, por meio de tais discursos e de tais causas, enquanto outros, pelas mesmas razões, resistem a esses mesmos processos de persuasão. Uma vez aprendidas essas distinções, terá de transportar o problema para a vida prática e de observá-lo com o máximo de atenção, sem o que continuará no mesmo ponto de quando frequentava a escola. Porém, quando alguém é capaz de declarar por qual discurso se deixará convencer determinado indivíduo e, à vista desse indivíduo, reconhecê-lo de pronto e dizer a si mesmo: Eis o homem; foi esta a natureza estudada na escola; vejo-o de corpo inteiro em minha frente; chegou o momento de aplicar-lhe aquela espécie de discurso para convencê-lo de tais e tais coisas... De posse de todos esses elementos, acrescidos do conhecimento das ocasiões em que se deve falar ou silenciar, de empregar o estilo conciso ou comovedor ou patético e todos os mais recursos aprendidos com os mestres, além de conhecer a oportunidade de tudo isso: então, e só então, sua arte será bela e perfeita.<sup>137</sup>

---

<sup>137</sup> PLATÃO. **Fedro**. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora Universitária UFPA, 2007, p. 107.

Não é à toa que conduzir uma alma é uma arte, arte essa que exige uma preparação muito especial do artista. Tal preparo, com toda certeza, como Sócrates indica no fragmento ora citado, pode ser compreendido como um movimento de vida, pois demanda uma inclinação que se põe na disposição de ouvir e perceber o modo de ser de cada pessoa. Dito de outro modo, conhecer uma alma pressupõe interessar-se no modo como as pessoas pensam e agem, nos seus interesses e nos fundamentos que ratificam tais posturas. O professor psicagogo, de modo metafórico, *precisa saber o chão sob o qual está pisando*, com que alunos ele está lidando, ou seja, é dever desse professor estar a par da visão de mundo de seus alunos. Próximo da visão de mundo de seus alunos, o professor psicagogo conseguirá articular o discurso filosófico pertinente que há de tocar cada aluno.

Quer dizer então que a filosofia que deve se adequar a realidade do aluno? Mas, não é justamente o discurso filosófico resultado de uma não adequação à realidade, operando como uma visão crítica dessa? Pois bem, deixemos muito bem aclarado o que pretendemos como a Psicagogia e com professor psicagogo: é objetivo nosso a partir da Psicagogia que os textos ditos filosóficos espantem os alunos. Tarefa difícil, porém, necessária para a efetivação do acontecer psicagógico.

Tomamos como base não uma filosofia estanque, isto é, ler o texto e reproduzir exatamente algum conceito (o que já é difícil), mas propor questões que possam ser expressas e tensionadas a partir de um ponto de interesse que toca diretamente o aluno e o possa fazer pensar melhor sua realidade, sua existência, suas condições políticas, sociais, morais, éticas e estéticas. Ora, é certo que todos temos interesse por algo, alguns por música, outros por cinema, dança, esporte, videogame, literatura, enfim. É certo também que tal interesse particular é aliado a uma capacidade acima da média. Ninguém se interessa por videogame se não for minimamente bom nisso. O professor psicagogo é o que consegue ouvir e observar no que os alunos são bons, pois é aí que reside seus pontos de interesse que podem ser trabalhados. A aposta da Psicagogia é que o aluno se deixará melhor conduzir ao movimento da filosofia não só ao utilizar dos instrumentos de seu interesse, mas, sobretudo, por perceber que ele é bom na execução desse movimento, que seu interesse particular o possibilita movimentar-se com qualidade no exercício da filosofia.

A reflexão proposta pelo professor psicagogo faz com que o estudante identifique e, a partir disso, reflita (de modo filosófico, pois estamos delineando um caminho para o



ensino de filosofia) sobre as estruturas que formam sua visão de mundo<sup>138</sup>. É do mesmo modo, *um movimento poético* em virtude que realizar essa reflexão nada mais é do que denominamos anteriormente de saltar do ordinário para o extraordinário, isto é, de uma compreensão corriqueira para uma compreensão filosófica (ontológica). Assim procede o fazer de um professor psicagogo, engendrando questões fundamentais<sup>139</sup> sobre a realidade do aluno a partir da leitura do texto filosófico.

Mais uma vez destacamos o diferencial da Psicagogia e a atuação do professor Psicagogo enquanto um “conhecedor de almas”. Vejamos um exemplo: em sala de aula o professor psicagogo deve observar, até mesmo perguntar para os alunos quais assuntos eles se interessam, quais temas os cativam. Se o tema for rede social (como ocorreu em nossa aplicação prática, que será descrita posteriormente), o professor pode muito bem trazer à filosofia para a discussão por meio de textos filosóficos sobre tecnologia digital, sobre relações humanas e éticas a partir da internet, a relação entre corpo e tecnologia etc. Logicamente, o professor não poderá atender a todas as vontades de todos os alunos, serão temas que interessem a maioria, devido ao tempo de aulas e aos conteúdos curriculares a serem seguidos. Outra coisa importante, com isso não podemos entender que a Psicagogia é coisa de gente mimada que só estuda o que quer, muito pelo contrário, é a consciência de que a filosofia não é somente um discurso difícil e descolado da vida do aluno, que ele pode sim refletir filosoficamente sobre sua realidade.

Eis que mais uma vez, afirma-se: *filosofia é modo de vida!* Lembremo-nos, novamente de Sócrates: "basta pensar que se poderia viver sem filosofar, para não se ter sequer o direito de filosofar". *Filosofia é um modo de vida!* Um discurso muito sedutor, porém, professores de filosofia não são Sócrates, seus alunos – muito provavelmente, podem não ser interlocutores tão bem dispostos e acessíveis. Como, então, é possível para um docente do século XXI, na rede pública de ensino, ser um exímio *conhecedor de almas*? Lembrando que o próprio Sócrates afirma não possuir tal habilidade. A partir disso, cabe

---

<sup>138</sup> A visão de mundo do aluno pode ser entendida no modo como ele enxerga as coisas, em suas crenças, suas posições políticas, morais, religiosas. As coisas que gosta, enfim, abrange o modo como ele vê e sente as coisas e fatos ao seu redor.

<sup>139</sup> Não podemos prever tais questões, pois, elas serão frutos do texto estudado e dependerão do retorno do aluno.

levantar a seguinte questão: em que realmente consiste conhecer bem uma alma? Ainda: em que consiste conhecer bem uma alma no ensino de filosofia?

Obviamente, em se tratando do ensino de filosofia em seu aspecto escolar trabalha-se a partir do que se tem: horários de aula praticamente escassos, desinteresse por parte de muitos alunos, estrutura física decadente, entre muitos outros problemas. Dessa forma, conhecer bem uma alma fica cada vez mais distante da realidade que o docente vive. Com isso, evidencia-se que a intenção não é a de formar filósofos por meio do método proposto, mas a partir do que é possível, tornar o ensino de filosofia mais filosófico e a filosofia um discurso acessível para os alunos.

Dissemos que o professor psicagogo enquanto um bom conhecedor de almas, no âmbito em que nos propomos (o ensino de filosofia, sobretudo na rede pública de ensino) é aquele que consegue articular a visão de mundo de seus alunos com os textos de filosofia. Há de se tomar um cuidado muito grande em se tratando dessa articulação, cuidado esse que discorreremos agora. Cabe ao professor psicagogo a seleção dos textos<sup>140</sup> e dos encaminhamentos da discussão, logo, todo esse acontecimento da Psicagogia não pode muito bem ser uma imposição de algum tipo de discurso que engendra uma visão de mundo? Se for assim, falhamos em nossa proposta. Vejamos porque não estamos fundamentando um jeito impositor de se fazer filosofia no Ensino Médio.

No escrito *O Mestre Ignorante: Cinco lições sobre a emancipação intelectual*, Jacques Ranciere faz uma crítica a figura de Sócrates ao fundamentar que o método socrático na verdade não é emancipador, ou seja, não faz com que seus discípulos cheguem ao conhecimento verdadeiro por conta própria, mas que, na verdade, embrutece a potência filosófica, pois quem determina o caminho do conhecimento por meio de suas interrogações é o próprio Sócrates. Nesse sentido, os interrogados nada mais fazem do que chegar à resposta já determinada por Sócrates. Estamos tomando como base de inspiração para fundamentar nossa proposta de ensino de filosofia e de uma metodologia para o ensino de filosofia a figura de Sócrates. Prestemos atenção à crítica de Ranciere:

Sócrates deve tomar o escravo pelas mãos para que esse possa reencontrar o que está nele próprio. A demonstração de seu saber é, ao mesmo tempo, a de sua impotência: jamais

---

<sup>140</sup> Salienta-se que essa seleção de textos toma como respaldo as Diretrizes Curriculares do Ensino Médio, assim como, a Proposta Curricular do estado, o Projeto Político Pedagógico da escola, etc., pois são documentos elaborados coletivamente por profissionais da educação e comunidade escolar em geral, que embasam o conhecimento construído historicamente que se deve ensinar e aprender na escola.

ele caminhará sozinho e, aliás ninguém lhe pede que caminhe, senão para ilustrar a lição do mestre. Nela, Sócrates interroga um escravo que está destinado a permanecer como tal.<sup>141</sup>

A citação ora descrita, faz referência ao diálogo de Platão intitulado Mênon, mais especificamente à passagem em que Sócrates, para comprovar a teoria da reminiscência por meio de suas interrogações, leva um escravo totalmente desprovido de conhecimentos geométricos a solucionar um problema de geometria. A análise crítica de Ranciere é bastante convincente se levarmos em consideração o fato de que Sócrates realmente delinea os caminhos a se chegar por meio de suas interrogações e, desse modo, ele parece impar o jeito de se caminhar. O escravo parece apenas chegar a uma conclusão encaminhada por Sócrates, não sendo emancipado, mas levado para um resultado já dado e, mais ainda, esse processo realizado por Sócrates apenas instruí dentro dos moldes articulados pelo filósofo, mas não faz com que o escravo construa algum tipo de conhecimento, ele é apenas instruído.

Se o professor psicagogo é aquele que seleciona os textos e encaminha a reflexão do aluno sobre sua realidade através desses textos, não está esse professor, assim como Sócrates, embrutecendo a potencialidade filosófica de seus alunos? Se assim for, não há espaço para uma aprendizagem filosófica, pois estará o aluno apenas reproduzindo a intenção do professor. Coloquemos as cartas na mesa: primeiro, estamos fundamentando uma proposta de ensino que seja emancipadora? Se sim como escapar desse impasse?

A resposta para a primeira questão é sim! Não se pode falar em filosofia no âmbito do ensino e aprendizagem que não seja emancipatória. Ouçamos algumas palavras de Paulo Freire ditas em seu escrito *Educação como Prática da Liberdade*:

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em ternos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas. E, na medida em que cria,

---

<sup>141</sup> RANCIERE, Jacques. **O Mestre Ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002. P. 29-30.

recria e decide, vão se conformando as épocas históricas. É também criando, recriando e decidindo que o homem deve participar destas épocas.<sup>142</sup>

A formação humana, isto é, todos os meios (morais, políticos, éticos, estéticos etc.) que engendram sua visão de mundo, é uma formação gerada pela relação do humano e seu meio, quer dizer, o seu contexto histórico-social, e os demais sujeitos que compartilham com ele o mesmo espaço. Ignorar tais fatores, implica em desconsiderar toda e qualquer contribuição do passado (cultura – valores – conhecimentos). O passado nos teceu, ou seja, somos aquilo que nos fizeram, que nos moldaram. Revestimos valores, crenças e conhecimentos, os quais são fruto de uma cultura. Tal cultura, por sua vez, tece nossa realidade ao passo que somos tecedores de história também. Somos feitos (e fazedores) de realidade, é preciso conhecer de fato essa realidade que nos funda, porque uma melhor compreensão sobre essa realidade pode vir a gerar inquietações, levando a busca da transformação desse meio.

Eis então que nossa proposta volta a ganhar uma melhor consistência, pois o professor psicagogo, enquanto profissional formado na área de filosofia, não seleciona os textos a serem lidos por capricho intelectual, mas sim pelo fato de esses textos, além de estarem determinados por diretrizes curriculares, serem resultado de uma construção histórica de conhecimento que leva em consideração a realidade que os engendrou. Além disso, é da natureza do próprio método psicagógico que a leitura dos textos conduza a inquietações. As questões que irão surgir não são planejadas pelo professor, elas dependem do retorno do aluno. Ainda assim, mesmo que o professor, na qualidade e realização de seu trabalho, levante questões, as respostas dependem do retorno do aluno. Um professor psicagogo, nesse aspecto, orienta o aluno nessa travessia da Psicagogia, contudo é importante aclarar que o professor orienta, conduz o movimento, mas quem realiza o movimento é o aluno. Relembremos aqui, uma célebre frase dita por Riobaldo em *Grande Sertão: Veredas*: “a colheita é comum, mas o capinar é sozinho”.<sup>143</sup> Com isso, queremos colocar que o foco é o ensino (de filosofia) e chegar o mais próximo possível de uma concepção ontológica a partir do método psicagógico, porém o capinar depende do aluno. Esse é o maior desafio da Psicagogia e do professor psicagogo quando se propõe um modo

---

<sup>142</sup> FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. p. 43.

<sup>143</sup> ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

de ensino que não seja estanque e conteudista. Não há garantias, se não queremos apenas repetir conceitos, mas, sim, instigar pensamento, estamos sempre na margem do risco. Tentar, pois, é preciso!

Certo, arriscamos uma proposta de ensino emancipadora, essa foi nossa resposta, retornemos agora a Sócrates e Ranciere. Nossa postura será, ouvir e acolher a crítica de Ranciere no sentido de um mestre que não seja embrutecedor, mas que manifeste a potencialidade filosófica e que não a imponha. Sim, falamos de um mestre que, de certo modo, seja ignorante, porém não podemos deixar de defender Sócrates. Sabemos e, inclusive já escrevemos anteriormente que Sócrates recusa o “título” de mestre, entretanto cabe analisar a figura do filósofo enquanto mestre. Por meio de seu método dialético, Sócrates não necessariamente embrutece seu interlocutor, ele orienta um caminho:

Ali onde o professor diz: eu sei e escuta-me, Sócrates vai dizer: eu não sei nada e, se me ocupo de ti, não é para te transmitir o saber que te falta, mas para que, compreendendo que não sabes nada, aprendas por isso a ocupar-te de ti mesmo.<sup>144</sup>

Sabemos muito bem que admitir a ignorância é reconhecer os limites que engendram nossa capacidade de conhecer, isto é, somos incapazes de “saber tudo”. Sócrates tinha a exata noção do que sabia, assim como, do que não sabia. A partir disso, ocupava-se dele mesmo e dedicava-se a fazer com que o outro se ocupasse dele mesmo também. Ao colocar o outro em aporia, Sócrates, como escreve Walter Kohan em *Filosofia: o paradoxo de aprender e ensinar*, somente “aturdia os outros porque ele está mais aturdido que ninguém”.<sup>145</sup> Por esse viés de raciocínio, as questões encaminhadas por Sócrates não embrutecem o seu interrogado, essas são fruto de uma inquietude que antes passa pelo mestre. Inquietude essa que compartilhada transforma-se em um meio para se refletir sobre as coisas.

Um jeito de causar espanto no aluno, entrando em nosso último ponto, é compartilhar inquietudes. Assim como Sócrates causava dúvidas em seus interlocutores por antes estar em um estado de dúvida, o professor psicagogo precisa fazer parte do processo psicagógico não apenas como um aplicador, mas como parte essencial do método.

---

<sup>144</sup> FOUCAULT, Michel. **Le courage de la vérité**. In KOHAN, O. W. *Filosofia: o paradoxo de aprender e ensinar*. Trad. Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. P. 46.

<sup>145</sup> IBIDEM, p. 40.

Isto significa que o professor deve buscar, por meio da Psicagogia, engendrar uma visão de mundo filosófica. Para isso, é necessário que o professor também tenha a filosofia como visão de mundo, como um modo de vida. Enquanto um condutor de almas, isto é, para por outra alma em movimento, a alma do professor psicagogo precisa estar em movimento.

Assim como um corpo inerte não possui a capacidade de colocar outro corpo em movimento, uma alma parada não pode pôr a outra em movimento. Um professor que toma a filosofia enquanto um modo de vida saberá conduzir a alma do aluno adequadamente no caminho do filosofar. Conseguirá do mesmo modo, atingir mais facilmente a curiosidade e o interesse do aluno. Um professor psicagogo que toma a filosofia enquanto modo de vida é aquele que encontra motivo para que a existência da filosofia em sala de aula valha a pena, não por conseguir apenas ensinar para um aluno um conceito filosófico, mas por além de ensinar tal conceito, construir um jeito melhor de olhar o mundo. O professor psicagogo é aquele que não apenas comanda a condução, mas que caminha junto, reinventa-se e pondo seu trabalho sempre em aberto para que possa melhorar conforme os percalços da caminhada.

Não há como se estabelecer criteriosamente um jeito de espantar alguém<sup>146</sup>, porém, o professor psicagogo deve ser um espantado. Arriscamos dizer que em certa medida, o professor psicagogo atua no mistério, pois não se ensina um espanto, todavia ele deve estar atento para agir quando esse acontece. Indo além, ele deve ainda criar as condições para que esse espanto ocorra, sabendo conduzir as leituras e as discussões propostas. Por fim, o professor psicagogo é aquele que se deixa tomar, aquele que escuta o apelo da linguagem, aquele que deixa ser, esse deve ser o professor psicagogo.

Chegamos a nosso objetivo final com a Psicagogia: um ensino de filosofia filosófico. Toda nossa argumentação se encaminha para essa finalidade: uma filosofia só é filosófica na medida que transcende a letra que fora tingida no papel, ou seja, a filosofia enquanto base histórica epistemológica, ganha real sentido quando na cabeça do aluno. Estando na cabeça do aluno, este se torna consciente de seu papel enquanto sujeito fazedor de sua história. Aí a grandeza da tentativa de se chegar a uma aprendizagem filosófica, para que o estudante consiga aprimorar uma visão mais crítica do mundo, estando atento para

---

<sup>146</sup> Note-se que a partir da Psicagogia, torna-se mais fácil provocar espanto uma alma que o professor já conhece, sabendo o que a afeta.

enxergar as coisas de um modo mais profundo e humano, por consequência, mais justo. É, pois, um caminho árduo, tortuoso, e quase utópico, entretanto, é o caminho que temos para seguir.

Surge, contudo, uma dúvida em nosso caminho. Dissemos que a Psicagogia consiste em bem conhecer os diversos tipos de alma e os interesses que as coloca em movimento, tais como jogar futebol, tocar violão, dançar etc. Tais interesses em que os alunos se destacam e são bons oferecem o pretexto da condução psicagógica em que é possível laçar o questionamento filosófico com qualidade. A dúvida que surge é, portanto: por que insistimos em nossa investigação na poesia? Por que não a música ou o videogame? Não são muitos os alunos no ensino médio que têm interesse imediato pela poesia. A resposta que nos obrigamos a dar é que não há nenhum problema em propor uma Psicagogia focada na música ou no videogame. A intenção da Psicagogia é essa mesma, a saber, fazer-se apta à múltiplas possibilidades de condução em vista ao interesse de cada alma. Contudo, dentre as múltiplas possibilidades de condução que a Psicagogia pode assumir, há uma que é privilegiada para o ensino da filosofia: a condução poética. A razão disso se deve ao fato de a própria filosofia, como já insistido, ser um acontecimento poético. A psicagogia poética não é, portanto, uma possibilidade de condução entre outras, mas uma possibilidade privilegiada que carrega em seu movimento o mesmo de ser daquilo para onde ela conduz: o movimento filosófico. Cabe agora voltarmos nossa atenção à obra de Fernando Pessoa para tentarmos testemunhar não só o privilégio da Psicagogia poética, mas, também, como tal obra detém um privilégio psicagógico dentro da própria poesia.

## 2.2 Fernando Pessoa, o Poeta da Psicagogia

*Estala! Coração de vidro pintado.*

- Álvaro de Campos

Dentre tantos grandes poetas na história, torna-se inevitável realizarmos pergunta semelhante a de Heidegger<sup>147</sup> quando elege Hölderlin para edificar algo tão importante quanto a “essência da poesia”. De tal modo, indagamos: por que Fernando Pessoa? Um dos primeiros esclarecimentos a ser dado é que, assim como Heidegger não simplesmente “elege” Hölderlin, não simplesmente “elegemos” Pessoa.

Elegemos a textura do *crème brûlée*, a temperatura do café, o que se fazer em um final de semana para escapar do marasmo do cotidiano. Enfim... não está em nosso poder de escolha, em termos pessoanos, o abismo que nos puxará com toda força e no qual lutaremos para descobrirmos um *horror: que há existência*<sup>148</sup>. Um horror plausível, entretanto, *sentir isto, eis o horror que ainda não tem nome*<sup>149</sup>. É claro que falamos de fazer filosofia, porém, diz-se filosofia enquanto uma investigação ontológica fenomenológica e hermenêutica, com tal sentimento sem nome já aceito. Não se trata de uma aceitação no sentido de passividade, mas, no sentido de *páthos*<sup>150</sup>. Não se faz filosofia ao pé do abismo, é preciso entregar-se para ele. Para fins didáticos, conduziremos esse argumento a partir de um exemplo dado pelo escritor argentino Julio Cortázar em sua novela intitulada *Rayuela*, quando o autor escreve que o amor não é necessariamente uma escolha:

Lo que mucha gente llama amar consiste en elegir a una mujer y casarse con ella. La eligen, te lo juro, los he visto. Como si se pudiese elegir en el amor, como si no fuera un rayo que te parte los huesos y te deja estaqueado en la mitad del patio. Vos dirás que la eligen porque-la-aman, yo creo que es al verse. A Beatriz no se la elige, a Julieta no se la elige. Vos no elegís la lluvia que te va a calar hasta los huesos cuando salís de un concierto.<sup>151</sup>

No trecho ora citado, podemos perceber que o que chamamos de amor não é uma escolha autônoma, leniente. O amor, sendo “um raio que te parte até os ossos”, nada mais

---

<sup>147</sup> HEIDEGGER, Martin. *Arte y Poesía*. Trad Samuel Ramos. México: Fondo de Cultura Económica, 1973, p.127.

<sup>148</sup> PESSOA, Fernando. **Primeiro Fausto**. [19-], p.42

<sup>149</sup> Idem, p.42

<sup>150</sup> Como já discutimos no Capítulo 1: *páskhein: sofrer, aguentar, tolerar, suportar, deixar-se levar por, ainda: deixar-se con-vocar por*. (HEIDEGGER, Martin. *Que é Isto – A Filosofia?*. 1991. P. 21)

<sup>151</sup> CORTÁZAR, Julio. **Rayuela**. 1996, P. 338-339.



é que um sentimento intempestivo. Podemos escolher uma figura a qual chamamos de pessoa amada e, em tal figura projetar o que se acha digno do amor, assim como escolhemos a textura do *crème brûlée* que mais nos agrada ao paladar. De fato, é um ótimo deleite! Podemos viver assim, aliás, podemos viver muito bem assim. Deveras é uma comparação um tanto tacanha essa do amor ao *crème brûlée*! Eis onde queremos chegar: *crème brûlée* é por nós consumido, enquanto que o amor nos consome. Já vimos a respeito do *Eros*, em Platão, que devido a sua natureza o amor não é necessariamente uma escolha, é uma invasão: “*você não escolhe a chuva que lhe afundará ao sair de um concerto*”. É assustador pensar que não se tem o controle, todavia, é esse susto que impulsiona o salto.

Pois bem, não escolhemos Fernando Pessoa. Nossa escuta da poética pessoana nos trouxe até aqui, ousando atribuir a esse poeta algo tão perigoso quanto “essencializar a poesia”. Para que tais afirmações não pareçam coisa de gente bonachona, realizaremos uma leitura (uma escuta!) a despeito de alguns aspectos da obra poética de Fernando Pessoa. “*Escuta* é o nome da atitude que é toda entrega, aquiescimento ou obediência ao modo de ser da coisa – ao seu sentimento ou afeto<sup>152</sup>”.<sup>153</sup> Escutar, é como escrevemos anteriormente deixar ser: “escuta é, pois, a atitude ou a disposição a partir da qual é possível entrar em sintonia, sincronia e simpatia com a coisa”.<sup>154</sup> A saber, escutar é deixar-se tomar, ouvir (sentir) a coisa, aprender - com - ela sobre e a partir dela. Escuta é, nesses termos, um acontecimento originário da linguagem, porque é entrega, doação.

A escuta nos permitirá identificar o porquê Fernando Pessoa é o poeta da Psicagogia e, do mesmo modo, o motivo pelo qual arriscamos a ele o feito de “essencializar a poesia”. Por fim, esse processo de escuta nos encaminhará para a relevância poética e filosófica de Fernando Pessoa em sala de aula, no ensino médio, na disciplina de Filosofia.

Fernando António Nogueira Pessoa, poeta português, lança tal provocação: “Eu, o homem que afirma que hoje é um sonho, sou menos do que uma coisa de hoje.”<sup>155</sup> Esse homem que inferiu ser de sonho, existiu, e existiu deveras: iluminado; profano; fingidor;

---

<sup>152</sup> O sentimento ou afeto da coisa diz respeito ao *páthos*, isto é, seu acontecimento, o que ela é, o que faz dela ser o que é.

<sup>153</sup> FOGEL, Gilvan. **Sentir, Ver, Dizer: cismando coisas de arte e de filosofia**. Rio de Janeiro: Mauad, 2012, p.123.

<sup>154</sup> Idem, p.123.

<sup>155</sup> PESSOA, Fernando. **Quando fui Outro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006, p.19.

outro; efêmero; humano. “Poeta do sonho” assim o intitulamos, crítico da metafísica, do cristianismo, do homem, da filosofia, enfim; do mundo! “Antes do ópio sua alma foi doente”; embriaguez! Nascia a cada instante para a “eterna novidade do mundo”; efêmero! Sentia-se farto de “semideuses”; humano! Escreveu “uma história para provar que era sublime”; iluminado! Dotou a igreja “ensinamentos de confeitaria”; profano! Escreveu “mais filosofias que um Kant”; filósofo! O homem que “fingiu”; poeta! O que não “sabia quantas almas tinha” e que por “ter alma não teve calma”: Fernando Pessoa. O homem que foi outro.

Note-se quase que uma espécie de ufanismo de nossa parte em relação à descrição feita por ora de Fernando Pessoa. Não se trata exatamente disso. Não mesmo! Ocorre que falar, hoje, de Fernando Pessoa significa falar sobre um dos maiores expoentes da literatura portuguesa com uma vasta obra poética e literária. Extensa em termos quantitativos, uma vez que o poeta deixou milhares de escritos, anotações, contos, poemas, etc. Mais ampla ainda em termos qualitativos, pois, não é novidade nenhuma a qualidade dos poemas e escritos deixados pelo poeta, consagrada por críticos literários e amantes de poesia e literatura. Por isso, o tom elogioso dado por nós ao poeta é resultado de uma afetação que a própria poética do poeta nos causa.

Pessoa mostrou-se sempre preocupado com questões existenciais. Mais que uma espécie de mistério, existir configurava para o poeta (em termos roseanos<sup>156</sup>), um jeito de se doer. Um horror. Existir dói: *este é o problema que perturba mais*.<sup>157</sup> Estar em estado doído significa estar sofrendo por algum tipo de afetação penosa, sofrível, calamitosa, desconfortável. Dor é afeto, *páthos*. Uma dor que muito mais do que rasgar a carne, nos acusa isto: que estamos vivos (arre! Estamos vivos!). Estar se doendo, isto é, estar vivo, é o que permite ao homem dar-se conta de sua condição humana, falha, limitada, porém é o que também engendra sempre uma busca por se saber. Sabendo-se ou perdendo-se, dolorido, o homem passa a compreender a brevidade da vida e a vastidão de sua alma<sup>158</sup>. Esse acontecimento impulsiona para a filosofia, para a poesia, para a literatura, enfim, para

---

<sup>156</sup> Menção a Guimarães Rosa. ROSA, João Guimarães. **Manuelzão e Miguilim: (corpo de baile)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

<sup>157</sup> PESSOA, Fernando. **Primeiro Fausto**. 19(??), p.46.

<sup>158</sup> “A vida é breve, a alma é vasta”

algum modo de expressão de vida, de estar vivendo, ou, como diria Clarice Lispector, de *estar sendo*<sup>159</sup>.

Pessoa foi, quer dizer, existiu consciente de sua dor, fazendo dela poesia. Podemos dizer que o poeta sabia-se consciente de sua inconsciência e, a partir disso, dissolveu sua alma em sua sina: a de escrever. Escrever era, para Pessoa, algo vital, urgente, o próprio poeta escreve que sua vida seria dedicada para isso, ainda que tivesse de renunciar uma existência humana convencional, casando-se, constituindo família. A solidão da poesia acompanhou Pessoa durante sua vida. Em carta datada de 29.9.1929 para Ofélia Queiroz, Pessoa escreve:

(...) minha vida gira em torno da minha obra literária – boa ou má, que seja, ou possa ser. Tudo o mais na vida tem para mim um interesse secundário: há coisas, naturalmente, que estimaria ter, outras que tanto faz que venham ou não venham. É preciso que todos, que lidam comigo, se convençam que de sou assim, e que exigir-me os sentimentos, aliás muito dignos, de um homem vulgar ou banal, é como exigir-me que tenha olhos azuis e cabelo louro. E estar a tratar-me como se eu fosse outra pessoa não é a melhor maneira de manter a minha afeição. É preferível tratar assim quem seja assim, e nesse caso é “dirigir-se a outra pessoa” ou qualquer frase parecida.<sup>160</sup>

No ano de 1920 e no ano de 1929 Fernando Pessoa correspondeu-se com Ofélia Queiroz, uma jovem portuguesa a qual o poeta dedicou afetos e sentimentos de amor. Mesmo não sendo nada oficializado, Pessoa e Ofélia viveram uma espécie de namoro, primeiro em 1920 e depois de um longo período separados retornam a se corresponder em 1929. Pessoa alega tomar distância da jovem Ofélia justamente por direcionar total dedicação a sua vida de escritor. Em 1929, na carta citada, o poeta deixa muito bem aclarado que sua vida era a sua obra literária. Sabe-se por relatos de pessoas próximas ao poeta que ele era uma pessoa bastante tímida e introspectiva, preferia seus livros e escritos às pessoas em geral.

Não podemos de modo categórico (e isso seria um disparate!) assimilar os poemas e prosas escritos pelo poeta a sua vida pessoal. Adolfo Casais Monteiro alerta para essa questão chamando Pessoa de “o insincero verídico”<sup>161</sup>. Lembremo-nos do poeta finge-dor.

---

<sup>159</sup> Menção ao escrito literário *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*, de Clarice Lispector. LISPECTOR, Clarice. **Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

<sup>160</sup> PESSOA, Fernando. **Quando fui Outro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006, p.140-141.

<sup>161</sup> MONTEIRO, Adolfo Casais (1954). **Fernando Pessoa: o insincero verídico**. Lisboa: Ed. Inquérito.

Embora alguns aspectos da vida de Pessoa reflitam em sua obra, esta é algo muito mais complexa e profusa em termos de criação. Não há e nem precisa haver ligação necessária entre a vida pessoal do poeta e seus escritos. Nos interessa a inquietação que o poeta tinha pela vida, o que muito provavelmente foi motor para sua escrita. De resto, deixamos essa conta para o mistério!

Vejamos bem, quando Pessoa escreve que decide dedicar a maior e mais importante parte de sua vida para sua obra literária, entendemos que era vital para o poeta centrar o seu tempo para seus escritos. É justamente essa vitalidade que nos é cara. Dizemos por vitalidade a força que animava o poeta a transformar suas perturbações e pensamentos a respeito da vida, do mundo, das pessoas, enfim, das coisas, em poesia. Essa força denominamos anteriormente nesse escrito com espanto/ *páthos*. Então, quando Pessoa decide direcionar seu tempo a poetizar suas perturbações e questões, isto é suas dores, o seu jeito de se doer em relação ao mundo, ele nos mostra que para se fazer poesia era preciso vivê-la, tal qual Sócrates viveu a filosofia como já vimos anteriormente.

Fernando Pessoa fez da poesia um modo de vida. Ainda em outras cartas para Ofélia, o poeta contava sobre suas enfermidades e desassossegos. Parece que o poeta possuía uma carga pesadíssima da existência em sua consciência. Esse tilintar do existir soava de maneira extremamente aguda aos ouvidos do poeta, o que ocasionava em crises de depressão e alcoolismo. Mas tal soar é levado as últimas pela consciência do poeta em sua inconsciência. Estamos falando de sua heteronímia. Fernando Pessoa talvez tenha sido outros porque apenas uma vida não lhe bastasse enquanto tivesse mais questões do que respostas, e como as perguntas só se faziam aumentar, nasceram seus outros.

Álvaro de Campos, Alberto Caeiro e Ricardo Reis são os três heterônimos de Fernando Pessoa mais conhecidos, lidos e estudados. Personalidades totalmente diferentes, intensas e incomodadas com a vida. Encontramos aqui um rastro filosófico nos poetas de Pessoa: a inquietação com a vida, eis também um rastro da leitura filosófica de Pessoa: a inquietação com a vida. Bernardo Soares é um semi-heterônimo porque, como escreve o poeta em sua *Gênese dos Heterônimos*<sup>162</sup>, “não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu menos o raciocínio e a

---

<sup>162</sup> A *Gênese dos Heterônimos* é uma carta de Pessoa para Casais Monteiro, datada de Janeiro de 1935, onde Pessoa além de outros assuntos, conta sobre a origem de sua heteronímia.

afetividade.”<sup>163</sup> Soares é autor do *Livro do Desassossego*<sup>164</sup>, uma biografia sem fatos, onde o ajudante de guarda-livros usa a literatura para ignorar a própria vida, ou seja, escrever sobre sua vida parra, assim, ignorá-la. Obra densa com fortíssimo cunho existencial e poético.

Cada heterônimo forma uma existência particular, única, com uma visão e um jeito de sentir o mundo, seja esse jeito como for. Contudo, o poeta não nega que seus heterônimos possuam características suas, como ele afirma no trecho de sua *Gênese dos Heterônimos*. Pessoa passa a ser outra pessoa, em determinados momentos pastor e em outros ateu, o poeta “impuro e simples”:

(...) pus no Caeiro todo o meu poder de despersonalização dramática, pus em Ricardo Reis toda a minha disciplina mental, vestida da música que lhe é própria, pus em Álvaro de Campos toda a emoção que não dou nem a mim nem a vida. Pensar, meu querido Cassais Monteiro, que todos estes têm que ser, na prática da publicação, preteridos pelo Fernando Pessoa, impuro e simples!<sup>165</sup>

Analisemos que tais sentimentos e forma de expressão dotados aos heterônimos de Pessoa são resultado de coisas que eram dele e que não lhes cabiam. Parece que Pessoa precisava transbordar de algum modo. Tal transbordar já não mais lhe pertencia de modo pessoal quando transpassado para seus heterônimos. Quando entramos na gênese da heteronímia de Pessoa, mergulhamos em um emaranhado *sentinte* em relação ao mundo. Ao homem o que é do homem, ao poeta o que é da poesia! Para o homem poeta: a vida, crua e um modo ardente de dizer-lhe sobre ela!

O poeta, na *Gênese dos Heterônimos*, também afirma que a possível origem de seus outros “(...) é no fundo um traço de histeria que existe em mim.”<sup>166</sup> Um fenômeno mental que se transforma em poesia, a parte que não cabe ou que falta em Pessoa pode se dar em outro. Em seguida o poeta coloca que ainda quando criança já criava mundos fictícios, com outras pessoas. Se a alma dos poetas é diferente não podemos afirmar, a diferença é que nesse caso o poeta possuía muitas almas.

---

<sup>163</sup> A *Gênese dos Heterônimos*. In PESSOA, Fernando. **Quando fui Outro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006, p.178.

<sup>164</sup> PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006

<sup>165</sup> A *Gênese dos Heterônimos*. In PESSOA, Fernando. **Quando fui Outro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006, p.185.

<sup>166</sup> Ibidem, p.178.

Chevalier de Pas<sup>167</sup> é segundo Pessoa o seu primeiro Heterônimo, criado aos seus primeiros seis anos de vida. “E assim arranjei, e propaguei vários amigos e conhecidos que nunca existiram, mas que ainda hoje, a perto de trinta anos de distância, oiço, sinto, vejo. Repito: oiço, sinto, vejo... E tenho saudades deles.”<sup>168</sup> Assim, durante a vida do poeta seus outros sempre o acompanhavam, e ele sempre esteve em boa companhia. A poesia pode ser uma das melhores acompanhantes.

Já na vida adulta, Pessoa passa a condensar essa sua tendência a ser outros em poesia. Vejamos uma célebre passagem da *Gênese dos Heterônimos* onde o poeta descreve o nascimento de Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis:

Aí por volta de 1912, salvo erro (que nunca pode ser grande), veio-me a ideia de escrever uns poemas de índole pagã (...) Esboçara-se-me, contudo, numa penumbra mal urdida, um vago retrato da pessoa que estava a fazer aquilo. (tinha nascido sem que eu soubesse, o Ricardo Reis.) (...) foi em 8 de Março de 1914 - acerquei-me de uma cômoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja a natureza não conseguirei definir. Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com o título *Guardador de Rebanhos*. E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro. (...) num jato, e à máquina de escrever, sem interrupção nem emenda, surgiu a *Ode Triunfal* de Álvaro de Campos - a *Ode* com esse nome e o homem com o nome que tem.<sup>169</sup>

Eis o dia triunfal - como escreve o poeta-, o dia em que a poesia ganha nomes e poemas de grande peso. Uma visão mais cética, ou talvez menos inocente, e ainda mais, levando em consideração a capacidade fingida e a *sinceridade inverídica* do poeta, nos acusa de que pode haver uma espécie de exagero nesse nascimento, mesmo se tratando de uma carta e não de um texto essencialmente poético e/ou literário. De modo bastante sincero: “o que o coração não sente, os olhos não veem”.<sup>170</sup> Importa desse parto, que havia no poeta algo maior que ele mesmo e que isso transfigurou-se em poesia. Repare-se que, nesses termos, podemos falar de um acontecimento transcendente. Como já vimos (no primeiro capítulo) algo que salta, transborda, sobrepassa: é um acontecimento.

---

<sup>167</sup> Ibidem, p.178.

<sup>168</sup> A *Gênese dos Heterônimos*. In PESSOA, Fernando. PESSOA, Fernando. **Quando fui Outro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.178.

<sup>169</sup> PESSOA, Fernando, op. cit., p.81 e 182.

<sup>170</sup> BRANTES, Simone, no livro *Pastilhas Brancas*. In FOGEL, Gilvan. **Sentir, Ver, Dizer: cismando coisas de arte e de filosofia**. Rio de Janeiro: Mauad, 2012, p. 27.

Arriscamos colocar que a heteronímia de Pessoa é um acontecimento originário da linguagem. A “justificativa” do poeta para esse acontecimento é uma espécie de doença mental, o que ele toma por *histero-neuratenia*, porque essa tendência ultrapassaria a histeria propriamente dita, transcendendo inclusive os sintomas de tal condição. Pessoa deixa claro que, em todo caso, sua heteronímia seria uma condição orgânica e constante de sua mente para a despersonalização e para a simulação. Simulação não exatamente em sentido de uma mentira, mas de um outro modo de expressão que não o dele ortônimo. Esse processo de nascimento de outras personalidades de (em!) Pessoa é uma experiência com a linguagem, pois, o poeta deixou-se tomar. Antes (também no primeiro capítulo) escrevemos que *a linguagem é o acontecimento que funda tudo o que é*, sendo “a casa do ser”<sup>171</sup>. Com efeito, ao permitir-se a essa experiência fundadora, parteira de almas, mesmo dando a ela qualquer justificativa que se pretenda plausível, como uma doença mental, podemos muito bem falar que esse acontecimento foi uma experiência do poeta com a linguagem, no sentido de escuta.

Quando nasceram Reis, Caeiro e Campos, Pessoa, de certo modo, salta dele mesmo para um acontecer poético que urgia. Em outros termos, o nascimento dos heterônimos marca uma renúncia do poeta a ele mesmo quando compreende que a palavra que lhe saltava não lhe pertencia necessariamente. Vejamos bem: nesses moldes, Pessoa deixa ser, escuta. Essa renúncia do poeta é uma escuta, uma entrega para a palavra, deixando-se conduzir para a sua origem, que não era ele mesmo, mas seus outros. O poeta realiza uma experiência com a linguagem!

Chegamos a nossa fundamentação principal para demonstrarmos porque Fernando Pessoa, assim como Hölderlin, essencializa a poesia. O poeta deixa ser! Nosso primeiro indício foi a sua heteronímia. Muito que bem, alguns leitores e estudiosos de Pessoa levam essa questão de seus heterônimos muito a sério, quer dizer, Campos, Reis e Caeiro mais do que outras personalidades, são outras pessoas, outras almas. Analisemos:

Álvaro de Campos nasceu em Tavira, no dia 15 de Outubro de 1890 (às verdade, pois feito o horóscopo para essa hora, está certo). Este, como sabe, é engenheiro Naval (por Glasgow), (...) Álvaro de Campos é alto (1,75m de altura, mais 2cm do que eu), magro e um pouco tendente a curvar-se. Cara raspada todos (...)

---

<sup>171</sup> HEIDEGGER, Martin. **A Caminho da Linguagem**. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. 2008, p. 127.

Campos entre branco e moreno, tipo vagamente de judeu português, cabelo, porém, liso e normalmente apartado ao lado, monóculo.<sup>172</sup>

[...]

Caeiro era de estatura média, e, embora realmente frágil (morreu tuberculoso), não parecia tão frágil como era. (...) louro sem cor, olhos azuis (...) Caeiro, como disse, não teve mais educação que quase nenhuma – só instrução primária; morreram-lhe cedo o pai e a mãe, e deixou-se ficar em casa, vivendo de uns pequenos rendimentos. Vivia com uma tia velha, tia-avó.<sup>173</sup>

[...]

Ricardo Reis é um pouco, mas muito pouco, mais baixo, mais forte, mais seco (...) de um vago moreno mate (...) educado num colégio de jesuítas, é, como disse, médico; vive no Brasil desde 1919, pois se expatriou espontaneamente por ser monárquico, é um latinista por educação alheia, e um semi-helenista por educação própria.<sup>174</sup>

De fato, são outras pessoas, com suas próprias aparências, história, educação e visão de mundo. Sobretudo, são outros poetas com seus próprios estilos de escrita. O semi-heterônimo Bernardo Soares não é um heterônimo justamente por possuir o mesmo estilo de escrita de Pessoa. Estamos tratando com uma complexidade de seres, muito embora, todos carreguem uma mesma unidade, um pai, algo que os une: Fernando Pessoa. Sem Pessoa os heterônimos não existiriam, todos eles carregam em sua gênese a sua possibilidade de nascimento: Fernando Pessoa.

Até aqui nossa escuta da heteronímia de Pessoa nos levou ao argumento de que o poeta essencializa a poesia porque realizou uma experiência com a linguagem por meio de sua heteronímia, sendo seu corpo e mente a casa de Reis, Campos ou Caeiro. Seleccionamos, em especial, 5 versos de Alberto Caeiro, para comprovar nossa teoria fundamentada até este momento. Ouçamos:

*Sou um guardador de rebanhos.*

*O rebanho é os meus pensamentos*

*E os meus pensamentos são todos sensações.*

---

<sup>172</sup> PESSOA, Fernando. **Quando fui Outro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006, p.81 e 184.

<sup>173</sup> Ibidem, p.184

<sup>174</sup> Ibidem, p.81 e 184.



*Penso com os olhos e com os ouvidos*

*E com as mãos e os pés...*<sup>175</sup>

Esses versos de Caeiro, compõem o poema IX de *O guardador de Rebanhos*. Os rebanhos como escreve o poeta nessa mesma obra são seus pensamentos. Guardar, podemos compreender por cuidar, resguardar, preservar, estar perto. Indo mais além guardar significa um estado de vigília, isto é: deixar ser:

O *cuidadoso* ou o *zeloso* não permite que se entenda, mal entenda, esse deixar ser como apatia, desinteresse, isto é, descuido, incúria, desleixo. Trata-se de, desde uma estranha atitude de entrega à coisa através de escuta e de ausculta – o cuidado, o zelo –, deixar que, pela própria via, obedecendo a própria lei e a própria necessidade da própria coisa, esta desabroche, apareça e, deste modo, seja e insista em ser isso que é, tal como é, tal como precisa ser.<sup>176</sup>

Guardar os pensamentos, deste modo, não é de forma alguma posse. É, pois, deixar que o pensamento seja, que “siga sua própria lei”, e principalmente “sua própria necessidade”. O guardador de rebanhos, deixando que as coisas sejam, é aquele que sabe realizar a escuta das coisas, aquele que por meio do seu guardar realiza, portanto, uma experiência com a linguagem. Esse guardar se dá por meio de sua poesia. Aí que calhamos na *poiesis*, isto é, poesia é o que conduz as coisas para sua própria existência. Deste modo, guardar rebanhos é respeitar a existência das coisas.

Ademais, o poeta escreve que seus pensamentos são sensações, que se pensa inteiro, com os olhos, ouvidos, mãos e pés. Ainda há pouco falamos algumas vezes de páthos, de afeto, que isso configura o sendo das coisas. Muito que bem, pensar é, pois, sentir, é afetação. Por isso se pensa inteiro de mente: alma e corpo. Pensar é ver, ver é sentir. Esse processo de sentir é uma aprendizagem das coisas por elas mesmas e não por algo outro, quer dizer, guardar, deixar ser. Isso é uma experiência originária com a linguagem. Repetimos isso para apontar que, a partir da poética de Pessoa (nesse caso enquanto Alberto Caeiro), essencializar a poesia é justamente deixar-se tomar por ela a escutando, sentindo, vendo, aprendendo, sendo:

---

<sup>175</sup> Excerto do poema IX de *O Guardador de Rebanhos* de Alberto Caeiro. In PESSOA, Fernando. *Ficções do Interlúdio: poemas completos de Alberto Caeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. P. 49.

<sup>176</sup> FOGEL, Gilvan. **Sentir, Ver, Dizer: cismando coisas de arte e de filosofia**. Rio de Janeiro: Mauad, 2012, p.106.

*Afinal, a melhor maneira de viajar é sentir.*<sup>177</sup>

Sentir, já dissemos, é afetação, pensamento, é ser inteiro e se abrir inteiro para as coisas, para a escuta das coisas. Viajar, deslocar-se de um lugar para outro. Sentir é viajar para as coisas, estar nelas, entrar nelas. Eis que finalmente podemos amarrar todos os pontos: calhamos na Psicagogia! Fernando Pessoa é o poeta da Psicagogia porque realizou uma escuta da linguagem, fazendo dessa escuta poesia. Esse acontecimento poético escutante, por ser um acontecimento originário da linguagem, é sempre um conduzir para o habitar (existência das coisas).

Quando lemos Pessoa ou algum de seus heterônimos, somos conduzidos para a existência das coisas. Ler Pessoa é um modo de se doer. É do mesmo modo, um jeito de sentir-se vivo. Essa é a relevância de se levar Fernando Pessoa para as aulas de filosofia no Ensino Médio: viajar, sentir, admirar-se, espantar-se, ser! Eis também a razão por não termos simplesmente escolhido Pessoa, mas de termos sido chamados, conduzidos por meio de sua poética a não ter medo do abismo que é a existência. Poderíamos muito bem usar milhares de escritos do poeta para reforçar nossa tese. Escolhemos sua heteronímia e os cinco versos de Caeiro por serem justamente uma espécie de fio condutor que liga toda nossa proposta: a filosofia se dá poeticamente porque a poesia enquanto acontecimento originário da linguagem nos conduz para o habitar das coisas. Quer dizer, escutar, resguardar, aceitar a poesia, assim como Pessoa fez, é o processo que a Psicagogia realiza, coisa essa que o poeta transpassa em sua obra literária. Por isso Pessoa, para essa condução, para as aulas de filosofia no Ensino Médio, para essa escuta, esta travessia: aprendendo, resguardando, sentindo, viajando, sendo.

---

<sup>177</sup> Versos de Álvaro de Campos. In FOGEL, Gilvan. **Sentir, Ver, Dizer: cismando coisas de arte e de filosofia**. Rio de Janeiro: Mauad, 2012, p.98.

## **CAPÍTULO 3: TRAVESSIA PARTE 02: CAMINHOS DA PROPOSTA PRÁTICA.**

### *3.1 Caminhos da Prática*

Nos propusemos a um entendimento acerca do ensino de filosofia: que a filosofia acontece em sala de aula na medida em que se dá poeticamente. Todo nosso caminho teórico tentou fundamentar que pode haver a possibilidade de tal acontecimento. Além disso, propusemos que pode se ter um jeito específico (ressaltamos que não é o único jeito, mas o nosso jeito!) de encaminhar esse acontecer, para isso, arriscamos um método a Psicagogia.

A partir de agora contaremos um pouco sobre a aplicação da proposta prática realizada nessa travessia. Como bem dissemos na fundamentação de nosso método, a partir da grade curricular das turmas as quais o projeto foi aplicado, lemos textos de filosofia em conjunto com alguns poemas selecionados de Fernando Pessoa. A aplicação se deu no ano letivo de 2017 e no ano letivo de 2018, ambas aplicações realizadas no Estado de Santa Catarina, no município de Irineópolis na *Escola de Educação Básica Horácio Nunes*.

Como já dissemos, a aplicação se efetivou em dois momentos: durante o terceiro bimestre do ano letivo de 2017, e durante o segundo bimestre do ano letivo de 2018, a primeira aplicação intitulada “Ética, moral e educação: das redes sociais às salas de aula” em uma turma de terceiro ano de magistério, a segunda intitulada “Homem e tecnologia: quem tem medo do corpo?” no terceiro ano do ensino médio regular. Efetivamente, na primeira aplicação o projeto ocorreu em 12 (doze) aulas, já na segunda, foram 16 aulas.

Iniciaremos expondo os objetivos do projeto aplicado, sendo os mesmos objetivos para ambas aplicações. Optamos por duas aplicações para analisarmos e tentarmos comprovar a eficácia da Psicagogia com temas e turmas diferentes. Em ambas aplicações os trabalhos e temas estudados foram decididos pelos alunos, dentro das possibilidades da grade curricular dessas turmas. Deste modo iniciamos de modo psicagógico ao conversar com os alunos e montar um projeto selecionando textos a partir de seus interesses e inquietações. Após a exposição dos objetivos, descreveremos as duas aplicações seguidas do planejamento feito para essas aulas. Depois disso analisaremos os resultados, verificando se nosso método é possível, quais possíveis erros e acertos. Sigamos.

### *3.1.1 Objetivos do projeto*

### *3.1.2. Objetivo Geral*

Investigar a possibilidade da filosofia ocorrer no ensino poeticamente e em que medida há a probabilidade de um método de direcionamento da perspectiva do aluno para esse acontecimento.

### *3.1.3. Objetivos Específicos*

- Aclarar o caráter necessariamente poético da filosofia;
- Aclarar o conceito de Psicagogia a partir do diálogo Fedro de Platão;
- Aclarar a atividade condutora da Psicagogia enquanto travessia poética como metodologia de ensino de filosofia;
- Perceber como essa Psicagogia pode ser e é realizada na obra de Fernando Pessoa e quais são seus possíveis efeitos sobre os alunos do ensino médio na disciplina de filosofia.

## *3.2 Aplicação 01*

1ª Etapa: em 01 (uma) aula foi aplicado um questionário para os alunos contendo questões para levantar dados sobre perspectiva de cada aluno sobre o tema projeto: poesia, filosofia e a relação entre ambas.

2ª Etapa: em 09 (nove) aulas a partir do tema (integrante do plano de trabalho docente anual da turma): Ética, Moral e Educação: das redes sociais à sala de aula. O texto base de

filosofia foi a Sociedade da transparência do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, dialogando fragmentos do teto de Han com os textos de Fernando Pessoa e de seus heterônimos, A gênese dos Heterônimos, o poema “Não sei Quantas Almas Tenho”, Livro do Desassossego (fragmento 26) e o Poema em linha reta. O objetivo das aulas foi traçar uma discussão filosófica sobre quem somos nós, e quem somos nós nas redes sociais, quais "verdades" proclamamos, como percebemos os outros. E, por fim, as implicações éticas e morais disso tudo na sala de aula. A divisão dessas aulas ocorreu por temas específicos, relativos ao tema central. Sendo o primeiro: Transparência e Rede Social, onde em 03 aulas, foi realizada a leitura e a discussão de um fragmento do texto de Han, sobre a transparência. Depois, com o conceito de transparência mais aclarado, foi realizada a leitura e discussão de um texto (anexo 01) formulado pela docente, para reforçar o entendimento do conceito de transparência. No decorrer dessa etapa a participação dos alunos foi bastante satisfatória. As discussões levaram a sugestão por parte dos alunos, que a docente lançasse desafios (foram lançados 02 desafios) filosóficos relativos ao tema trabalhado em aula no facebook. Esse desafio (anexo 02) consistia em, em sala de aula a docente propor que os alunos comentassem na rede social já mencionada, sobre uma frase filosófica e/ou poética dada em sala de aula. Em termos epistemológicos, esses desafios não surtiram grande efeito, porém, o tema proposto em sala conseguiu mobilizar o interesse por parte dos alunos, que foi aumentando no decorrer das aulas. O segundo tema específico Quem somos nós, e quem somos nós nas redes sociais? Em 03 aulas, foi realizada a leitura e discussão de um texto elaborado pela docente (anexo 01), o poema Não sei Quantas Almas Tenho e a Gênese dos Heterônimos de Fernando Pessoa e o fragmento 26 do Livro do Desassossego. Um verso do poema Não Sei quantas Almas Tenho: “quem tem alma não tem calma” chamou atenção mais efetiva dos alunos. A partir desse verso, foi possível clarificar a reflexão sobre como nós enquanto seres pensantes estaremos sempre em conflito conosco e com os outros, o que é muito caro à filosofia, sendo, pois, característica fundamental do filosofar. No último tema: A Sociedade do Controle, em 03 (três) aulas, a partir de memes (elaborados pela docente, em caráter de material didático digital) sobre aspectos do texto Sociedade da Transparência (anexo 01), a disponibilizados em um grupo *whatsApp*, criado especificamente para esse fim, discutiu-se sobre os entraves éticos que envolvem as redes sociais em conjunto com o Poema em Linha Reta.

3ª Etapa: em 01 (uma) aula, conforme acordado por toda turma, ocorreu à gravação de um vídeo (anexo 03) onde os alunos contaram um pouco sobre os conhecimentos e experiências – filosóficas e poéticas, aprendidos e compartilhadas através das leituras e discussões propostas. Ocorreu também, um encaminhamento para a escrita de textos (em casa) referentes à transparência, filosofia e poesia, para serem postados posteriormente em uma página no *facebook* destinada para esse fim.

4ª Etapa: Encerramento do projeto em 01 (uma) aula ocorreu a reaplicação do questionário aplicado na 1ª Etapa. 5ª Etapa: organização e publicação de alguns escritos produzidos pelos alunos na página no *facebook* “Quanto a nós?” (Link em anexo). O alcance da página não foi muito grande, entretanto, mobilizou a atenção da turma na divulgação e, em certa medida, permitiu que as discussões realizadas em sala de aula saltassem para a uma das redes sociais analisadas nessas discussões. Coube somente a docente, a administração dessa página. Salienta-se que todos os textos e vídeos publicados passaram pelo prévio consentimento dos alunos envolvidos.

### *Plano de aula*

**TURMA:** 3º ano de magistério

**DOCENTE:**

Bruna Gabriela Domingues.

**DISCIPLINA:**

Filosofia da Educação

**CONTEÚDO ESTRUTURANTE:**

*Ética, Moral e Educação: das redes sociais à sala de aula*

**CRONOLOGIA:**

09 aulas (45 min. cada aula)

**METODOLOGIA:** Psicagogia (método psicagógico)

## OBJETIVOS:

- Aclarar o conceito de transparência segundo o escrito de Byung-Chul Han intitulado *Sociedade da Transparência*;
- Fomentar o debate filosófico existencial acerca das leituras propostas de Fernando Pessoa, concernentes ao tema;
- Discutir as implicações éticas e morais relativas às relações e conflitos presentes nas redes sociais;
- Investigar como as relações humanas nas redes sociais influenciam na educação escolar;

## DESENVOLVIMENTO E ESTRATÉGIAS:

Partindo do primeiro tema, a saber, *Transparência e Rede Social*, será realizada a leitura do capítulo intitulado “Sociedade da Exposição”, do escrito *Sociedade da Transparência*<sup>178</sup> do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han. A posteriori, realizar-se-á um debate sobre a leitura do texto, realizando uma análise por parte dos discentes nas relações estabelecidas em suas redes sociais. Salienta-se que tal análise partirá da disponibilidade e abertura dos discentes para que essa seja possível. Em seguida, será feita a leitura do texto *Transparência e Rede Social*<sup>179</sup>, com o direcionamento sobre a questão da imagem (*face*) nas redes sociais. Depois disso, com o tema *Quem somos nós, e quem somos nós nas redes sociais?* será realizada a leitura, seguida de debate do texto *Partiu Nos Stalkear?*<sup>180</sup> Confluyente com o poema “Não Sei Quantas Almas Tenho”<sup>181</sup> do poeta português Fernando Pessoa, assim como “A Gênese dos Heterônimos”<sup>182</sup> e o Fragmento 26 do *Livro do*

---

<sup>178</sup> Texto in HAN, Byung-Chul. *Sociedade da Transparência*. Tad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes2017.

<sup>179</sup> Texto in anexo 01

<sup>180</sup> Texto in anexo 02

<sup>181</sup> Texto in anexo 03

<sup>182</sup> Texto in PESSOA, Fernando. *Quando fui Outro*. Rio de Janeiro: Objetiva. 2006.

*Desassossego*<sup>183</sup> de Bernardo Soares<sup>184</sup>, com o foco na discussão sobre a multiplicidade e vastidão do modo como somos, percebemos e nos relacionamos com o mundo, principalmente nas redes sociais. Por fim, em *A Sociedade do Controle*, realizar-se-á a leitura de fragmentos dos capítulos “Sociedade da Informação e Sociedade do Controle”, do escrito de Byung-Chul Han já citado, a análise de memes relativos ao texto, ao passo do “Poema em Linha Reta” de Álvaro de Campos<sup>185</sup>, onde a discussão se centrará nas implicações éticas e morais das relações e ações realizadas em redes sociais.

### **AVALIAÇÃO:**

“O processo de avaliação considera os objetivos propostos e alcançados num constante movimento (...)”.<sup>186</sup> Assim sendo, a avaliação será um processo contínuo, onde os alunos serão avaliados através dos requisitos: participação na leitura dos textos e nos debates propostos. De maneira mais objetiva, para obtenção de nota, assim como para parte da avaliação da prática do projeto será ponderada a parte escrita das produções artísticas do trabalho final.

### **RECURSOS DIDÁTICOS:**

Quadro, giz, textos, smartphones, etc.

### **REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

HAN, Byung-Chul. *Sociedade da Transparência*. Tad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes 2017.

PESSOA, Fernando. *Quando fui Outro*. Rio de Janeiro: Objetiva. 2006.

PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.

---

<sup>183</sup> Texto in PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.

<sup>184</sup> Trata-se do semi-heterônimo do poeta português Fernando Pessoa.

<sup>185</sup> Texto in anexo 04.

<sup>186</sup> PROPOSTA Curricular de Santa Catarina: Formação Integral na Educação Básica. 2014. Disponível em <<http://www.propostacurricular.sed.sc.gov.br>> Acesso em 03 de Fevereiro de 2018.



PROPOSTA Curricular de Santa Catarina: Formação Integral na Educação Básica. 2014. Disponível em <<http://www.propostacurricular.sed.sc.gov.br>> Acesso em 03 de Fevereiro de 2018.

## **ANEXOS:**

### Anexo 01

#### *Transparência e Rede Social*

O que pode-se entender por transparência? Transparente é algo que se faz claro, evidente, cristalino, que não oculta nada, é aquilo que se pode ver por inteiro sem que nada esteja encoberto. Logo podemos chegar à uma breve conclusão: de que o transparente é o que demonstra toda a verdade da coisa a ser observada, uma vez que nada ficou sem ser visto.

Passemos para uma segunda questão: o que é transparência na rede social? Em um primeiro, momento pode-se compreender por ser mostrar a verdade nas redes sociais, uma vez que transparência demonstra a verdade. Que transparência mostramos em nossas redes sociais? Que verdades nossas são ditas e mostradas? O que revelamos de realmente nosso em nossos perfis?

É evidente que as redes sociais estão repletas de fotos/imagens, os quais transparecem pessoas e seus mais variados momentos. Byung-Chul Han em seu escrito *Sociedade da transparência* discorre sobre a fotografia atual, não mais como *valor de culto* como analisou o filósofo Walter Benjamin, onde uma foto não mais representa a aura de um rosto:

Já de há muito que o "semblante humano", com seu valor cultal, desapareceu da fotografia. Na era do *facebook* e do *photoshop* o 'semblante humano' se transformou em *face*, que se esgota totalmente em seu valor expositivo (...). É a forma de mercadoria do semblante humano". (HAN, 2017. P. 29)

Assim sendo, a transparência da foto mata quem somos. Dito de outro modo, ao revelarmos tudo sobre nós em uma face transparente nos perdemos em quem somos, isso

ocorre porque a *face* demonstrada apresenta uma "transparência tão transparente" que não revela nada. A *face* é, nesse sentido, pura exposição:

Na sociedade expositiva cada sujeito é seu objeto-propaganda; tudo se mensura em seu valor expositivo. A sociedade exposta é uma sociedade pornográfica; tudo está voltado para fora, desvelado, despido, desnudo, exposto. O excesso de exposição transforma tudo em mercadoria (...). (HAN, 2017. P. 31/32).

Ao passo que lançamos nossas *faces* transparentes nas redes sociais, estamos nos expondo, ou seja, estamos pronunciando algo que está exposto para o público. Passamos nossa imagem para frente, para o público, daí que Han diz que somos objeto-propaganda de nós mesmos. Sendo objeto-propaganda de nós mesmos levanta-se o questionamento: somos mercadorias expostas nas redes sociais? Que imagem estamos vendendo? Que imagem estamos comprando? Se a "transparência transparente" que já fora mencionada, não revela nada, o que estamos tomando por verdade? Afinal quem somos o nós que despejamos em nossas redes sociais? E ainda como tal exposição reflete nas escolas e no modo de relacionamento escolar?

## Anexo 02

### ***Partiu -nos Stalker?***

Provavelmente você já deve ter se questionado; quem sou eu? As respostas são das mais variadas possíveis, pois, cada pessoa é um "eu" diferente. Sim! Cada pessoa, nesse sentido, é um universo, um emaranhado de histórias, sentimentos e possibilidades. Sendo assim, as redes sociais estão repletas de universos, histórias, sentimento e possibilidades, os quais entram em harmonia, em conflito, enfim, que estão em constante embate.

Que universo eu represento em meu perfil do *facebook*? Que *storie* conto em meu *instagram*? O eu que dá um *like* despretensioso em um *post* "fofinho" ou polêmico é o mesmo que vai para escola todos os dias? O eu que manda um áudio zoando um amigo é o mesmo eu que faz aquela prova "super" complicada de filosofia? Aquele eu que adora compartilhar *memes* divertidíssimos é o mesmo que enfrenta momentos de extrema dificuldade financeira ou amorosa, por exemplo? Definitivamente não!

A cada momento ou situação, o eu que enfrenta tal momento ou situação é diferente. Nas redes sociais ocorre o mesmo, ou seja, a cada *post*, *like*, *storie*, enfim, a cada ação que temos nas redes sociais estamos agindo de maneira diferente. Se é assim, afinal que sou eu e meus "eus"?

#### Anexo 03

##### ***Não sei quantas almas tenho***

Não sei quantas almas tenho.  
Cada momento mudei.  
Continuamente me estranho.  
Nunca me vi nem achei.  
De tanto ser, só tenho alma.  
Quem tem alma não tem calma.  
Quem vê é só o que vê,  
Quem sente não é quem é,

Atento ao que sou e vejo,  
Torno-me eles e não eu.  
Cada meu sonho ou desejo  
É do que nasce e não meu.  
Sou minha própria paisagem,  
Assisto à minha passagem,  
Diverso, móbil e só,  
Não sei sentir-me onde estou.

Por isso, alheio, vou lendo  
Como páginas, meu ser.  
O que segue não prevendo,  
O que passou a esquecer.  
Noto à margem do que li  
O que julguei que senti.  
Releio e digo: <<Fui eu?>>  
Deus sabe, porque o escreveu.

#### Anexo 04

##### ***Poema em Linha Reta***

Nunca conheci quem tivesse levado porrada.  
Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.

E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil,  
Eu tantas vezes irresponsavelmente parasita,  
Indesculpavelmente sujo,  
Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para tomar banho,  
Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,  
Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas,  
Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e arrogante,  
Que tenho sofrido enxovalhos e calado,  
Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda;  
Eu, que tenho sido cômico às criadas de hotel,  
Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de fretes,  
Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, pedido emprestado sem pagar,  
Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado  
Para fora da possibilidade do soco;  
Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas,  
Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo.

Toda a gente que eu conheço e que fala comigo  
Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho,  
Nunca foi senão príncipe - todos eles príncipes - na vida...

Quem me dera ouvir de alguém a voz humana  
Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia;  
Que contasse, não uma violência, mas uma cobardia!  
Não, são todos o Ideal, se os oiço e me falam.  
Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez foi vil?  
Ó príncipes, meus irmãos,

Arre, estou farto de semideuses!  
Onde é que há gente no mundo?

Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?

Poderão as mulheres não os terem amado,  
Podem ter sido traídos - mas ridículos nunca!  
E eu, que tenho sido ridículo sem ter sido traído,  
Como posso eu falar com os meus superiores sem titubear?  
Eu, que venho sido vil, literalmente vil,  
Vil no sentido mesquinho e infame da vileza.

## Anexo 05

### *Memes*

1.



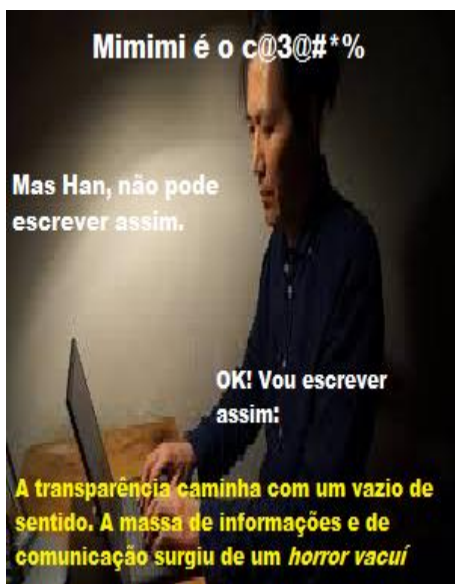
2.



3.



4.



### 3.2.1 Aplicação 02

1ª Etapa: em 05 aulas foi realizada a leitura e a discussão do texto *O corpo Humano e Viagem Tecnológica*.<sup>187</sup> Nesse contexto, a discussão versou sobre o tema proposto, onde a maior parte da turma conseguiu estabelecer a proposta do texto que é a relação entre o corpo humano e a máquina. Problemas tais quais: qual a verdadeira forma de evolução tecnológica o homem vem construindo? E ainda, estamos nos tornando a cada dia que passa mais máquinas e mais dependentes da tecnologia, foram bastante proveitosos nas discussões. Podemos colocar que em termos gerais, a partir do texto a grande problemática

---

<sup>187</sup> BORHEIM, Gerd. O Conceito de Descobrimento. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

identificada pela turma, e presente nos trabalhos finais<sup>188</sup>, foi a seguinte o que podemos entender por progresso e evolução humana sobre a ótica da tecnologia?

2ª Etapa: em 05 aulas foi realizada a leitura de fragmentos dos poemas *II*, *VII* e *IX* de *O Guardador de Rebanhos*<sup>189</sup> em conjunto com fragmentos do texto *Do Sentir, Do Ver, Do Dizer: Lendo Aberto Caeiro, Heterônimo de Fernando Pessoa*<sup>190</sup>. A partir dos textos ora mencionados a discussão versou sobre a importância do sentir. A leitura dos versos e do texto de Fogel, encaminhou-se para uma problemática principal: “aprender a ver”. Esse “aprender a ver” parece ter sido bem assimilado pela maior parte da turma, gerando falas sobre como “valorizar melhor a visão e a natureza”, “como se trata mais de deixar-se tomar pela natureza do que agregar conceitos nossos a ela” e principalmente “como aprender se trata mais de saber ver e sentir as coisas inicialmente por uma ótica delas e não nossa”.

3ª Etapa: em 04 aulas divididos em 04 grupos foi produzido (01 por grupo) uma paródia sobre o tema e textos estudados. A escolha da produção musical se deu em virtude de a música trabalhar com construção poética, rítmica e corporal. A proposta desse trabalho foi muito bem aceita pela turma.

4ª Etapa: em 02 aulas ocorreu a apresentação das músicas produzidas. As apresentações foram registradas na forma de vídeo, assim como foram entregues as letras das músicas na forma de trabalho escrito.

### *Plano de aula*

#### **TURMA:**

3º ano do Ensino Médio.

#### **DOCENTE:**

---

<sup>188</sup> Os trabalhos estão nos anexos.

<sup>189</sup> PESSOA, Fernando. *Ficções do Interlúdio/1 Poemas Completos de Alberto Caeiro*. Nova Fronteira. 1980.

<sup>190</sup> FOGEL, Gilvan. *Sentir, ver, dizer: cismando coisas de arte e de filosofia*. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.



Bruna Gabriela Domingues

**DISCIPLINA:**

Filosofia

**CONTEÚDO ESTRUTURANTE:**

Filosofia da Ciência: Ciência, Filosofia e Tecnologia.

**CRONOLOGIA:**

aprox. 16 aulas.

**METODOLOGIA:**

Psicagogia (método psicagógico)

**OBJETIVO:**

A partir de texto *O Corpo Humano e a Viagem Tecnológica* de Gerd Borheim, analisar a relação entre corpo e tecnologia. A partir disso, identificar como a tecnologia tem se tornado uma extensão do corpo humano, onde o homem passa a ser uma espécie de máquina. Essa facilitação do viver humano mais prático por meio de aparelhos tecnológicos acaba por levar a uma espécie de deterioração do próprio corpo, em sentido físico, moral, e ainda, das relações humanas (relações afetivas, de poder e de trabalho). Do mesmo modo, uma espécie de esquecimento do homem em seu sentido ontológico. Com isso, se faz pertinente discutir o que é o homem, levando em consideração que o corpo faz parte da “essência” do homem. Para isso será necessário um exercício de “aprender a ver”, movimento esse que já fora realizado pelos gregos, por exemplo. Tal exercício será embasado por poemas selecionados de Alberto Caeiro<sup>191</sup> em conjunto com o texto *Do Sentir, Do Ver, Do Dizer: Lendo Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa* de Gilvan Fogel. O último ponto, mas não menos importante será elaborar um trabalho final em caráter de construção artística (pois envolve música e poesia) de material didático.

---

<sup>191</sup>Heterônimo do poeta português Fernando Pessoa.

Opta-se pela elaboração de músicas pelo fato de que a música possui relação direta com o corpo (pois envolve movimento) com a poesia e com a tecnologia, pois essas músicas serão gravadas, o que não deslocará o trabalho final do tema proposto.

### DESENVOLVIMENTO E ESTRATÉGIAS:

Em 05 aulas, realizar a leitura e discussão do texto *O Corpo Humano e a Viagem Tecnológica*<sup>192</sup> para identificar como a tecnologia vem se incorporando no homem, passando esse de humano para máquina, sendo assim, na relação homem e tecnologia quem é objeto de quem? Encaminhamento do *trabalho final*<sup>193</sup>. Depois, Em 05 aulas, realizar a leitura dos poemas (ou fragmentos deles) II, VII e IX de *O Guardador de Rebanhos*<sup>194</sup> em conjunto com fragmentos do texto *Do Sentir, Do Ver, Do Dizer: Lendo Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa*<sup>195</sup> para compreensão do sentir (corpo) enquanto parte fundamental do homem, inclusive o homem dito “tecnológico”. Encaminhamento do *trabalho final*. Em seguida, em 02 aulas, organização do trabalho final que consistirá em uma elaboração de material didático na forma de músicas sobre os conceitos filosóficos e poéticos trabalhados em sala de aula. A turma será dividida em grupos, onde cada grupo fara uma música sobre um conceito trabalhado na aula. Por fim, em caráter

---

<sup>192</sup> Texto in BORNHEIM, Gerd. *O Conceito de Descobrimento*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

<sup>193</sup> O trabalho final consistira na elaboração de músicas sobre os conceitos trabalhados em sala de aula. Para isso, a turma será dividida em grupos.

<sup>194</sup> Texto in PESSOA, Fernando. *Ficções do Interlúdio/1 Poemas Completos de Alberto Caeiro*. Nova Fronteira. 1980

<sup>195</sup> Texto in FOGEL, Gilvan. *Sentir, ver, dizer: cismando coisas de arte e de filosofia*. Rio de Janeiro: Mauad, 2012

interdisciplinar<sup>196</sup> será realizada a apresentação do trabalho final. Essa apresentação ocorrerá na segunda quinzena do mês de maio, no decorrer de aproximadamente 04 aulas.

**AValiação:** “O processo de avaliação considera os objetivos propostos e alcançados num constante movimento (...)”.<sup>197</sup> Assim sendo, a avaliação será um processo contínuo, onde os alunos serão avaliados através dos requisitos: participação na leitura dos textos e nos debates propostos. De maneira mais objetiva, para obtenção de nota, assim como para parte da avaliação da prática do projeto será ponderada a parte escrita das produções artísticas do trabalho final.

### **RECURSOS DIDÁTICOS:**

Quadro, giz, textos, *smartphones*, etc.

### **REFERÊNCIAS:**

#### Textos base

BORNHEIM, Gerd. *O Conceito de Descobrimento*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

FOGEL, Gilvan. *Sentir, ver, dizer: cismando coisas de arte e de filosofia*. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.

PESSOA, Fernando. *Ficções do Interlúdio/1 Poemas Completos de Alberto Caeiro*. Nova Fronteira. 1980.

#### Textos complementares

---

<sup>196</sup> O caráter interdisciplinar se justifica na medida em que a apresentação ocorrerá em 04 aulas no decorrer de um único dia letivo, tendo sido cedidas aulas das disciplinas de química e de inglês para que a apresentação se efetive. Os professores regentes dessas mesmas disciplinas assistirão as apresentações.

<sup>197</sup> PROPOSTA Curricular de Santa Catarina: Formação Integral na Educação Básica. 2014. Disponível em <<http://www.propostacurricular.sed.sc.gov.br>> Acesso em 03 de Fevereiro de 2018.

AGAMBEN, Giorgio. *Identidade sem Pessoa*. In: *Nudez*. Trad. Davi Pessoa Carneiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

FEITOSA, Charles. *Explicando a Filosofia com Arte*. Rio de Janeiro: Ediouro Multimídia, 2009.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade da Transparência*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

HEIDEGGER, Martin. *A Teoria Platônica da Verdade*. In: *Marcas do Caminho*. Petrópolis: Vozes, 2008.

HEIDEGGER, Martin. O fim da filosofia e a tarefa do pensamento. In: *Conferências e Escritos Filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

### 3.3 Resultados e Algumas Possíveis Conclusões (à guisa de avaliação)

Para a avaliação das duas aplicações tomar-se-á como base a Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina: Formação Integral na Educação Básica de 2014, assim como para a primeira aplicação a análise do questionário proposto na descrição da aplicação prática. Na segunda aplicação as músicas produzidas. Sobre a primeira aplicação, tal questionário foi elaborado para avaliar a eficácia ou não da metodologia proposta, não dos conteúdos propostos e aplicados (sobre transparência e rede social). Esses resultados nos permitirão observar se os objetivos estabelecidos na aplicação do projeto foram alcançados.

Reforça-se que tais conteúdos são pertinentes ao currículo da série aplicada, sendo a metodologia o foco da aplicação e avaliação do projeto, podendo ser aplicada a mesma metodologia com conteúdos curriculares distintos. Nosso objetivo e interesse central, é, portanto, identificar a partir das respostas dos questionários e das produções musicais a “eficácia” do *Método Psicagógico*.

É chegada à hora de ouvir os alunos, “é importante que os sujeitos da aprendizagem sejam ouvidos e reconhecidos em suas vivências históricas e culturais, nos seus contextos (...) nos quais se inserem”.<sup>198</sup> Não se trata de uma auto avaliação, dizemos desse modo, que a partir das respostas dos questionários se poder-se-á chegar a alguma conclusão. Tal conclusão configura em chegar ao entendimento se a Psicagogia alcançou os objetivos propostos. “O processo de avaliação considera os objetivos propostos e alcançados num constante movimento (...)”.<sup>199</sup> Em outros termos, a partir das atividades produzidas teremos algum tipo de resposta sobre o acontecimento poético da filosofia em sala de aula por meio do método proposto.

#### 3.3.1 Aplicação 01

Ao total foram 05 (cinco) questões dissertativas, optou-se por esse modo e não objetivas, para que possíveis respostas não fossem direcionadas. Destacamos algumas

---

<sup>198</sup> 102 PROPOSTA Curricular de Santa Catarina: Formação Integral na Educação Básica. 2014. Disponível em <<http://www.propostacurricular.sed.sc.gov.br>> Acesso em 03 de setembro de 2018.

<sup>199</sup> Idem.

respostas, a seguir (09 no total) escritas pelos alunos, para novamente não direcionar nenhum modo de conclusão favorável à proposta. Essas são as questões: *O que você entende por filosofia? Que relação você estabelece entre filosofia e educação? O que você entende por poesia? É possível ensinar e aprender através de poesia? Que relação você estabelece entre poesia e filosofia?* Veja-se as respostas:

*O que você entende por filosofia?*

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** várias formas de pensamento, um ser crítico, conhecimento, sabedoria.

**Resposta da segunda aplicação:** filosofia é uma porta para outras verdades, é a busca de outras realidades, outras formas de pensamento, ser crítico é querer ter mais conhecimento, sabedoria, e filosofia nos proporciona isso!

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** eu entendo que, uma disciplina que faz pensar e ter pensamentos críticos.

**Resposta da segunda aplicação:** entendo que não é só aulas, mas que sim um ensinamento para o futuro, para que possamos ser bons sujeitos na sociedade.

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** a filosofia é a ciência que norteia o pensamento, ela é um instrumento racional. Ela se baseia nos pensamentos filosóficos de grandes pensadores como Sócrates e Platão.

**Resposta da segunda aplicação:** filosofia é um modo de pensar, pode ser entendida como um instrumento racional. É a ciência que firma o pensamento, a qual forma as perguntas que indaga o pensamento. Atua como reflexão crítica, nos faz pensar antes de agir. A filosofia vai muito além daquilo que está pré-dito, ela forma suas próprias perguntas, junta suas dúvidas que posteriormente será respondido pelas ciências.

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** conhecimento infinito, reflexões.

**Resposta da segunda aplicação:** conhecimento infinito, saber mais e mais e poder questionar, ter seu pensamento crítico.

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** a filosofia pode ser colocada como a ciência que não segue padrões, tão pouco normas pré-estabelecidas, esta vem a ser um instrumento que instiga o pensamento, e que devido a isto, é vista por parte da sociedade como incômoda.

**Resposta da segunda aplicação:** esta é a ciência do pensamento, ou seja, instiga o sujeito a pensar, a pensar sobre o porquê das coisas. É um jeito de olhar o mundo, sobre uma visão diferenciada do mesmo, com um olhar mais crítico, “abrindo a cabeça” e fazendo questionamentos, sem medo do desconhecido. É querer saber mais e mais, a todo tempo ampliar o conhecimento, a essência mais profunda e mais bela da filosofia está nisso: nas perguntas.

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** uma porta para novos conhecimentos, particularmente eu gosto!

**Resposta da segunda aplicação:** aprendemos na aula que a filosofia, ela orienta os fundamentos da educação. Orienta o pensamento, tem o papel de estruturar as bases da educação. Através dela conhecemos questões importantes, aprendemos a criticar, debater, etc.

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** a filosofia é ao que confunde ou embasa o pensamento.

**Resposta da segunda aplicação:** a gente deve ter um olhar filosófico, olhar para a sociedade de outra forma, ver suas perguntas e procurar analisar e “tentar” responder. A filosofia orienta o pensamento, muitas vezes ela nos responde com perguntas que a gente fica “se batendo” para resolver.

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** a filosofia estuda sobre os filósofos e pensadores da antiguidade, ela nos faz pensar e refletir sobre as coisas. Muitas vezes não analisamos o que fazemos, mas a filosofia nos ajuda a mudar isso.

**Resposta da segunda aplicação:** a filosofia nos faz pensar e questionar sobre tudo e todos, ela amplia a nossa visão sobre o mundo.

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** não respondeu.

**Resposta da segunda aplicação:** a filosofia é uma ciência que desperta para a vida e que é muito importante, sem ela a educação seria alienadora. A filosofia ensina o aluno a pensar nos porquês das coisas, ter opiniões!

*Que relação você estabelece entre filosofia e educação?*

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** não respondeu.

**Resposta da segunda aplicação:** a filosofia ensina o aluno a pensar nos porquês das coisas, ter opiniões críticas e a não aceitar tudo, saber para o que você deve dizer sim ou não. Saber o que é coerente e verdadeiro.

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** filosofia e educação devem caminhar juntas, ambas são muito importantes para a sociedade.

**Resposta da segunda aplicação:** educação e filosofia devem caminhar juntas sempre. E a educação deve ser filosófica e nenhuma das duas podem se esgotar, elas devem ficar sempre ativas, vivas em nosso cotidiano.

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** é tipo um instrumento que é posto na sociedade em objetivos e aspectos de transformação e entendimento, sabedoria e manutenção.

**Resposta da segunda aplicação:** a educação precisa ser filosófica, uma construção humana onde valores e atitudes e finalidades que queremos resolver ou alcançar. A educação não tem fim, ela permite na sociedade em que vive uma evolução, transformação social e cultural.

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** uma complementa a outra, a filosofia e a educação andam juntas, e a sociedade precisa das duas.



**Resposta da segunda aplicação:** a educação atua como construção humana, é inserida na sociedade, e deve ser compreendida como instrumento que age na sociedade em seus aspectos de transformação, ela permite não apenas a inserção dos sujeitos no meio social etc. e a filosofia orienta os fundamentos da educação, ela complementa a educação.

Resposta da primeira aplicação do questionário: ambos visam o conhecimento. Porém a filosofia instiga o pensamento, a educação faz o mesmo, mas na maioria das vezes não é direcionada para isso.

**Resposta da segunda aplicação:** pode se afirmar que uma complementa a outra, ambas necessitam andar juntas. Educação simboliza conhecimento, a filosofia entra como um mecanismo para instigar esse conhecimento. Porém na sociedade em que vivemos a educação muitas vezes vem na contramão da filosofia. Os sujeitos são orientados e instigados desde muito cedo a seguir padrões já estabelecidos, esta é a típica “formação de rebanhos”, algo que não acrescenta para o sujeito ampliar sua visão de mundo. Dessa forma não devemos deixar o questionamento de lado, ao contrário, devemos formar uma junção de ambas, para que ambas caminhem juntas em busca de um ideal comum.

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** a filosofia é algo “infinito” e a educação também deve estar sempre buscando conhecimentos assim como na filosofia.

**Resposta da segunda aplicação:** a filosofia é algo “infinito” e questionado e a educação também deve estar sempre buscando conhecimentos e fazendo das coisas “infinitas”.

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** as duas estão entrelaçadas, ou seja, caminham juntas, a filosofia faz com que pensemos mais e reflitamos sobre tudo o que fazemos, no modo em que tratamos o outro, nossa vida social se baseia no jeito em que lidamos com os outros.

**Resposta da segunda aplicação:** as duas caminham juntas, estão entrelaçadas, e buscam sempre indagar. A educação busca mostrar o pensamento crítico e o quanto importante ele é para nós. A filosofia nos faz pensar e refletir sobre aquilo que fazemos ou agimos, ela nos proporciona o senso de criticidade. A educação precisa ser filosófica.

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** filosofia e educação seria, que ter uma educação mais crítica e com debates.

**Resposta da segunda aplicação:** podemos estabelecer como educação as pessoas aprendem a ler e escrever, assim podendo ter pensamento mais aberto para melhor entender sobre filosofia, assim, sendo mais críticos.

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** podemos colocar a relação de ser crítico, de procurar entender o significado das coisas.

**Resposta da segunda aplicação:** essa relação é muito importante, pois só a educação sozinha não tem sentido nenhum, só passa “conhecimento pronto”, essa educação irá apenas prepara o indivíduo para o meio social em que vivem, mas para que a educação evolua e alcance suas finalidades é necessário à filosofia, ela fundamenta e orienta a educação, isso permite que tenhamos uma evolução cultural e intelectual.

*O que você entende por poesia?*

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** não tenho muito conhecimento, mas na minha opinião, poesia é uma forma mais interessante de abordar certos assuntos, chama mais atenção.

**Resposta da segunda aplicação:** não tinha muito conhecimento sobre poesia, mas agora entendo um pouco mais, consigo interpretar melhor, vejo poesia no meu dia-adia, na vida. E agora também sei que podemos abordar vários assuntos em forma de poesia.

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** entendo que é rimas que forma uma frase e da sentido.

**Resposta da segunda aplicação:** poesia pode se tornar música, muitas músicas são críticas, então a poesia é crítica.

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** poesia é estar bem e passar para o outro nosso estado de espírito, poesia é expressar o sentimento em forma de escrita para alguém ler.

**Resposta da segunda aplicação:** poesia é ver o mundo de um jeito mais humano, ver sempre os dois lados (bom e ruim), o bom nem sempre ensina tudo aquilo que necessitamos, já o lado ruim nos mostra que nem sempre as coisas acontecem como planejamos e que mesmo assim nós podemos transformar nossos dias, sendo assim um dia melhor que o outro.

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** poesia para mim são estrofes, que às vezes pode rimar ou não. Mas que apresenta certo sentimento ou quer “ensinar” algo.

**Resposta da segunda aplicação:** entendo que a poesia não é só uma palavra bonita. São sentimentos, é querer aproveitar momentos, lembranças que são as coisas que jamais serão pagadas por mais que queira é ter em mente que você tem vários “eus” que mesmo que você seja “você” mesmo, nunca vai ser.

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** quando mencionado ao pé da letra, faz referência a um tipo de texto. Porém este possui sentido bem mais amplo, onde refletem os sentimentos, mais profundos e sinceros, colocados em forma de poesia, pra o prazer dos leitores, que podem deslumbrar-se com tamanha sensibilidade humana.

**Resposta da segunda aplicação:** poesia não é somente a palavra bonita que simboliza e normalmente se remete ao amor. Esta é muito mais ampla e profunda, é uma maneira como se vê e sente o mundo, de olhar o outro com um olhar poético, expressando os mais sinceros sentimentos, angústias, medo, dor.

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** a poesia é algo que de maneira bem aplicada se torna algo essencial para a educação nos dias atuais.

**Resposta da segunda aplicação:** por ser crítica, a poesia pode ser essencial para a educação.

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** não gosto muito de poesia.

**Resposta da segunda aplicação:** é o jeito como a gente vê o mundo e as coisas, uma expressão de sentimentos e expressão de vida. O jeito que você gosta, ama ou odeia. Poesia está em todos os lugares ou no mundo, a poesia é humana, também podemos dizer que a poesia é crítica.

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** sinceramente, não entendo muita coisa, mas já li e ouvi muitas poesias.

**Resposta da segunda aplicação:** a poesia é uma forma de expressar os sentimentos e também muitas vezes expressar nossa vida, o que estamos passando. Geralmente a poesia faz uma crítica sobre o que ocorre no mundo.

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** não respondeu.

**Resposta da segunda aplicação:** a poesia não é só uma forma de escrever com palavras bonitas e rimadas, mas também é um modo de se falar sobre os problemas da sociedade, fazer o sujeito ter mais consciência sobre as coisas fazendo com que ele queira buscar mais conhecimento, tenha uma opinião mais crítica sobre as coisas.

*É possível ensinar e aprender através de poesia?*

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** não respondeu.

**Resposta da segunda aplicação:** sim é possível, ela traz bastante conhecimento, além de ser uma expressão de sentimento também é o jeito que a gente sente e percebe as coisas.

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** sim, pois você pode fazer e ensinar muita coisa através da poesia.

**Resposta da segunda aplicação:** sim, pois a poesia muitas vezes nos apresenta coisas novas, novas maneiras de ver o mundo, novas ideias, novas reflexões sobre a vida. E continuo dizendo que sim, é possível aprender e ensinar através de poesia.

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** não sei, mas acho que sim.

**Resposta da segunda aplicação:** sim, eu aprendi algumas coisas.

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** na minha opinião sim, é essencial para a educação.

**Resposta da segunda aplicação:** sim, é possível, pode atuar como algo crítico, podemos debater assuntos importantes.

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** sim, ensinar, trocar e compartilhar conhecimentos com o coração (para mim poesia é colocada todos os sentimentos, angustia, medos, dores do mundo, amor, etc.), é algo extremamente importante e interessante no sentido a sensibilizar os alunos, com mecanismos diferenciados, que possam realmente tocá-los e orientá-los a seguirem e um caminho bom.

**Resposta da segunda aplicação:** sim, certamente, pois respeitar o jeito que se ama, respeitar o outro da forma como ele é, é olhar a vida de outras maneiras, com um olhar poético, repassando esses valores, de forma a realizar um compartilhamento de ideias, efetuando assim uma junção bastante interessante, entre ensinar com poesia.

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** sim, as poesias como sempre tem certo objetivo de mensagem às vezes para tornar mais fácil as poesias são boas para entender e refletir.

**Resposta da segunda aplicação:** a filosofia é uma coisa crítica, não tem medo de se expressar e mostrar quem é. É uma maneira de se expressar, porém crítica. Saber que você erra, mas que você porque é um ser humano.

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** sim é possível, pois a poesia é algo muito criativo e que passa uma mensagem muito bonita.

**Resposta da segunda aplicação:** é muito possível, pois a poesia faz viajar no pensamento, nos faz ver o mundo de outra maneira, que nós não somos felizes o tempo inteiro, que mesmo assim não podemos deixar de viver.

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** eu acho que sim! Pois pode dar interesse ao aluno para estudar.

**Resposta da segunda aplicação:** pode sim! Tem muitos alunos que gostam de poesia, se sentem melhor para estudar e tem outra visão de mundo.

*Que relação você estabelece entre poesia e filosofia?*

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** a meu ver as duas coisas tem uma boa relação, trabalhamos em partes, compreendendo e abrindo outras formas de pensamento, assim como a filosofia, trazemos para nossa realidade para torná-la melhor.

**Resposta da segunda aplicação:** a relação entre as duas é muito boa, poesia por mais “difícil” que seja de se interpretar, de entender, é onde encontramos outras formas de pensamento, e a filosofia nos ajuda a buscar e criticar essas ditas “verdades” que estão prontas, poesia e filosofia é análise de vida.

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** apenas acho eu a poesia pode ser crítica assim como a filosofia faz ter pensamento crítico.

**Resposta da segunda aplicação:** estabeleço que poesia e filosofia são críticas, assim podendo deixar os sujeitos mais críticos sobre pensamentos e atitude, podendo ter uma sociedade melhor.

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** a poesia e a filosofia fazem refletir e pensar sobre o escrito.

**Resposta da segunda aplicação:** ambos estão entrelaçados, nos faz refletir, sentir, pensar. Fernando Pessoa, por exemplo, nos ensinou a ver o mundo poeticamente, ver aquilo que está ao nosso redor de forma mais leve. Ele também possui seus vários “eus” o que nos mostra que podemos ser mais de uma pessoa sem fugir daquilo que realmente somos, sem fingir ser outro, sem fugir de nossa essência.

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** como a filosofia faz você pensar além, as poesias também fazem.

**Resposta da segunda aplicação:** não respondeu o primeiro questionário.

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** o pensamento com sentimento.

**Resposta da segunda aplicação:** ambas instigam o pensamento, expressando sentimentos, de tal forma a estimularem os sujeitos a verem de forma mais crítica.

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** sei lá porque, não gosto de poesia, mas filosofia eu gosto, mas tem horas que eu não entendo algumas coisas.

**Resposta da segunda aplicação:** é o jeito de perguntar e ver o mundo, a filosofia às vezes é bastante poética e a poesia é filosófica. A filosofia trabalha a partir do erro, se não tem erro não tem filosofia e a poesia analisa quando a gente erra “ser humano”.

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** no momento não consigo estabelecer relação entre elas.

**Resposta da segunda aplicação:** as duas são uma forma de ver o mundo, cada uma da sua maneira, mas sempre puxando para a educação.

**Resposta da primeira aplicação do questionário:** não respondeu.

**Resposta da segunda aplicação:** as duas estão interligadas, por que elas impõem dúvidas, ensinam a não ter medo de ser o que somos as duas estão no mundo. Elas trazem conhecimentos, nos fazendo pensar de modo crítico nas coisas “abrindo nossos olhos”.

Alguns aspectos tornam-se bastante visíveis a partir das respostas. Na maioria dos casos, a segunda resposta ficou mais segura, melhor escrita e definida. A definição de filosofia parece ter sido razoavelmente aclarada durante a travessia proposta.

Outro fator interessante é a noção de poesia, que na maioria das respostas parece ter ganhado força, no sentido vulgar de entender a poesia não mais somente como uma palavra bonita e fantasiosa, mas como fora respondido em algumas respostas, referentes a

definição de poesia e de filosofia “um modo de vida”, o que em boa medida, confirma o que fora defendido na fundamentação epistemológica do método psicagógico.

Alunos que não conseguiram estabelecer relação entre filosofia educação e poesia no primeiro questionário estabeleceram relações no segundo questionário, o que se julga bastante positivo. Essas relações estabelecidas no segundo questionário, igualmente em boa medida, confirmam que a metodologia proposta (Psicagogia) configurou em uma construção de conhecimento e não apenas em repetição de conceitos.

Outro ponto bastante relevante a favor da eficácia do método psicagógico foi à menção em algumas respostas do caráter crítico da poesia, isso demonstra que a poesia é visão de mundo, modo de vida, e que esse modo de vida é educativo, ou seja, se aprende com ele. Nesse ponto pode se afirmar que a poética de Fernando Pessoa foi psicagógica, pois, sobretudo no Poema em Linha Reta, esse caráter crítico da filosofia ficou bastante evidenciado para a maioria dos alunos. Assim como a importância de refletir quem somos nós, e como lidamos com nossos conflitos, medos e incertezas, por meio, principalmente, do poema “Não sei Quantas Almas Tenho” e do fragmento 26 do Livro do Desassossego.

No segundo questionário, uma questão foi acrescentada, nessa questão lançou-se a proposta para que os fizessem uma breve análise sobre o projeto:

*“Essa visão de mundo me ajudou muito na questão da exposição. Gostei também muito do Fernando Pessoa, do modo que ele fala sobre os sentimentos e da exposição. Também comecei a me questionar sobre um monte de coisas que eu nem ligava antes, ou não percebia. Aprendi a não ter medo de ser quem eu sou. Claro que nem sempre as pessoas irão gostar, mas aprendi a ser forte para isso”.*

*“Fernando Pessoa no começo eu não entendia muita coisa, mas depois de um tempo eu comecei a prestar atenção na aula e buscar mais informações em casa e gostei, e tive um olhar mais ‘filosófico’ na aula”.*

*“A disciplina de filosofia, nos faz refletir sobre o porquê das coisas, dessa forma nos dá um alicerce para nos tornarmos sujeitos mais críticos, e com opiniões mais amplas*



*e bem formadas. Sendo assim, penso que todas as discussões, realizadas em sala de aula, são extremamente importantes e fundamentais, e isso quando também me refiro à vida”.*

*“Aprendi muito! Transparência me ajudou um pouco no meu modo de ser e pensar, o poético me ajudou a “ligar” para as coisas importantes da vida. Por mais que eu não mude, tenho tudo isso em mente, para tentar ser um ser humano melhor. Isso me ajudou muito porque tendo isso em mente, posso ajudar a mim mesma e alguém que esteja passando por alguma situação”.*

*“Achei muito valorosa essas aulas, pois nesse ano aprendi diversas coisas que levarei para minha vida, como por exemplo, sobre a transparência nas redes sociais, achei isso muito interessante, pois fala de algo que estamos diariamente envolvidos. O qual nos expomos muitas vezes demais e somos mal interpretados em momentos que postamos algo. Também vimos o mundo mais poeticamente após essas aulas, pois elas abriram meu pensamento para ver o mundo de uma forma mais ampla e clara, o mundo deve ser visto diariamente com mais poesia”.*

*“Nossas últimas aulas significaram muito para mim, poesia está em tudo, falamos muito sobre transparência, foi o assunto que mais significou para mim; esse assunto é muito importante, agora eu consigo ligar a minha vida com o que eu aprendi com filosofia e poesia”.*

Essas respostas consumam a possibilidade do Método Psicagógico ser um método eficiente. Como? A sua maneira, cada aluno disse o mesmo: que a partir das aulas passaram a ter um olhar diferente, mais crítico, que passaram a questionar certas coisas que antes não se davam conta. Alguns responderam que levarão esse modo poético e filosófico para a vida. A partir da Psicagogia, esses alunos disseram conseguir ligar o tema trabalhado em sala de aula (a transparência nas redes sociais) com as suas vidas, o que confirma a fundamentação dessa proposta. Isso foi possível devido à condução psicagógica a com textos filosóficos confluentes aos textos poéticos de Fernando Pessoa. Ainda, alguns

responderam que Fernando Pessoa os fez enxergar o mundo e enxergar-se de maneira mais filosófica e poética, o que mais uma vez comprova que sua poética pode ser tomada no método psicagógico. “Assim, tais experiências de aprendizagem extrapolam os muros da escola e as fronteiras das áreas do conhecimento e contribuem para a formação cidadã dos estudantes, à medida que vão se conhecendo e valorizando suas identidades”.<sup>200</sup>

### 3.3.2 Segunda Aplicação

Iremos expor 03 trabalhos realizados. Sendo o primeiro:

<sup>201</sup> *“Bacana como tá legal aqui*

*Mas corre o tempo é dinheiro e precisamos produzir*

*O operário é quem trabalha mais,*

*E não reclame do salário que é para a empresa lucrar mais*

*O dobro, você trabalha o dobro*

*Pra enriquecer o topo, o dobro*

*A máquina nunca vai incomodar*

*Pois não recebe atestado e nem doente vai ficar*

*E dependendo do que acontecer*

*Um robô talvez um dia substitua você*

*O dobro, você trabalha o dobro*

*Pra enriquecer o topo, o dobro*

*Já não tem tempo pro boteco*

*Pois o trânsito engarrafa*

---

<sup>200</sup> PROPOSTA Curricular de Santa Catarina: Formação Integral na Educação Básica. 2014. Disponível em <<http://www.propostacurricular.sed.sc.gov.br>> Acesso em 03 de setembro de 2018.

<sup>201</sup> Paródia da música “Cerveja de Garrafa” da banda Atitude67.

*É o preço que você pagou  
Pela evolução que se alastra  
E não há o que se faça  
Ou você acompanha ela  
Ou ela te ultrapassa*

*O dobro, você trabalha o dobro  
Pra enriquecer o topo, o dobro”*

*<sup>202</sup> “Vou caçar mais de um milhão de verdades por aí  
Pra te ver e ouvir eu posso sentir o céu de outra cor  
Eu quero ver você  
Filosofia vai acontecer,  
E eu quero acordar do seu lado  
Vou falar mais de um milhão de verdades para você ouvir  
O meu sorriso é teu, seu sentido me faz sorrir  
Eu vou de Marte até a Lua  
Você sabe a verdade é tua  
Você crê na ciência, essa verdade nua e crua  
Eu sei o que eu faço  
Filosofia eu traço  
Ciência fora da lei ocupando o mesmo espaço  
Se eu tô sentindo, não ligo se nem tudo aparecer  
É que não faz sentido  
Olhar e não saber o porquê  
Ver o impossível vai ser a realidade  
A tecnologia está terrível, mas não vai ser a maldade  
Que vai me cegar de vez, é preciso você ver*

---

<sup>202</sup> Paródia da música “Vagalume” do artista Pollo.

*Pra tu sorrir, a realidade do mundo inteiro vai saber que eu...  
Vou caçar mais de um milhão de verdades por aí  
Pra te ver e ouvir eu posso sentir o céu de outra cor  
Eu quero ver você  
Filosofia vai acontecer,  
E eu quero acordar do seu lado  
Pra ver o que eu preciso descubro o paraíso  
É só ver a internet que eu perco o juízo por inteiro  
Sentimento verdadeiro, é eu e você, vamos aprender  
Vem e deixa acontecer  
Desaprendo que o tempo não passa quando você tá cego  
Dá a mão e sente como eu tô certo  
Eu digo que tô vendo, cê pede algo impossível  
Vem e vê com os olhos que hoje o dia está incrível  
Vou caçar mais de um milhão de verdades por aí  
Pra te ver e ouvir eu posso sentir o céu de outra cor  
Eu quero ver você  
Filosofia vai acontecer,  
E eu quero acordar do seu lado  
Faço da filosofia um lugar mais seguro  
Verdade leal na ciência não achei eu juro  
Saio do compasso faço apuros para ver  
Abro meus sentimentos pra que você possa ver”.*

*<sup>203</sup> “Ela é um filme de ação com muitos finais  
Fala de política e conversas banais  
Se ela estiver com você não use demais  
Ela nem sempre vai deixar claro, então entenda sinais.  
Parece o paraíso mas não o faz*

---

<sup>203</sup> Paródia da música *Ela só quer Paz*, do cantor Projota.

*Tem perigo ou se não teve hoje tem mais  
Ela te naufraga antes de chegar ao cais  
Você fala, fala, fala... ela chega e faz  
Ela não pensa, não pensa, não pensa jamais  
Estamos parados, parados demais  
Veio para ajudar mas tanto faz  
Realidade é diferente de 50 anos atrás  
Não quer 5 minutos do seu tempo rapaz  
Ela quer te fazer bem, mas o mal traz  
Ela estende o corpo humano e a realidade faz  
Hoje você pode até correr  
Porque ela só quer mais  
Hoje ela só quer mais  
Hoje ela só quer mais  
Hoje ela não quer notícias boas em jornais  
Nem amores reais, amizades leais  
Hoje todos se tratam como animais  
Até em coisas simples são irracionais  
Sem pensar, deixam de ser originais  
Copiam pessoas legais, mas esquecem que vocês são sensacionais  
Ela não é sua amiga rapaz  
Ganhar tudo pronto é fácil, difícil é pensar demais  
Ela vai te enlouquecer para você querer mais  
E ao mesmo tempo vai te trazer um senso comum  
Para você não reclamar jamais  
Ela vai fazer você acreditar que tudo é demais  
Essas máquinas são daquelas fenomenais  
Vitamina é seu imposto e alienação rapaz  
Ela é a vida após a vida  
Descansa seu corpo em dias em dias normais  
Para quê mais?*

*Ela não pensa, não pensa, não pensa jamais*  
*Estamos parados, parados demais*  
*Veio para ajudar mas tanto faz*  
*Realidade é diferente de 50 anos atrás*  
*Não quer 5 minutos do seu tempo rapaz*  
*Ela quer te fazer bem, mas o mal traz*  
*Ela estende o corpo humano e a realidade faz*  
*Hoje você pode até correr*  
*Porque ela só quer mais*  
*Hoje ela só quer mais*  
*Hoje ela só quer mais!”*

Na primeira e na terceira música, o tema explícito é a questão da máquina trazida por Borheim à luz do Capital de Marx. Discussões sobre o advento da máquina na indústria e do processo de aceleração de produção e de automatização do homem ficam evidentes na música. Fica bastante aclarado na música a questão da exploração ao trabalhador trazida por uma discussão sobre trabalho a partir de Marx. Fica bastante explícito, principalmente na terceira música uma questão trazida pelo uso exagerado das redes sócias e de aparelhos eletrônicos. Compreendemos que parece que os alunos compreenderam que esse uso exacerbado dos meios tecnológicos desumaniza o homem em seu sentido corporal, afetivo e em termos de relações humanas concretas. Embora não fique explícito na música julgamos que fora compreendido pelos alunos essa desumanização do homem a partir da leitura não só de Borheim e Marx, mas, do mesmo modo dos poemas do Caeiro, o que efetiva o acontecimento da Psicagogia.

É importante admitirmos, a questão trazida nas discussões sobre os poemas de Caeiro e o texto de Fogel, aparece de modo mais velado, onde na primeira música, podemos compreender que o homem não tem mais tempo para ser homem em um espaço que não

seja o do trabalho assalariado e da evolução tecnológica, nesse senti o “aprender a ver” torna-se praticamente impossível. Nossa leitura, em termos avaliativos, tende para a compreensão de que o texto filosófico parece ter sido mais psicagógico que o poético.

Na segunda música os conceitos trabalhados aparecem de modo mais subjetivo e talvez até um tanto confuso, todavia, parece bastante aclarado pelos alunos as discussões sobre os poemas de Caeiro e o texto de Fogel no que tange a importância do sentir. Aqui o texto poético parece ter “cativado” melhor os alunos. A poesia de Pessoa nos parece ter sido psicagógica. Observamos que mesmo de modo confuso, fica claro na música a importância do “aprender a ver” discutido nas aulas a partir de Alberto Caeiro. Outro fator importante que aparece na música é um entendimento da importância de uma visão filosófica de mundo por meio de uma aprendizagem do ver. A relação entre filosofia, ciência e tecnologia é mostrada de modo obscuro na música, mais uma vez, nos parece que ficou mais claro para os alunos a questão dos sentidos e do sentir, trazida pelos textos de Caeiro e Fogel.

Consideramos que nessa aplicação a Psicagogia ocorreu, pois, as questões trazidas nas músicas demonstram que foi entendido por parte dos alunos que um uso equivocado e exagerado das tecnologias retiram do homem parte de sua humanidade. Ainda mais, a importância de uma aprendizagem do ver por meio do sentir trazido pelos poemas do Caeiro. Mesmo tendo ocorrido a Psicagogia, julgamos que seria necessário discutir mais com a turma sobre o tema para que isso seja exposto por eles de modo mais claro. Mesmo assim, consideramos os resultados bastante positivos. A questão central que é a relação conturbada entre, homem, corpo e tecnologia foi demonstrada de maneira competente pelos alunos, o que novamente, pode confirmar a eficácia de nosso método.

Em linhas gerais, certamente o projeto não atingiu a todos os alunos de maneira satisfatória – como em tudo na vida. A partir das respostas ora mencionadas, e das músicas, o resultado geral julga-se positivo, e principalmente, que a Psicagogia, enquanto metodologia demonstrou-se ser eficaz. Sendo assim, o método proposto pode ser utilizado no âmbito do que se chama de ensino de filosofia.

E bem, e o resto?<sup>204</sup> Por ora, é isso! Embora finde a palavra, a marcha continua, ela não para. Que fique claro: buscou-se um método que comprovasse a possibilidade de se

---

<sup>204</sup> ASSIS, Machado de. Dom Casmurro. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1980.

fazer filosofia enquanto disciplina escolar. Conclui-se, pois a possibilidade do método, mas não ele mesmo, a filosofia, a filosofia no ensino não é resposta fechada, ela é travessia.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS (à guisa de conclusão)

Há de se convir que concluir algo é o mesmo que matar-lhe. Pronto! Fim. Acabou. Eis o destino final. É preciso, pois, morrer. Morrer significa, aqui, deixar o que já se foi, abrir-se, para o novo. Desabrochar. Essa foi nossa tentativa ao traçarmos e fundamentarmos uma “nova” proposta de visão, entendimento, fundamentação e metodologia para o Ensino de Filosofia.

Assumimos um grande risco: *a filosofia é filosofia porque é poética e acontece no ensino por essa mesma razão*. Que grande disparate! Com mais de vinte e cinco séculos de tradição filosófica, dizer que a filosofia é ela mesma porque é poética, é de fato, algo problemático. Para isso encontramos base filosófica/epistemológica em Martin Heidegger. Não para somente nos valermos da autoridade de um filósofo com pensamento consolidado, mas, principalmente, para demonstrar a possibilidade filosófica de nossa proposta.

Nosso caminho argumentativo buscou desconstruir uma relação conflituosa entre filosofia e poesia, onde uma não é o oposto da outra, onde uma não anula a outra. A noção de poesia enquanto *Dichtung*, isto é, *Poiesis*, nos foi de grande valia para fundamentarmos a força que a poesia carrega em seu sentido existencial. Quando olhamos para coisas, quando sentimos, quando algo nos afeta, nos toca, estamos em estado de poesia, solo fértil para que germine a filosofia. Estar em estado de poesia significa para nós estar em relação com o existir das coisas, estar em comunhão. Essa comunhão, esse partilhar, essa coisa de doar-se, de escutar, é o que denominamos de *deixar ser*.

Falamos tanto sobre esse tal de *deixar ser*. Isso como uma tentativa de demonstração de que para fazer filosofia precisamos saber ver, ouvir, sentir. Se trata de uma aprendizagem das coisas por elas mesmas, quer dizer, deixar que elas se digam, se mostrem. Entendemos que essa é uma grande contribuição de Heidegger quando ele fundamenta que precisamos nos entregar para a linguagem, pois, não somos nós quem a tratamos, mas, pelo contrário é ela que nos trata. Essa entrega não se trata de algo romantizado, ou de uma supra superioridade da linguagem em relação a nós. É, ao contrário, um exercício de humildade, de compreensão de que para sabermos das coisas

precisamos estar nessa relação com elas. Queremos dizer com isso que aprender significa ouvir, estar à par, na escuta, na espera, estar atento, disposto, aberto.

Em nosso primeiro capítulo dissemos de início que filosofia não se ensina, porque filosofia é um movimento de vida, um jeito de perceber o mundo e as coisas, um jeito de caminhar. Tomamos como exemplo a figura de Sócrates, aquele cujo não deixou nada escrito, mas que no decorrer de seus dias, por meio de sua fala, espantou-se com o que via e buscou saber mais sobre. Quando Sócrates preferiu a morte ao negar o seu pensamento, ele demonstrou que a filosofia está relacionada a um jeito de ver o mundo e as coisas, um jeito de viver. Como ensinar um jeito de ver? Como ensinar uma espanto com as coisas? Como se ensina uma vontade de conhecimento? É nesse sentido que dissemos de início que filosofia não se ensina. Aí a necessidade de repensarmos o que entendemos por ensino de filosofia.

Nossa saída foi fundamentar que a filosofia enquanto esse movimento de vida, esse jeito de olhar, essa vontade de saber não necessariamente se ensina, mas que ela pode vir a acontecer. Falamos que primeiro nos espantamos com as coisas e os seus porquês, para em seguida, nesse estado de novidade, passarmos a investigação do que tais coisas são. Essa investigação os levou a uma decisão: a de saltar desse âmbito obscuro da dúvida dessas coisas (o que chamamos de plano ôntico) para um estado mais aclarado, isto é, para o que fundamenta a sua existência (o que chamamos de plano ontológico). Dissemos que faz filosofia no a-bismo, isto é, no sem chão, no local onde estamos mais perto do ser das coisas, o que tomamos por um espaço de transcendência.

Isso significa que fazer filosofia exige uma disposição para o a-bismo, para esse salto, essa renúncia do corriqueiro, do banal, para a tentativa de um entendimento mais profundo das coisas. Por isso dissemos que não se ensina uma vontade, mas que podemos encaminhar uma possibilidade para que ela aconteça. Para tal, propusemos um método. Encontramos na Psicagogia uma possibilidade de se encaminhar essa vontade. Sabendo que a filosofia acontece a partir de um espanto com a realidade, o método psicagógico, por meio do prévio conhecimento das almas dos alunos, consegue atingir o interesse, e por consequência, despertar o desejo de conhecimento desses alunos. Por meio da aplicação prática e da própria fundamentação conseguimos fundamentar que esse conhecimento não

se trata de algo muito complicado, mas da sensibilidade do professor de conversar com seus alunos e ainda de perceber por meio de suas deixas, o que lhes cativa.

Dado esse primeiro passo, o professor consegue mais facilmente trazer essas necessidades e interesses dos alunos para a leitura dos textos de filosofia em sala de aula, direcionando a discussão, para esses fins. Logicamente que isso não significa dizer que filosofia é coisa de gente mimada, mas muito pelo contrário, que ela deve fazer sentido para o aluno. Nesse mesmo sentido, que o professor incorpora o texto poético nas discussões. Em outras palavras: os textos de filosofia e de poesia pertinentes a grade curricular atrelados a encaminhamentos e discussões que façam sentido para a vida do aluno. O diferencial da Psicagogia é justamente essa sensibilidade por parte do professor de perceber o que toca o aluno e trazer isso para a discussão. Por isso a Psicagogia é essa condução das almas por meio das palavras.

A partir desse entendimento realizamos nossa aplicação prática. Nas duas aplicações a partir grade curricular das turmas, realizamos uma escuta dos alunos, levando textos filosóficos relativos a temas de seu interesse, atrelados as poesias de Fernando Pessoa. Fernando Pessoa aconteceu em nosso escrito como uma espécie de urgência. Em meio a tantos poetas que poderíamos ter escolhido, foi na obra poética de Pessoa que encontramos condições necessárias para o espanto, para decisão do salto, para enfim estarmos no caminho mais próximo do ser das coisas pelas quais perguntamos.

Essa urgência que dissemos em relação ao poeta se explica e até mesmo se justifica, pelos elementos de sua heteronímia e de seus escritos abordados nesse escrito: uma admiração pelo existir, uma entrega para a linguagem poética, um deixar ser, um transbordar-se em outros, um desassossego pela vida, uma crítica a um modo tecnicista estanque de pensar. Fernando Pessoa nos conduz a um pensar nas coisas por elas mesmas, enquanto Abeto Caeiro. Nos convida ao espanto pelo mistério da vida, a nossa impossibilidade de saber tudo sobre tudo, para uma abertura às coisas. Por isso ele, por isso o poeta da Psicagogia.

Por fim, a aplicação prática, esse processo de construção filosófica com alunos, nos foi o aprendizado mais valioso enquanto docentes. A leitura dos textos e dos poemas, as discussões, a elaboração dos trabalhos, enfim, todo o processo descrito, assim como a análise dos resultados, nos comprovou que nosso exercício docente vale a pena. Não

acertamos em tudo, o que é característica do próprio fazer filosófico: errar. De modo geral, concluímos que nosso método foi eficaz, e nossa maior felicidade é poder afirmar que a filosofia aconteceu em sala de aula.

Sim, a filosofia pode acontecer, para isso precisamos estar atentos, dispostos, abertos, prontos para atravessar, cientes de que cada passo, cada urgência, cada desassossego, cada desejo e saber sobre, é o que constitui o fazer filosófico, mais do que a resposta, mais do que o ponto de chegada, o que nos faz até o ponto em que estamos é nosso processo de travessia.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Identidade sem Pessoa. In: Nudez.** Trad. Davi Pessoa Carneiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- ARISTÓTELES. **Metafísica.** Tradução: Leonel Vallandro. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.
- ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro.** Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1980.
- BORNHEIM, Gerd. **O Conceito de Descobrimento.** Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.
- CORTAZAR, Julio. **Rayula.** In < <http://www.derechopenalenlared.com/libros/rayuela-cortazar.pdf>> acesso em 15 de Dezembro de 2019.
- CRUZ, Estevão Lemos. **Da Possibilidade da Transcendência Pelo Discurso Filosófico: excursos sobre λόγος e tempo.** 2016.
- DUQUE-ESTRADA, 2002, p.19. In HADDOCK-LOBO, Rafael. **Derrida e a Oscilação do Real.** Sapere Aude. Belo Horizonte, v. 4, n.7, p. 25-46 – 1º sem. 2013.
- FEITOSA, Charles. **Explicando a Filosofia com Arte.** Rio de Janeiro: Ediouro Multimídia, 2009.
- FOGEL, Gilvan. **Sentir, ver, dizer: cismando coisas de arte e de filosofia.** Rio de Janeiro: Mauad, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade da Transparência.** Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HEIDEGGER, Martin. **A Teoria Platônica da Verdade.** In Marcas do Caminho, Petrópolis, Vozes, 2008.
- HEIDEGGER, Martin. **Aclaraciones a la poesia de Hölderlin.** Trad. Helena Cortés Gabaudán e Arturo Leyte Coelho. Madrid: Alianza Editorial, 2005.
- HEIDEGGER, Martin. **Arte y Poesía.** Trad. Samuel Ramos. México: Fondo de Cultura Economica, 1973.

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Tradução: Marcia Sá Cavalcante Schubak. Petrópolis: Vozes, 2008.

HEIDEGGER, Martin. **Conferências e Escritos Filosóficos**. Trad. Ernildo Stain. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schubak. Petrópolis: Vozes, 2008.

HEIDEGGER, Martin. **Introdução à Filosofia**. Trad. Marco Antonio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schubak. Petrópolis: Vozes, 2005.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Verdade: a questão fundamental da verdade; da essência da verdade**. Trad. Emanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, Bragança Paulista, 2007.

HEIDEGGER, Martin. **Parmênides**. 2008, Petrópolis: Vozes, p. 213.

HOMEM, Wagner. **História de Canções: Chico Buarque**. São Paulo: Leya, 2009,

HORN, Geraldo. B. **Ensinar filosofia... sim, mas como?: Pressupostos teóricos e Metodológicos**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.

KOHAN, O. W. **Filosofia: o paradoxo de aprender e ensinar**. Trad. Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

KOHAN, O. W. **Sócrates e a Educação: o enigma da filosofia**. Trad. Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

KOHAN, O. W. **Filosofia: o paradoxo de aprender e ensinar**. Trad. Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LIRIA, Carlos Fernandez. *¿Para qué Servimos los filósofos?* Madrid: Catarata, 2012.

LISPECTOR, Clarice. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

MONTEIRO, Adolfo Casais (1954). Fernando Pessoa: **o insincero verídico**. Lisboa: Ed. Inquérito.

NUNES, Benedito. *Heidegger e a Poesia*. In: **Natureza Humana** 2(1):103-127, 2000.

NUNES, Benedito. **Hermenêutica e Poesia**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

PASCHOAL, Edmilson A. **Da especificidade da filosofia e seu ensino**. R. NESEF FIL. Ens, Curitiba, v.3 n.3, p. 16-24, jun/jul/ago/set. 2013.

PESSOA, Fernando. **Quando fui Outro**. Rio de Janeiro: Objetiva. 2006.

PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.

PESSOA, Fernando. **Ficções do Interlúdio/1 Poemas Completos de Alberto Caeiro**. Nova Fronteira. 1980.

PESSOA, Fernando. **O eu Profundo e os Outros Eus**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

PESSOA, Fernando. **Citações e pensamentos**. Org Paulo Neves da Silva. São Paulo: Leya, 2011.

PLATÃO, **A República**. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

PLATÃO. **Fedro**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora Universitária UFPA, 1975.

PLATÃO. **O Banquete**. Trad. Jorge Paleikat. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1994.

PLATÃO. **Teeteto**. Tradução: Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora Universitária UFPA, 2001.

PROPOSTA *Curricular de Santa Catarina: Formação Integral na Educação Básica*. 2014. Disponível em <<http://www.propostacurricular.sed.sc.gov.br>> Acesso em 03 de Fevereiro de 2018.

RANCIERE, Jacques. **O Mestre Ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002

ROSA, João Guimarães. **Manuelzão e Muiguilim: Corpo de Baile**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SITE DE ETIMOLOGIA. **Origem da palavra**. Disponível em: <<http://origemdapalavra.com.br/site/.html>>. Acesso em: 03 de Set. 2018.

SITE VINICIUS DE MORAES. Disponível em <<http://www.viniciusdemoraes.com.br/ptbr/poesia/poesias-avulsas/soneto-de-separacao>> Acesso em 03 de setembro de 2018.

TRABATONI, Franco. **Platão**. In <http://hdl.handle.net/10316.2/34790> Acesso em 22 de Janeiro de 2019.

WERLE, Marco Aurélio. **Poesia e Pensamento em Hölderlin e Heidegger**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

ZUBIRI, Xavier. **Cinco Lições de Filosofia**. Trad. Antonio Tadeu Cheriff dos Santos. São Paulo: É Realizações Editora. 2012.

## **ANEXOS**



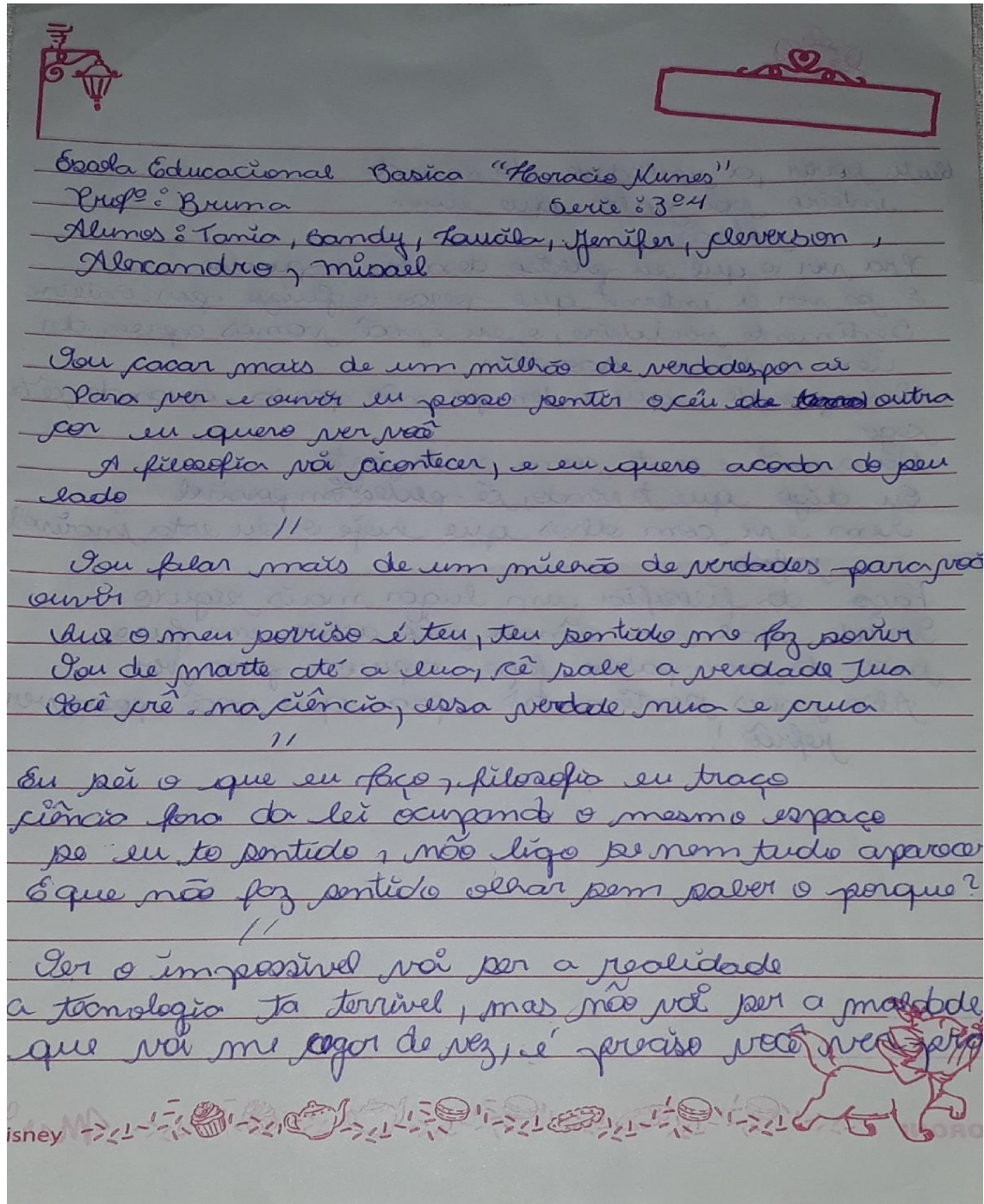
## **Anexo 01**

Link da página do *facebook* “Quantos eus há em nós” criada na Aplicação 01:

<https://www.facebook.com/Quantos-Eus-H%C3%A1-em-N%C3%B3s-124972998198702/>

## Anexo 02

Música apresentada na Aplicação 02:





Para ver o que eu preciso desalvo o paraíso  
É só ver a internet que perco o fúio por inteiro  
Sentimento verdadeiro, e eu é você nome apreender  
Com a dança ao ar livre

Dá a mão e pente como eu to certo

sem e ve com olhos que vejo o teu esta incrível  
refrão

Faço da filosofia um lugar mais seguro  
 Verdade real na cômica não achou em furo  
 não do com passo faço apuros para ver  
 Abro meus sentimentos pra que você possa ver  
 refração!



### Anexo 03

Música apresentada na Aplicação 02:






Escola de Educação Básica Horácio Nunes  
Alunas: Pamela, Bruna, Joseli, Josiemi, Araújo, Kelli, Karina  
Série: 3º 04

TRABALHO DE FILOSOFIA:  
Ela só quer mais!

El

Ela é um filme de ação com muitos finais  
falando política e comércio bancário.  
Usa a violência com você não usa de mais  
Ela nem sempre vai deixar claro, então entenda simas.  
Para o Paraíso mas não se fez  
Tem perigo de si mas tem hoje tem mais  
Ela te manipula antes de chegar ao cair  
você fala, fala, ela se chegou fez.  
Ela não pensa, não pensa, não pensa jamais  
você parado, parado de mais  
você para ainda mais tanto fez  
Realidade é diferente de 50 anos atrás  
Não quer 5 minutos do seu tempo o que  
ela quer te fazer sem mais o mal fez  
ela entende o corpo humano e a realidade  
fez  
Se não pode até com  
Por que ela só quer mais  
Se ela só quer mais  
Se ela só quer mais  
Se ela só quer mais  
Se ela não quer mais que mataria seus amigos  
você amou mais, Amigos seus  
Se todos os bichos como animais

© Disney

• MINNIE MOUSE •   Minnie  Mouse OH MY!  

até um coisa simples, não iracionais  
Já pensar deixaram de ser originais  
Copiam pensos legais mas esquecem que vocês  
não sentiam  
ela não é sua amiga rapaz  
Ganha tudo pronto e fácil, difícil é  
pensar demais

Ela vai te enganar pra ver se quer mais  
e ao mesmo tempo vai te trazer um senso comum  
pra ver se não reclama mais  
ela vai fazer você acreditar que tudo é  
demais

mas quando precisa vai ver que é  
só mais um iludido de mais

Quas máquinas são daquelas  
fenômenos:

vitamina é seu imposto e alimentação rapaz

ela é a vida, após a vida

Descansa seu corpo em dias normais  
pra que mais?

Ela não pensa, não pensa, não pensa mais  
...

Não quer só 5 minutos de seu tempo rapaz  
...

Porque ela só quer mais  
...

tilibra



OH  
MY!

Minnie



Mouse



• MINNIE MOUSE •

## Anexo 04

Carta de aceite para participação nas Olimpíadas Filosóficas do Ensino Médio de 2018:



### Carta de Aceite de Trabalho

Autor (es): Josieli Frguel, Josiane Froguel, Pâmela dos Santos, Ana Júlia Bigas, Bruna Niejelski, Karina Sen, Kelly Colasso, Luana Ruteninski, Ana Maria de Fátima Reinert, Alex Maier, Joiece Castanho, Rosângela Woytechen, Camile Stasala.

Título: Homem e tecnologia: quem tem medo do corpo?

Link da produção: <https://youtu.be/i3Znw6WMV3s>

Professor (es): **Bruna Gabriela Domingues**

Prezado (a) participante:

É com grande satisfação que lhe comunicamos que o seu trabalho foi aceito para apresentação na **Olimpíada de Filosofia do Ensino Médio** a realizar-se na Universidade Federal do Paraná (UFPR), prédio Rebouças situado em: Avenida Sete de Setembro, 2645 no dia 19 de outubro de 2018 das 08:00 às 11:30.

**Solicitamos que os professores confirmem a presença no evento até dia 16/10/2018 às 22:00.**

No período da tarde (13:30 às 16:30) ocorrerá para os participantes que tiverem disponibilidade uma sessão do cineclube NESEF/UFPR no mesmo espaço.

Curitiba, 12 de outubro de 2018.

**Prof. Dr. Geraldo Balduino Horn**

p/ Comitê Científico/Comissão Organizadora

E-mail: [olimp.nesef@gmail.com](mailto:olimp.nesef@gmail.com)

Página eletrônica: <http://www.educacao.ufpr.br/portal/nese/olimpiadas-filosoficas/>

## **Anexo 05**

Link do vídeo apresentado na Olimpíada filosófica do Ensino Médio de 2018:

<https://youtu.be/i3Znw6WMV3s>